U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

MORTE E VIDA DA CIDADE - Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonfim

Catarina Lopes de Oliveira

M

2023

U.PORTO

Catarina Lopes de Oliveira. MORTE E VIDA DA CIDADE - Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonnfim

M.FAUP **2023**

MORTE E VIDA DA CIDADE - Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonfim

Catarina Lopes de Oliveira

FACULDADE DE ARQUITETURA

MORTE E VIDA DA CIDADE

Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonfim

Catarina Lopes de Oliveira

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação por Mário Mesquita
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

2023

NOTA À EDIÇÃO

1. A presente dissertação obedece ao novo acordo ortográfico. Contudo, poderão existir excepções, por exemplo, no caso de transcrições onde se mantém a grafia original.

2. Todas as citações referentes a edições de língua não portuguesa sofreram traduções livres pelo autora, encontrando-se a versão em que foi lida a bibliografia em nota de rodapé.

3. A numeração das figuras é reiniciada em cada capítulo e referenciada, respetivamente, na lista de imagens.

4. Num esforço de coesão gráfica da dissertação, algumas das figuras utilizadas sofreram edições de recorte e modificações cromáticas em relação à sua versão original.

Eu, Catarina Lopes de Oliveira, autorizo a publicação desta Dissertação no sistema de Informação da Universidade do Porto. Consinto também com a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrónico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

AGRADEÇO

ao professor Mário Mesquita,
pela sua orientação, amizade, confiança e por acreditar no meu trabalho;

à minha família e aos meus amigos,
pela forma incansável como me suportam;

aos meus colegas e professores, à comunidade FAUP-PTRI,
por um percurso (in)finito cheio de aprendizagens e descobertas;

à comunidade da "Horta da Bananeira" e da "Ocupação do Escaravelho"
e a todos aqueles que participaram direta ou indiretamente na formulação do presente trabalho,
pela amizade e disponibilidade e, acima de tudo, por criarem projetos como este no cenário atual da cidade;

à cidade do Porto,
que me fascina e motiva à sua vivência, palco da presente dissertação,
sem ela nada disto seria possível.

Um grande obrigada.

Dedico ao meu irmão João,

RESUMO

A presente dissertação surge do interesse, quase que impulso, de observar, viver e compreender os espaços que restam. Aquilo ou qualquer coisa que o tempo permitiu que o desinteresse, a impossibilidade e o abandono fossem o seu alvo. Vontade de percecionar, refletir e contribuir criticamente para o entendimento do micro e macrocosmos da cidade através da observação de fenómenos de inutilização e abandono no sistema territorial urbano.

Os espaços invisíveis da cidade assumem-se assim, tridimensionalidade que coexiste e compõe a nossa vivência protagonizando o objeto de estudo alvo em foco no presente trabalho. Como amostra e caso de estudo "debruço-me" sobre as estruturas-ruínas na freguesia do Bonfim, na cidade do Porto, assim como, os espaços devolutos e em abandono, na tentativa de compreender a realidade desta problemática através dos percursos e vivências que cruzam as especificidades características da urbanidade em estudo.

Pretende-se refletir como as impermanências destas arquiteturas entre a vida e a morte do edificado e como as consequências da sua presença no território da metrópole podem ser reequacionadas à luz da consideração que a cidade é um ser vivo que nasce, cresce, morre e se transforma. Denota-se, por isso importante, pensar as ruínas urbanas como o retrato (im)permanente dos espaços que nos envolvem e o modo como podemos criar um pensamento capaz de ultrapassar positivamente a situação de perda e abandono atual das nossas cidades.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade - Identidade - Vida - Morte - (Im)permanências - Percursos - Abandono

ABSTRACT

The present dissertation arises from the interest, almost an impulse, to observe, experience and understand the spaces that remain. Those places or anything that time has allowed disinterest, impossibility, and abandonment to target. A desire to perceive, reflect upon, and contribute critically to the understanding of the micro and macrocosm of the city through the observation of phenomena of disuse and abandonment in the urban territorial system.

The invisible spaces of the city thus assume themselves as a three-dimensionality that coexists and shapes our experience, taking center stage as the focal point of this study. As a sample and practical case study, I focus on the ruined structures in the Bonfim parish in the city of Porto, as well as on vacant and abandoned spaces, in an attempt to understand the reality of this issue through routes and experiences that intersect with the specific characteristics of the urban environment under scrutiny.

The aim is to reflect on how the impermanence of these architectures between the life and death of the built environment, as well as the consequences of their presence in the metropolis' territory, can be reexamined in light of the notion that the city is a living entity that is born, grows, dies, and transforms itself. Therefore, it is important to consider urban ruins as the (im)permanent portrait of the spaces that surround us and how we can develop a way of thinking capable of positively overcoming the current situation of loss and abandonment in our cities.

KEYWORDS

City - Identity - Life - Death - Impermanences - Walkscapes - Abandonment

SUMÁRIO

pg.

1 **MORTE E VIDA DAS CIDADES** - Reflexões Introdutórias 001

I.I Objeto e Objetivos 003

I.II Motivações e Enquadramento 004

I.III Estrutura e Metodologia 005

2 **A CIDADE INVISÍVEL** 007

II.I Entre o Espaço e o Tempo 011

II.II As 7 Vidas da Arquitetura: 012
. O projeto: da ideia à construção 015
. Manutenção, preservação, conservação 018
. Reabilitação, adaptação, alteração 022
. Expressão 025
. Abandono e apropriação 027
. Desconstrução e demolição 030
. Memória e ressureição 031

II.III O Abandonar: A Edificação da Ruína Contemporânea 035

3 **WALKSCAPES** - Percursos, Deambulações e Expedições Urbanas 039

III.I *"Flâneur"* : Excursões, Deambulações e Derivas na Cidade 045

III.II Expedições pela freguesia do Bonfim, os percursos: 053
. 1 : Das Antas ao Marquês 055
. 2: Entre a Alegria e Santos Pousada 057
. 3: Pela Fernão Magalhães e afluentes 059
. 4: Do Bonfim ao Heroísmo 061
. 5: No Heroísmo 063
. 6: Do Parque das Águas à Campanhã 065
. 7: Entre o Douro e as Fontaínhas 067

III.III Vazios Urbanos: Ruínas e Terrenos Vacantes no Bonfim 073

4 **LUGARES E NÃO-LUGARES** - Uma análise pelo território 079

IV.I "Não-Vazios" 084

IV.II Testemunhos Impermanentes 085
. 1 : Métodos de dissuasão 087
. 2: Espécies endémicas das invisibilidades 093
. 3: Deterioração, lixo e entulho 096
. 4: Expressão artística, um esquiçar o abandono 098
. 5: Vestígios de danos 102
. 6: Ocupações humanas: pernoita e "*squatting*" 103
. 7: Dinamismos, performatividades e ocupações 106

IV.III Mapas de Texturas e Sonoridades Urbanas 107

5 **INTERMITÊNCIAS DA MORTE** - Apropriar, Ocupar e Habitar 113

V.I Habitar o Entretanto: entre o "Escaravelho" e a "Bananeira" 119

V.II Presenças e Diálogos. À conversa com: 121
. 1 : Sr.Teixeira 125
. 2: Júnior, família e amigos 125
. 3: Lauren 125
. 4: Ali 130
. 5: Gracia e Raoul 131
. 6: Sofia 132
. 7: Beatriz

V.III A Cidade no Tempo 134

6 **O DIREITO À CIDADE** - Reflexões Finais 137

VII.I Em Suma 141

VII.II Aplicabilidades para o Futuro 144

7 **A DIMENSÃO OCULTA** - Fontes de informação e imagem 145

VII.I Referências Bibliográficas e Iconográficas 149



CAPÍTULO

1

REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

MORTE E VIDA DA CIDADE

A partir da obra de Jane Jacobs ´*Morte e Vida de Grandes Cidades Americanas*´

Morte e Vida de Grandes Cidades Americanas (Jacobs, 2011)[1], da autoria da jornalista e ativista política Jane Jacobs, critica os fundamentos do planeamento urbano e os modelos de urbanização vigentes na época em questão, nos Estados Unidos da América, na década de 1950. Através de uma análise tanto espacial como das relações intrapessoais nas dinâmicas apresentadas entre indivíduos com o espaço público que os delimita, Jacobs atribuí uma visão crítica e consciente às implicações que a arquitetura e o urbanismo apresentam na praticabilidade da vivência das populações que habitam a cidade. Este entendimento etnográfico no qual se procura identificar no quotidiano dos indivíduos as razões para a violência, insegurança, sujidade, degradação e abandono ou, por oposição, as causas para a existência de segurança, boa manutenção e qualidade de vida em lugares que constituem o cenário das metrópoles é mote para o desenrolar da respetiva obra. Esta análise disserta sobre as práticas de pensamento e renovação do espaço público alertando para a relevância das decisões arquitetónicas necessariamente consequentes para a vida daqueles que vivem e habitam a arquitetura. *Morte e Vida das Grandes Cidades Americanas* enuncia, por conseguinte, os elementos e dinamismos que integram a urbanidade que, eficaz ou ineficazmente, servem as populações apresentando uma visão dicotómica em relação ao que positivamente favorece a Vida ou o que promove a Morte das relações do homem com o espaço que o envolve.

É através deste olhar sobre a cidade simbioticamente analítico, crítico e contemplativo assim como a experiência do sujeito na utilização da mesma que o título desta obra serve como mote para o desenrolar do presente ensaio (dissertação). A inspiração e correlação direta da denominação da obra prende-se não só à alusão ao gesto audaz com que Jane Jacobs apresenta os seus argumentos através da cuidadosa análise espacial, *in situ*, e no modo como confronta tais fatores com as consequências que tal oferece para o ser humano, como pelo cariz construtivamente crítico sobre o qual olha, descreve, imagina e projeta soluções para a rede citadina através do contacto direto com as dinâmicas presentes na urbanidade.

O presente trabalho, *Morte e Vida da Cidade*, reporta à intencionalidade da obra acima apresentada apesar de, atuar num formato díspar onde o foco temático lê-se particular e necessariamente muito dissonante em relação ao objeto temático de Jacobs: a realidade americana da década de cinquenta, descrita pela autora.

[1] A partir da consulta da obra: Jacobs, J. (2011) *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Fig. 1.1
Onde a água corria, Lavadouro da Presa Velha (Rua da Formiga, Porto)

Já no presente caso, pretende-se descrever espaços, tempos e dinâmicas observadas e vividas no lugar sobre o contexto atual da cidade do Porto: a freguesia do Bonfim. O batismo *Morte e Vida da Cidade - Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonfim*, intenciona aproximar e, naturalmente, referenciar a obra de Jane Jacobs com um olhar crítico sobre uma especificidade (imensa) de um contexto singular na atualidade da cidade do Porto.

1.1 OBJETO E OBJETIVOS

Exploram-se tanto os processos e fenómenos arquitetónicos que potenciam a vida como aqueles que, ciclicamente, são fruto da desconstrução, do desgaste, abandono e apropriação onde a efemeridade da própria natureza construtiva protagoniza a problemática da iminente morte arquitetónica. É através deste ciclo que a perenidade dos materiais e da construção é posta em causa, iniciando-se um processo gradual de desconstrução e perda de funcionalidade pela falta de integridade física e estrutural das arquiteturas fomentadas pelo abandono e desocupação do espaço.

Enuncia-se o parâmetro tridimensional inerentemente ligado ao desenrolar do tempo através do testemunhar dessa mesma temporalidade no próprio espaço, no modo como esse vínculo (espaço-tempo) está presente na arquitetura que formula o nosso dia-a-dia nas diversas interações que se possibilitam entre os sujeitos e as cidades que estes habitam. Lugares onde o espaço e o tempo se reformulam reciprocamente entre passado, presente e um futuro suspenso na morte e vida da cidade.

O presente trabalho pretende analisar o modo como estes processos entre a morte e a vida da arquitetura se materializam na cidade através do confronto com a vivência e exploração do território na especificidade do contexto da cidade do Porto. Perante uma vastidão de fenómenos reconhecidos nas intermitências do ocaso urbano, restringe-se e estabelece-se como foco os processos e circunstâncias arquitetónicas observadas, fruto do abandono de lugares e estruturas no contexto da freguesia do Bonfim. Lugares transitórios, que compõe paisagens invisíveis, são agora objeto de estudo na tentativa de recolher uma análise integral da sua dimensão sistémica.

Almeja-se ensaiar a partir das estruturas que materializam as descontinuidades de usufruto e utilização da arquitetura (abandonos) nomeadamente, as ruínas, as pré-ruínas e os terrenos vacantes no Bonfim, o questionar sobre o modo como estas resistem e integram a comunidade na rede da cidade. Deste modo, pretende-se refletir criticamente sobre esta temática através das estruturas em perda na tentativa de analisar não só o que existe ou o que outrora existiu, como existe e como se perspetiva que exista na posteridade.

A consciencialização e desenvolvimento desta temática eleva-se quando aplicada não só ao conhecimento e recolha de informação na singularidade do seguimento deste trabalho, como proposto acima, mas quando utilizada como molde para pensar e projetar as arquiteturas no presente, ruínas da cidade do futuro.

1.2 ENQUADRAMENTO E MOTIVAÇÕES

A presente dissertação nasce como ideia fruto do contexto das aprendizagens adquiridas no âmbito da comunidade de inovação pedagógica PTRI (Porto: Territórios e Redes de Invisibilidade). É no decorrer dos percursos caminhados e dos diálogos e experiências partilhadas com os restantes elementos da coletividade, no seguimento da análise e exploração da rede de invisibilidades, (experimentados em aula) que surge o momento iniciático para a exploração das temáticas estruturantes no desenvolvimento da presente exploração.

O exercício e molde sobre o qual as aulas da unidade curricular se explanaram nomeadamente, o facto dos momentos de aprendizagem se desenrolarem em contacto direto com o objeto de estudo: a rede de dinâmicas potenciadas pela cidade - permitiu uma aproximação aos fenómenos urbanos através da sua observação, do seu reconhecimento, da sua análise e interação *in situ*. As aproximações ao território urbano realizadas no desenvolvimento do trabalho individual no contexto da unidade curricular PTRI tiveram como foco os percursos possibilitados pelo 'exosqueleto urbano' através do caminhar errante por entre os limites da arquitetura.

A deambulação foi, por conseguinte, assunto a dedicar especial atenção através da exploração e experimentação com o território, com os seus trajetos, fluxos e orientações. As indagações e percursos levados a cabo nesta circunstância realizaram-se sobre uma parcela de território da freguesia do Bonfim, fator que aproximou a autora às especificidades e contexto do terreno percorrido.

Tal circunstância denota-se fulcral no interesse acrescido potenciado pelo estabelecimento de uma relação de proximidade e curiosidade da própria em relação à zona do Bonfim, culminando na vontade de criar um projeto futuro com esta comunidade através do reconhecimento e vivência dos seus lugares em perda, testemunhados em primeira instância pelas deambulações corporizadas no espaço da freguesia.

Esta aprendizagem que se torna, ela própria, participativa com o elemento em estudo converte-se simbioticamente em enredo citadino e abrange um olhar e atitude sobre a cidade que guiam e inspiram o desenvolvimento de *Morte e Vida da Cidade - Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonfim*.

1.3 METODOLOGIA E ESTRUTURA

Para analisar os fenómenos urbanos que resultam da inutilização humana (convencional), fruto do abandono da arquitetura, empregou-se, primeiramente, a ação operativa e participativa de deambular e, posteriormente, percorrer o espaço público do contexto em estudo. Assim sendo, obtém-se um primeiro contacto interativo com o território que vem permitir a identificação e descoberta dos lugares em perda no âmbito do Bonfim.

O caminhar atua como ferramenta que viabiliza o mapeamento destes "não-vazios"[2] a partir dos quais se segue a sua experiência e documentação sob os mais variados formatos entre o desenho, pintura, fotografia, vídeo, gravação áudio, diálogos e pequenos apontamentos. A captação e vivência destes microuniversos implicou a participação direta e lúdica da autora nas interações e no cruzamento de cooperação com indivíduos, assim como na integração em projetos que cruzam os percursos caminhados na cidade do Porto.

As expedições urbanas orquestradas pelos eixos viários do Bonfim são mote e circunstância para o desenrolar do testemunho das dinâmicas presentes no próprio território. Assim sendo, *Morte e Vida da Cidade*, circunscreve-se como caminho por entre caminhos, viagem imprevisível por lugares e tempos perdidos entre passado e futuro.

A presente dissertação é composta por 7 capítulos, onde se destacam 3 momentos distintos: as reflexões introdutórias (Capítulo I); as reflexões principais, correspondentes ao desenvolvimento dos temas propostos no projeto de tese no qual se apresentam repartidos por 4 momentos centrais (Capítulos II, III, IV, V); e as reflexões finais (Capítulo VI e VII) que finalizam o ciclo de progressão da dissertação. Cada capítulo integrante das reflexões principais, subdivide-se em 3 partes da qual o segundo tópico presente em cada um dos 4 capítulos se torna a fragmentar noutros 7 subtemas.

Enquadrado nas reflexões principais, o primeiro momento, correspondente ao Capítulo II, pretende explanar a conceção de um entendimento individual e crítico sobre o objeto de estudo através do seu enquadramento, exploração e problematização teórica. A análise da dicotómica relação espaço-tempo, materializada na arquitetura através da temporalidade que com ela cocria as acessões e potencialidades das vivências arquitetónicas vem, primeiramente, enquadrar e introduzir o contexto de variação de fenómenos urbanos sobre os quais o espaço se apresenta perante a interação e cocriação humana, dos quais surgem: as 7 vidas da arquitetura. Entre as dinâmicas integrantes das vivências intermitentes na urbanidade distingue-se o abandono, temática que principia o objeto de estudo e foco do primeiro momento.

[2] O vócabulo composto ´não-vazio`, desenvolvido no presente trabalho, surge como conceito divergente do ´não-lugar` de Marc Augé na sua obra *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade* (Augé, 2016). Por oposição, o ´não-vazio` lê-se como um espaço abandonado que, apesar de desocupado se encontrar, apresenta-se longe de vazio se puder definir. Eleva-se a lugar capaz de criar um novo tipo de relações antropológicas com os sujeitos que com este interajam. Um lugar nunca vazio mas cheio de dinamismos presentes e potencialidades futuras (consultar pág. 84).

Os posicionamentos teóricos determinados no Capítulo II serão a base de orientação para o desenho dos capítulos sucessivos. No seguinte Capítulo III, momento 2, efetua-se a aproximação ao objeto de estudo no plano local e concreto de análise na cidade do Porto. Tal ação é corporizada pela delimitação de percursos que atravessam e manifestam as dinâmicas urbanas que persistem no contexto em estudo através do movimento de caminhar e deambular pelo território.

Tendo em consideração a afinidade estabelecida com o real pela capacidade de interação explanada nos capítulos anteriores, no terceiro momento da dissertação, procura-se identificar os lugares, os intervenientes e as dinâmicas instituídas nos espaços transitórios, fruto do abandono arquitetónico. Quais os intervenientes e mecanismos que reinam os processos em perda nos interstícios da morte e vida da arquitetura serão mote do Capítulo IV.

No quarto momento, Capítulo V, explora-se a especificidade do modo como os fenómenos de apropriação humana atuam em resposta ao abandono das estruturas da cidade. Procura-se humanizar as intermitências da morte da arquitetura através da análise de estórias e situações concretas de indivíduos e projetos que habitem a efemeridade e transitoriedade do espaço urbano.

Todos os sete capítulos abordados são introduzidos por uma análise e comentário a uma bibliografia que se notou relevante para o pensamento sobre cada temática desenvolvida no seguimento do respetivo capítulo. Pretende-se relacionar e semear conceitos que, posteriormente, serão explanadas no desenrolar do capítulo em questão e enquadradas no contexto e especificidade do assunto e tema da dissertação a desenvolver. Do geral ao particular. Assim, cada capítulo é batizado pelo título de uma obra que lhe serve como mote e ponto de correlação para a progressão da ideia de cada momento decorrido ao longo da investigação vigente, rede de interligação de ideias, espaços, estórias e outros tempos.



Fig. 2.1
Olhar o Freixo
(Bonfim, Porto)

CAPÍTULO

2

REFLEXÕES

A CIDADE INVISÍVEL

A partir da obra de Italo Calvino *´As Cidades Invisíveis´*

"As cidades como os sonhos, são construídos por desejos e medos, ainda que o fio condutor do seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspetivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa." (Calvino, 2015)

As Cidades Invisíveis apresentam uma exposição de relatos de cidades imaginadas que o viajante Marco Polo conta ao imperador Kublai Kan. O viajante descreve urbanidades transfiguradas de cada lugar que visita na vastidão do império de Kublai. Impossibilitado de não puder observar toda a extensão do seu reino, Kan apreende a imensidão de território que detém através das narrativas de Marco Polo. O viajante torna-se visão do soberano, telescópio que alcança a grandiosidade da sua aparente potência.

Assim, extrapolam-se as terrenas possibilidades e inicia-se um diálogo caricato entre os diversos relatos visionários de cidades impossíveis apresentados por Marco Polo ao imperador. Exemplo dessas estórias é o caso da cidade bidimensional conhecida como Moriana, ou mesmo, uma outra urbe onde os mortos coexistiam numa realidade que se molda negativo da cidade dos vivos. "E para que o salto da vida para a morte seja menos brusco, os habitantes construíram debaixo da terra uma cópia idêntica da sua cidade." (Calvino, 2015)

Num universo onde o domínio e o poder contam pouco atendendo a iminente inevitabilidade de um mundo em ruínas, as narrativas fantásticas do viajante apresentam-se dicotomicamente impossíveis e relevantes para a perceção e assimilação do real. Este imaginário evoca, para além de uma ponderação à pluralidade das possibilidades infinitas da cidade, uma ideia atemporal na discussão sobre a urbanidade no panorama e contexto atual.

Tal como na obra de Italo Calvino onde as impossibilidades e invisibilidades das inúmeras arquiteturas observadas e divulgadas pelo olhar e narração de Marco Polo são alvo de foco na sua obra, também o presente trabalho (e sucessivo capítulo) pretende introduzir um olhar sobre a cidade através de narrativas assentes no sistema relacional espaço-tempo onde se exploram as suas diferentes materializações no território. Entre as vivências facilmente testemunhadas e observáveis na cidade e as dinâmicas invisíveis no modo como a arquitetura se relaciona com a temporalidade através do espaço, imagem da sociedade, que se desenrola a seguinte análise. A cidade invisível está bem mais próxima do que um primeiro olhar poderá conseguir definir.

2.1 O ESPAÇO NO TEMPO

O sistema relacional espaço-tempo delimita o universo e cenário da ação humana. É neste contexto que o homem através da criação e manipulação dos materiais articula o espaço de acordo com as suas necessidades. A arte de projetar, a arte de construir. O espaço da arquitetura encontra-se, naturalmente, localizado e vinculado ao tempo que a define. Tudo o que existe e tudo aquilo que se constrói tem uma implicação no momento em que nasce, como no seu futuro e encontra-se contextualizado num tempo anterior a si.

Deste modo, o ser humano relaciona-se não só com a conceção e capacidade de criação de espaço, como também com as evoluções e implicações que o espaço criado apresenta ao longo do tempo. Várias são as suas acessões, dinâmicas e vivências de correlação que os indivíduos articulam com a progressão do marcar do tempo no espaço. Quando estas performatividades extrapolam a visão individual de um espaço e se consideram à luz de um contexto plurifacetado como é a rede de lugares que definem a cidade, a sobreposição de vários tempos numa só urbe é inteligível.

A cidade compõe um universo infinito de palcos, cenários, sujeitos, ações, interações e possibilidades centralizados num espaço físico, múltiplo de aceções e oportunidades onde o tempo dita, delimita e transforma as suas capacidades de existência e utilização. Esta correlação simbiótica entre espaço e tempo protagoniza a efemeridade e pluralidade de vivências dos sujeitos no mundo.

A manifestação do tempo no espaço e o modo como os indivíduos interagem e recriam as arquiteturas em função da sua inevitável continuação temporal, ora abraçando, ora recusando o seu fim, vem retratar as vidas da arquitetura que serão enunciadas seguidamente: 7 Vidas da Arquitetura. Neste sentido, e dependendo do abraço, da recusa ou da manipulação que se efetuar, novos processos e novos espaços consequentes surgirão fruto das anteriores ações que o presente dita sobre a cidade do futuro. É no intervalo de tempo entre o passado e o futuro que vários processos surgem entre a vida e a morte das arquiteturas.

2.2 7 VIDAS DA ARQUITETURA

A arquitetura confronta-se constantemente com a mudança e capacidade de reinvenção do sustento da sua existência, deparando-se com o limite e efemeridade das suas variadas utilizações através da iminência da sua desconstrução. Esta aproximação à naturalidade e deformação da sua integridade material proporcionam infinitas possibilidades de novos tipos de utilização dos seus espaços no tempo entre a vida e a morte do edificado. As intermitências do fim da arquitetura e a redefinição dos seus objetivos, ações e atores vêm desafiar a ideia singular e estática da eternidade do processo de viver e habitar a construção.

Reflete-se sobre o desafio singelo da dicotomia espaço-tempo onde tanto a dissonância como a concordância destas variáveis criam novos modos de viver e cocriar o espaço arquitetónico na tentativa de o maximizar, ou não, ao longo do tempo. A necessidade de estender e prolongar as vidas da arquitetura para uma segunda, terceira, quarta ou mesmo sétima vida, num ato de ressurreição do mundo físico na fuga do espaço contra o tempo, proporcionam fenómenos de utilização informal e plural nas suas possibilidades de usos e formatos.

Assim como os gatos são presenteados com uma pequenez de imortalidade através das suas 7 possíveis vivências, também a arquitetura caminha no mesmo sentido de reinvenção constante na busca pela justificação da sua presente existência. Ao contrário dos felinos companheiros que se arriscam entre saltos e correrias, os espaços imortalmente jazem no mesmo local num espectar de imortalidade de ações e utilizações.

No entanto, a noção de tempo vem acrescentar o desafio perante esta sólida ideia estanque e intocável da construção, na sua fugaz efemeridade e transitoriedade daquilo que são as necessidades imprevisíveis e mutáveis do ser humano. É neste abraço curioso da material ´Firmitas`[3] com a natural apropriação e criação espacial que nascem as várias possibilidades da transformação daquilo que são as vivências no espaço arquitetónico. Estas transformações vêm desafiar a eternidade do espaço.

As 7 vidas da arquitetura podem-se assim descrever pelas suas variadas acessões e perspetivas no modo do ser humano interagir e olhar o construído (Stoner, 2016)[4]. Num primeiro plano nasce a ideia, ainda mental, da projeção daquilo que será um futuro espaço. Saltamos para um primeiro culminar de intenções que, posteriormente, fundarão aquilo que podemos viver e habitar. Aqui, encontra-se a compatibilidade utilitária do começo da existência do espaço com as necessidades de habitar do Homem. A partir do ponto no qual o espaço existe e serve a vivência de qualquer um e a sua integridade e razão de ser se mantiverem intactas e inquestionáveis, a sua vivência ativa o manterá cuidado, próspero e capaz de justificar a sua jovialidade num universo em constante transição e evolução.

[3] ´Firmitas`(solidez): um dos três princípios que inauguram a base da arquitetura clássica, apresentado por Vitrúvio na sua obra tratadística *De Architectura* (Vitrúvio, 2006).

[4] A elaboração das 7 vidas da arquitetura advém de uma reinterpretação do artigo *Nine Lives of Buildings,* onde o autor Jill Stoner relaciona analogamente as variadas vivências arquitetónicas com a pluralidade de vidas com que se felicitam, coloquialmente, os gatos. Tal como nas lendas referentes aos felinos companheiros também na arquitetura se prolonga, efemeramente, a eternidade. (Stoner, 2016)

Tal como os organismos se compõe da noção cíclica da sua existência, também o ciclo do edificado trespassa a sua embrionária noção de conceção e primeiras primaveras de serena tranquilidade no modo de utilização, como também evoluí para novas e inesperadas transitoriedades de formas de habitar e percecionar a construção num percurso imprevisível de constantes adaptações.

São estas variadas formas de percorrer a temporalidade da arquitetura que enriquecem as possibilidades de olhar e interagir com a desconstrução do próprio espaço. É de interesse, portanto o questionar da finalidade de todo o processo construtivo e pensar de que forma podemos dinamizar, ou não, a inevitável decadência da própria matéria. Ou ainda, que atitude assumir perante a vida e morte da arquitetura; tentar adiar e remendar positivamente o seu vagaroso fim ou permitir que o tempo dite o seu destino?

A preservação, conservação e restauro iniciam aqui um capítulo num mar de possibilidades de atitudes perante a arquitetura. A manutenção das suas características físicas na tentativa de cuidar, promover e reinterpretar o seu formato e performance original perpetuam a ideia inicial da sua leitura do espaço em questão sem que se tente apagar e modificar algo de presente no que de passado se define.

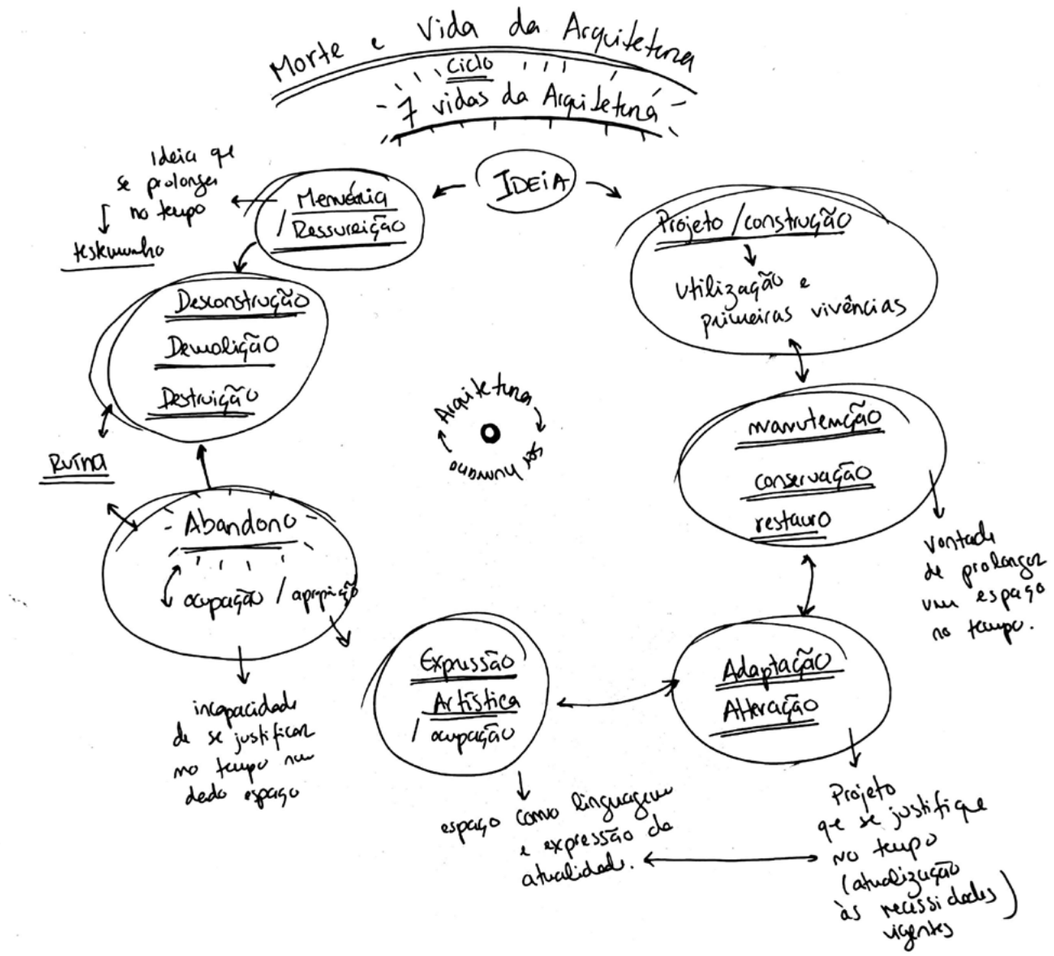
Por outro lado, e frequentemente observável por toda a cidade, renovações, adaptações e reabilitações de construções que outrora se clarificavam e justificavam a sua existência de um tempo que não o presente, hoje pedem a necessidade de uma nova vida. Um rejuvenescer simbiótico entre passado e presente onde o somatório de ambas as realidades resulta (espera-se) numa nova oportunidade de tornar como resposta atual elementos anteriores a este.

Quando porventura, se torna difícil ou impossível essa compatibilização de necessidades com os recursos e possibilidades que um espaço permite e, por diversas razões, tanto diretas como indiretas, a adaptação através da construção deixa de conseguir servir o seu propósito, sucede o abandono. Este é talvez o fenómeno mais imediato e natural no modo de inadequação das suas qualidades às necessidades e possibilidades terrenas permitidas num dado momento a uma dada arquitetura. O fator de descuido, desleixo e desinteresse adotados num espaço e provenientes de variadas naturezas, tanto económicas, políticas, familiares e situacionais contribuem para que o seu inevitável destino se aproxime e a arquitetura se torne testemunha da sua própria detioração e degradação. A vivência do homem quando em falta é sentida, materializa-se no espaço que antes lhe servira. Também aqui o espaço é saudade.

O abandono na maioria das vezes mostra-se primeira etapa para a material desconstrução da noção física do que a arquitetura permite definir. Este culminar para a inexistência daquilo que outrora fora uma ideia, ontem construção e hoje decomposição termina por vezes num desejo quase que precoce do fim. Quando o espaço nocivo se torna na sua descontrução, uma nova vida de desejo que a mesma acabe se cria. O demolir da sua forma por vezes se demostra a atitude possível de tomar num apagar físico da impossível ideia de o eliminar. Depois da inexistência material de um espaço ainda jaz uma vida difícil de destruir, a memória.

As transitoriedades destes vislumbres vividos pelos espaços dão aso à experimentação das suas novas e possíveis funcionalidades abrindo porta à apropriação destes lugares. As anteriores experiências de abandono e desconstrução antecedem, por vezes, a vontade futura de cocriar um espaço em perda. Tanto um espaço servindo de tela para novas ideias através da expressão artística na arquitetura, como a utilização informal destes locais para diversos fins como habitação, atividades de subsistência, lazer , arte e reocupação.

Todas estas possíveis performatividades de interação entre o ser e aquilo que o circunda fundam os alicerces do presente trabalho, onde as vidas de espaços em perda, alvo de abandono, desconstrução ou apropriação – categoricamente situadas, no iminente fim de ciclo de vida da arquitetura – são mote para a exploração destas realidades ao longo da cidade. Tanto aos olhos do ser humano como também pela especulação do universo de outros elementos presentes no urbano.



7 VIDAS DA ARQUITETURA
2.2.1 O projeto: da ideia à construção

A génese do espaço antecede a sua própria vivência. Ela remete-nos à ideia que o alberga. O âmago da arquitetura, nascimento mental representativamente simbólico do que poderá ser, do que é, e do que já foi, onde, e por oposição temporal, também se coabita através da imaginação e memória em lugares que a mente o abriga. Assim, nasce o espaço muito antes de tridimensional o ser, primeira vida da arquitetura.

Atendendo que, a ideia como primeira arquitetura lê-se posterior à noção do próprio sítio como lugar geográfico único, palco para o desenrolar de qualquer proposta onde o lugar desempenha, naturalmente, um papel fulcral tanto para a sua existência (sem a intervenção humana), como também se lê ponto de partida para o desenrolar de qualquer manipulação espacial e consecutivo foco para qualquer conceptualização que o mesmo possa suscitar. A vida arquitetónica surge num ato simbiótico entre a ideia e o lugar.

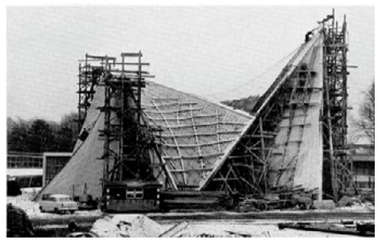
A arquitetura nasce da imaginação problematizada no real. Futura ideia, embrião do pensamento agora evidente como possível resposta arquitetónica para um dado espaço. É no limite entre a abstração e a sua concretização material que se celebra a gestação e maturação tanto do processo criativo como do processo de execução albergando os mais variados elementos intervenientes que possibilitam a manifestação do pensamento no universo concreto. A ideia, suficientemente forte para transcender as várias etapas que lhe permitem elevar-se até à sua edificação, é desafiada desde a sua adaptação programática ao enunciado do projeto, às exigências inerentes ao sítio, até ao seu planeamento de obra e sucessiva metodologia e gestão de recursos necessários ao nascimento como matéria edificada através da construção.

Vários são, por conseguinte, os autores, tanto arquitectos como não arquitectos, criadores dos espaços das nossas cidades que trabalham através de diversos processos criativos e metodológicos, tanto formal como informalmente, compondo o vasto universo de possibilidades de levar a cabo uma ideia até à sua realização. Do imaterial ao material. Neste processo muitas ideias não conseguem transgredir o seu caracter incorpóreo e outras são testemunho da impossibilidade da conclusão de projetos já construtivamente iniciados onde se abandonam estruturas, fragmentos inacabados de um conceito interrompido pelas intempestividades do mundo físico. São vários os fatores que, por um lado fomentam a vontade de problematizar a imaginação, tanto pela necessidade e interesse social, económico e político de construir como, por outro, se enumeram circunstâncias diversas que constantemente põe à prova a perenidade e validade da ideia arquitetónica.

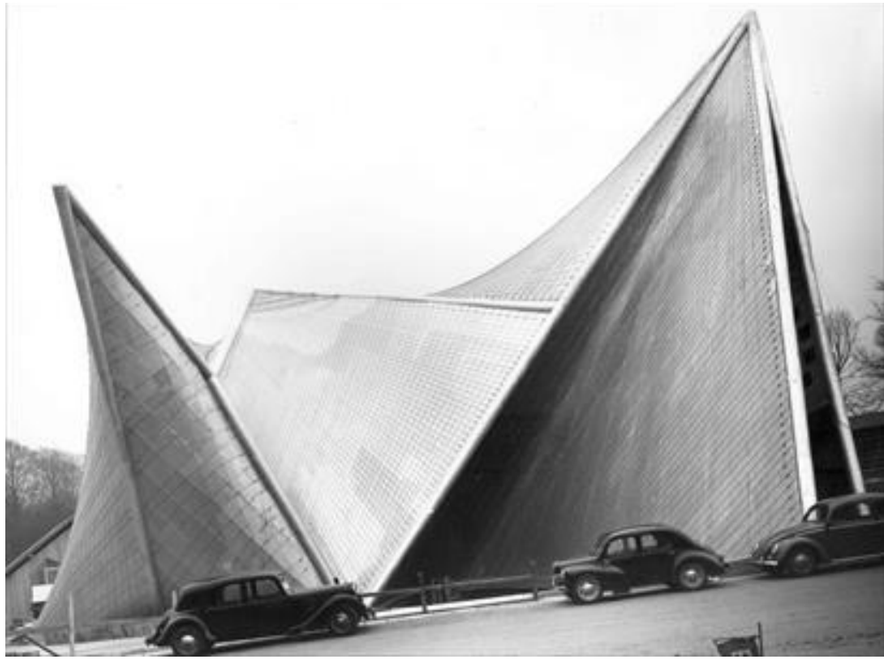
Quando, pelo contrário, se possibilita a concepção do espaço projetado para um dado fim, uma vida nasce. Momento inicial para a utilização espacial em conformidade programática, ainda sem necessidade de adaptações, futuramente desencadeadas pela volatilidade das exigências humanas ao longo do tempo. É esta semente da ´arte de construir` ainda habitante do reino imaterial que inaugura e define as potencialidades das futuras vidas da arquitetura. Espaço que, além de se iniciar no âmbito mental da criatividade do autor, ao longo da sua construção, edificação e vivência cria possibilidades infinitas de acessão e interpretação para cada indivíduo que o vive, no âmbito do espaço psicológico como memória futura preservada no imaginário daqueles que nela participam.

Este laço cíclico entre a ideia como criação, a sua futura vivência, interpretação e a concepção de uma memória capaz de cristalizar uma leitura individual de um lugar físico como, novamente, conceito aproximado daquilo que fica do real em nós, inicia e encerra, respetivamente, as etapas aqui definidas como a primeira e a sétima vida da arquitetura. Da ideia à memória.

2.2



2.4



2.3 e 2.5

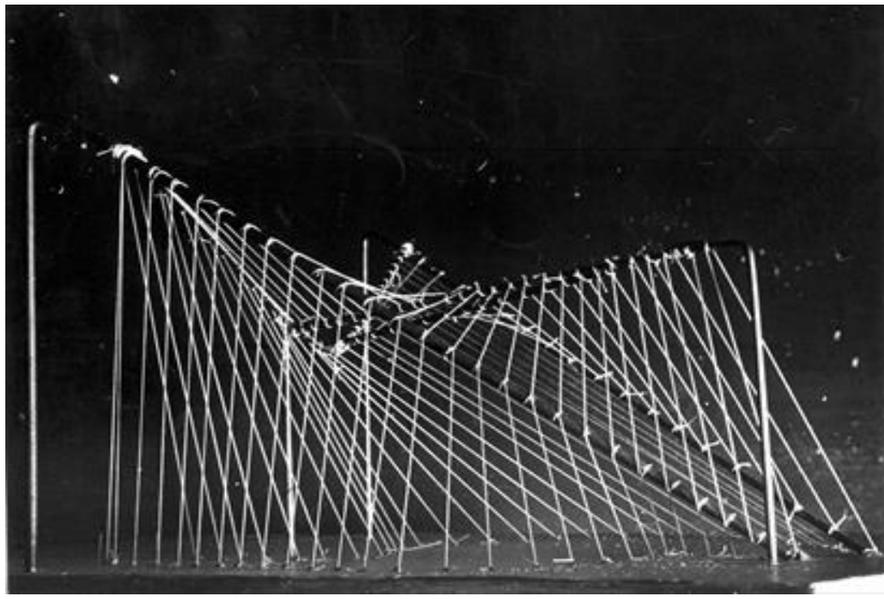
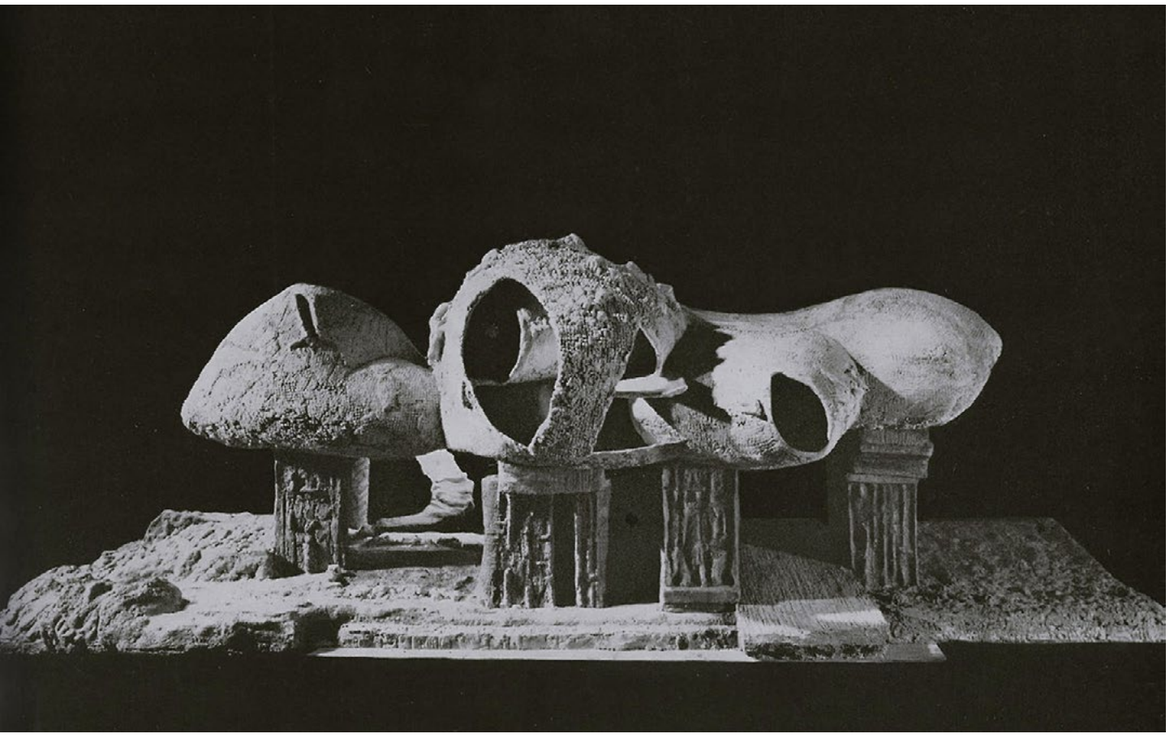


Fig. 2.2
Estudo e desenhos do projeto *Pavilhão Philips*

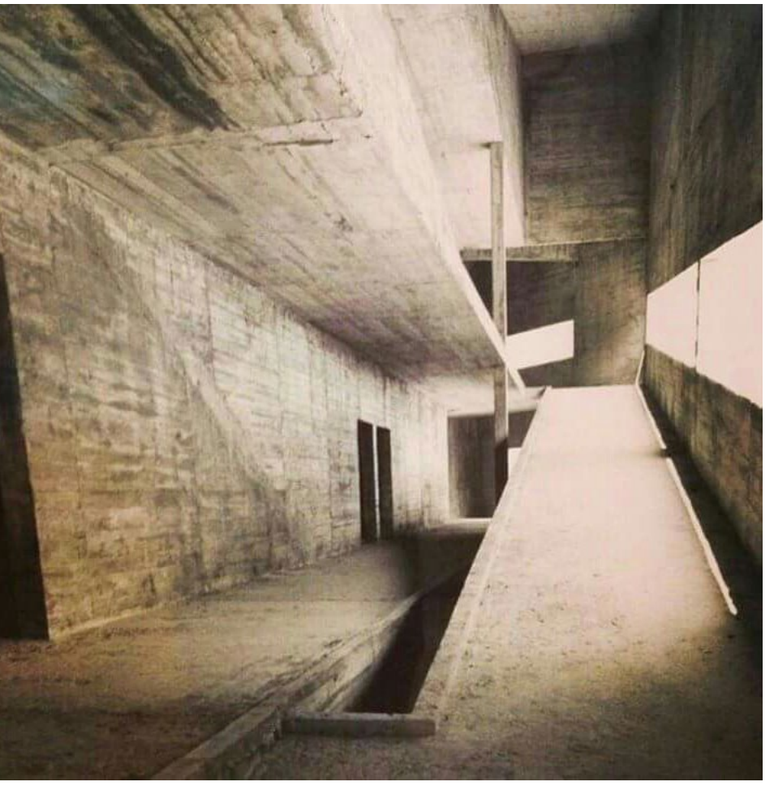
Fig. 2.3
Finalização da obra *Pavilhão Philips*

Fig. 2.4
Processo de Construção da obra *Pavilhão Philips*

Fig. 2.5
Maqueta da estrutura do projeto *Pavilhão Philips*



2.6



2.7



2.8

Fig. 2.6

Maqueta do projeto *Endless House* da autoria de Frederick Kiesler, (1958)

Fig. 2.7

Processo de construção da *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto,* Álvaro Siza

Fig. 2.8

Esquisso da *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto,* da autoria de Álvaro Siza

2.2.2 Manutenção, Preservação e Conservação

Após o seu nascimento, concretização material e consecutivas utilizações, a arquitetura como elemento físico fica, também ela, naturalmente suscetível às performatividades inesperadas do tempo que por esta passa. A degradação, o desgaste e a danificação dos materiais que compõem as (des)construções apelam, por conseguinte, a uma manutenção em prol da vontade de dar continuidade a algo que se apresenta edificado. As atitudes e opções assumidas perante a vida arquitetónica existente capacitam, ou não, o encadeamento dessa primeira ideia ou projeto no desenrolar do tempo podendo, mais eficaz ou menos eficazmente, manter as suas características iniciais. É este intervalo de decisão que, por ventura, visa a manutenção e preservação do espaço num prolongar da embrionária ideia a um breve vislumbre de perpetuação da arquitetura na eternidade que vem definir a 2ª vida da arquitetura. Espaço onde através da ação humana é possível o prolongar de um tempo passado no futuro.

São vários os processos que seguem esta linha de pensamento como a manutenção e preservação numa lógica continuamente preventiva e também ela ativa no modo como vê e atua no lugar. Assim como a conservação, o restauro gradualmente ascende a uma atitude de ação posterior em relação às condições de integridade física atribuídas ao espaço, numa tentativa de resgatar o que foram as características originais (ou não) aludindo à representação do passado num tempo presente.

Que espaços e tempos queremos ver presentes no futuro? Que tempos devemos salvaguardar e qual a hierarquia a adotar nas pré-existências hoje existentes? Qual a relação entre o que se constrói hoje e o que conserva e restaura do passado? Qual o papel da arquitetura no diálogo entre construções de diferentes tempos?

O debate assente na problemática da preservação, conservação e restauro perante a forma como se deve agir sobre a arquitetura, alvo de ponderações e manipulações, permite o caminhar para o seu perpétuo futuro, onde também ele se apresenta contextualizado no tempo. Vários são os exemplos de momentos ao longo da história em que esta problemática protagonizou debates e projetos que se debruçam sobre a pertinência, ou não, da atribuição de continuidade do passado no futuro.

Entre os séculos XV e XVI, revive-se um interesse pelas antiguidades e pelo valor histórico do património e do seu consequente restauro. Em Roma, testemunha-se o suporte papal à questão da conservação de monumentos com as ações de proteção e manutenção edificadas por Martim V e Pius II. Mais tarde, e após o saque de Roma[5], durante o período da Contra Reforma, com a ascensão de Paulo III ao poder papal cria-se o 1º Comissariado de Antiguidades onde Latino Giovenale Manetti[6] é instruído a "assegurar proteção apropriada aos monumentos que evocassem a glória da sua pátria (...), garantindo que as antiguidades eram conservadas, não eram demolidas, nem anexadas ou transpostas a outros novos edifícios." (Jokilehto, 2017)

[5] O Saque de Roma (1527), originado pelas tropas do imperador Charles V, provoca uma destruição generalizada de antigos monumentos na cidade. (Jokilehto, 2017)

[6] Na sequência da reorganização da cidade após o saque de Roma e com a preparação da visita do Imperador à cidade, no ano de 1536, Manetti fora o arquiteto responsável (no âmbito do 1º comissariado de Antiguidades) pela manutenção e redesenho de alguns lugares da cidade, como o caso da Piazza del Popolo. Aqui reconhece-se e reforça-se a importância do património da cidade, detentor da sua história inscrita na arquitetura "como centro universal do Império e da Cristandade". (Jokilehto, 2017)

Apesar deste avanço no sentido da proteção do património através da sua preservação, Papa Pius IV sobrevém com a prática da adaptação e reutilização do património de acordo com as necessidades e visões do seu tempo. Em 1561, comissiona a Miguel Ângelo a construção da Igreja Católica de Santa Maria degli Angeli e degli Martiri (Fig. 2.9) edificada na pré-existência das ruínas das termas pagãs de Diocleciano[7] (Jokilehto, 2017). Enquanto este novo projeto de adaptação se lê como desviante da noção de conservação e preservação ele é, por sua vez, de extrema relevância como intervenção arquitetónica edificada numa pré-existência. Aqui incrementa-se a decisão de manter o passado como referencial temporal através da presença da ruína.

No final do séc. XVIII, o entusiasmo pela história e pela descoberta de importantes lugares arqueológicos como Ostia, Pompeia (Fig. 2.10) e Herculaneum introduz e intensifica a discussão em torno da preservação, conservação e restauro, posicionando França e Itália como importantes centros de desenvolvimento dos princípios de conservação do património arquitetónico[8]. Verifica-se uma consciencialização e atribuição de valor histórico a arquiteturas de um tempo passado numa tentativa de reconhecer o seu valor temporal. É através deste confronto com o passado que nascem novas posições e convicções sobre a imortalidade da arquitetura. (Wong, 2016)

A revolução francesa (final do séc. XVIII) leva a cabo uma vasta destruição que deformou e aniquilou muitas estruturas representativas um pouco de toda a sociedade. Como resposta, e através do reconhecimento da irrecuperável destruição que havia antecedido, o governo francês cria a Comissão Francesa para Monumentos Históricos, com o intuito de salvaguardar o património arquitetónico da nação. As guerras napoleónicas e a anexação de Roma evidenciaram os esforços na área do restauro do património de Roma iniciado pelos princípios desenvolvidos em França como resposta à destruição causada pelas invasões francesas. Johann Winckelmann[9], classicista alemão que preside a Comissão de Antiguidades de Roma, em 1763, teoriza o conceito de preservação como " a necessidade de preservar a arte antiga na sua forma original." (Wong, 2016) Este posicionamento teórico diferencia a obra original das suas futuras alterações, ideia percursora no âmbito da preservação e conservação do edificado.

[7] A Igreja Católica de Santa Maria degli Angeli e degli Martiri, edificada no lugar onde jaziam as maiores termas de Roma Antiga, do Imperador Diocleciano, foi um projeto atribuído a Michelangelo Buonarroti com o intuito de edificar a igreja no lugar da ruína pré-existente. O projeto foi concebido como mínima intervenção, sendo que as mudanças efetuadas foram somente as necessárias de forma a responder à mudança da proposta tipológica enunciada. (Jokilehto, 2017) Neste seguimento, a fachada e a parte exterior da igreja foram deixadas no seu estado de ruína, numa ação que enaltece a sua construção aparentemente inacabada entre adaptação de elementos passados num projeto presente que dá espaço a um respirar futuro.

[8] Não só as descobertas arqueológicas da antiga cidade de Pompeia, Ostia e Herculaneum vão ser uma inspiração determinante para a crescente discussão, como também as viagens de Inigo Jones e o seu interesse pelo Classicismo vem fomentar a ideia de conservação de estruturas passadas num tempo presente. A tradução integral para inglês da obra tratadística de Vitrúvio *De Architectura* vem semear e intensificar o interesse e uma consciência acrescida sobre a temática da conservação e preservação da arquitetura. (Wong, 2016, pág. 71)

[9] Johann Winckelmann, classicista alemão, foi membro integrante nas escavações arqueológicas de Herculaneum. Experiência que se notou relevante para a formulação da sua teoria fraturante na caracterização de preservação como: " a necessidade de preservar a arte antiga na sua forma original". (Wong, 2016, p.72)

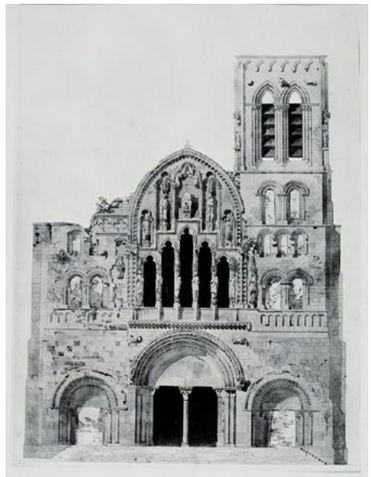




2.9 e 2.10

Com a revolução de Julho de 1830, em França, a postura adotada em relação ao património foi levada a cabo através do inventário e análise dos estragos e destruição dos monumentos históricos e o seu sucessivo processo de restauro. Quatremère de Quincy , no papel de Secretário da Academia de Belas-Artes e como Secretário Geral das Artes e Monumentos Públicos, define, em 1832, o restauro como "a reparação de um monumento antigo" (de Quincy, 2017). Neste seguimento, a abadia de La Madeleine (Fig. 2.11), Vézelay, foi um projeto meritório de prioridade imediata. O seu restauro projetado por Viollet-Le-Duc[10] vai ter repercussões no restauro de projetos semelhantes como Notre-Dame de Paris e Carcassonne, projetos fraturantes na discussão sobre restauro de património. A abordagem de Viollet-le-Duc nas obras de restauro efetuadas cristalizam a sua visão global sobre a intervenção arquitetónica em testemunhos do passado: "restaurar um edifício não significa nem mantê-lo, nem repará-lo, nem reconstruí-lo mas antes restabelecê-lo num estado final, que poderá nunca ter existido" (Viollet-le-Duc, 1990). Esta nova visão no modo de abordar, manipular e cocriar os vários tempos passados na arquitetura vem levantar e reflorescer o debate sobre restauro do património.

[10] Projeto iniciado em 1834, onde Viollet-Le-Duc restaura a abadia de La Madeleine cuja nave românica encontra-se em ruínas. Para além, da intervenção de restauro de parte da obra e consolidação da estrutura do projeto, Viollet-Le-Duc adiciona uma nova torre do Sino (não existente originalmente), assim como detém a criação de raiz de detalhes arquitetónicos e elementos esculturais adicionados durante o projeto de restauro da abadia.



2.11

Fig. 2.9
Fachada da Igreja Santa Maria degli Angeli e dei Martiri

Fig. 2.10
Fórum de Pompeia, centro da cidade destruída em 79 d.c.

Fig. 2.11
Projeto da fachada de La Madeleine da autoria de Viollet le Duc

Em oposição, críticos desta nova acessão formam o movimento ´anti restauro` do qual surge como base para o início do movimento moderno de conservação. Esta corrente inicia-se em Inglaterra com John Ruskin, onde através da obra *The Seven Lamps of Architecture* é evocado o restauro como " (...) a maior destruição que um edifício pode sofrer: a destruição na qual os vestígios não podem ser reparados, uma destruição acompanhada com a falsa descrição do que foi destruído" (Ruskin, 1889). Ruskin estabelece o conceito de conservação aliado à ação de manutenção do património no qual defende o dever de cuidar, manter e preservar a arquitetura sob um olhar preventivo e não retroativo na sua transformação (Ruskin, 1901). Neste seguimento, em 1877, William Morris fundou a Sociedade para a Proteção de Antigos Monumentos, onde os seus princípios sob a forma de um manifesto condenam o restauro em prol da defesa e criação de ferramentas e processos de proteção e preservação no lugar do restauro (Wong, 2016). As vozes de Ruskin e Morris encorajaram a uma conservação e preservação das estruturas como alternativa ao restauro, dividindo opiniões sobre a temática da imortalidade do património.

A polarização assente na discussão sobre a continuidade temporal que se atribuí ao património prevalece até ao início do séc. XX, momento em que o movimento de conservação ganha monumentalidade, elevando a consciência de se ir além da manutenção e reparação, num caminhar afinco para a valorização da sua contínua existência (influenciando as diretrizes da vida pós-morte da arquitetura). Por outro lado, houve o reconhecimento do valor do restauro como ferramenta que permite salvaguardar testemunhos do passado no presente (Wong, 2016). Esta controvérsia intensificou-se com o legado deixado pela I e II guerra mundial, onde a vasta destruição dirigiu um esforço internacional para clarificar a regulamentação na questão da conservação e restauro de monumentos, muitos dos quais se viram danificados durante os confrontos, atendendo ao salvaguardar da sua integridade física para um testemunho futuro.

A paz negociada após a I Guerra Mundial leva à criação de uma Cooperação Internacional para a Conservação. Em 1931, foi organizado, em Atenas, o primeiro Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos

com o intuito de criar debate em torno da conservação de património e monumentos arquitetónicos. Da reunião (da qual participaram 23 países) concluí-se a formulação da Carta de Atenas de 1931, no qual se encontra definida a primeira política e regulamento de conservação moderna. Neste contexto, é evocada a necessidade de cooperação tanto nacional como internacional de legislação do restauro e preservação de edifícios históricos, na proteção de lugares e paisagens históricas. Dois anos mais tarde, no decorrer do IV Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM) provém um novo documento: a Carta de Atenas de 1933, que visa apurar o desenvolvimento da sua génese focalizando-se na conservação não só de monumentos isolados, mas através de uma leitura enquadrada à escala da cidade e do seu desenvolvimento e planeamento urbano. Defende-se a proteção não só de edificações, como também de agregados urbanos que sejam representativos da expressão de uma cultura. Tanto a carta de Atenas de 1931, como a de 1933 adicionam limites na conservação e adição espacial a monumentos existentes.[11]

A devastação da II Guerra Mundial vem questionar e testar os pontos anteriormente discutidos. É o caso da reconstrução de Varsóvia (Fig. 2.12) ou a reconstrução da Acrópole de Atenas (após a Guerra da Independência da Grécia), situação em que o seu restauro total se viu justificado pela grandiosidade da destruição testemunhada, justificando a sua homenagem e reprodução futura.

Posteriormente, o II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos sucede em Veneza, no ano de 1964, do qual surge a formulação da Carta de Veneza: documento chave que reexamina os princípios básicos definidos pela anterior Carta de Atenas de 1931. A Carta de Veneza destaca-se pela clarificação e diferenciação dos vários tempos entre passado e presente através da linguagem arquitetónica onde "(...) todo o trabalho extra o edificado que seja indispensável deve ser distinto da composição arquitetónica"[12] . Na sua elaboração clarifica-se e distingue-se, por conseguinte, a conservação, como forma de manter as características do edificado; do restauro, como meio de "preservar e revelar a estética e o valor histórico do monumento" [13]; da conservação atendendo à proibição em "construir, demolir ou modificar"[14]. As intervenções arquitetónicas em tempos e lugares, vislumbres do passado são aqui clarificadas não só como obras de arte pontuais, mas como ações conscientes e catalisadoras da preservação pretérita na construção e projeção ativa de um consequente futuro.

Através do diálogo de perspetivas dissonantes sobre a temática da preservação, conservação e restauro observam-se diferentes atitudes perante a imortalidade do espaço construído. A perspetiva de Viollet-le-Duc onde o restauro se define como a edificação de uma arquitetura "que, de facto, poderá nem nunca ter existido (...)"(Viollet-le-Duc, 1990), assenta numa crença que, analogamente, se pode comparar à ressurreição de um lugar desconhecido e imaginário, um lugar perdido no espaço e no tempo. Paralelamente, também a conservação partilha da ideia de ressurreição cristã, negando a passagem do tempo como elemento transformador da arquitetura. Conservação, tal como a ressurreição, são atos transformadores e que implicam mudança. Conservar também é transformar. Por ouro lado, a perspetiva de Ruskin, no lugar da imortalidade, oferece uma evocação ao envelhecimento e à morte natural da construção no decorrer da temporalidade. Também aqui a arquitetura nasce, cresce, envelhece e falece.

[11] Congress Internationaux d'Architecture moderne (CIAM), La Charte d'Athenes or The Athens Charter, 1933. Trans J.Tyrwhitt. Paris, France: The Library of the Graduate School of Design, Harvard University, 1946.

[12] International Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites, "The Venice Charter-1964", artigo 9

[13] Idem

[14] Idem



Fig. 2.12
Ruínas da praça do Antigo Mercado de Varsóvia após a destruição da II Guerra Mundial (1944)

Fig. 2.13
Reconstrução da praça do Antigo Mercado De Varsóvia (2020)

2.12



2.13

7 VIDAS DA ARQUITETURA
2.2.3 Reabilitação, adaptação, alteração

A segunda vida arquitetónica, abordada anteriormente, sintetiza as dinâmicas exercidas pelo homem em relação ao espaço, quando da sua interação resultam ações que potenciem o salvaguardar de uma construção, edificada no passado ou no presente e cujas características físicas se pretendem perpetuar no tempo. Tanto a relação de manutenção como de preservação ou de conservação e restauro apelam, sob formatos e lógicas distintas, ao respeito e eternização da arquitetura existente priorizando-as como elemento conector entre o passado e futuro.

Deste paradigma, surge o ponto de partida para a introdução da terceira vida arquitetónica onde a manutenção das características do passado age, simbiotica-

mente, com as necessidades e prioridades inerentes à contemporaneidade. Esta dança atemporal desperta várias tipologias de atuação onde se destacam a reabilitação como forma de "restaurar" o que de antigo jazia aliado à resposta que a imposição da vida presente atribuí à construção. Também aqui, a renovação e adaptação surgem quando novos enunciados e conveniências se tentam arquitetonicamente conjugar entre a pré-existência e as exigências que cada proposta desempenha como resposta à atualidade, perfazendo dinâmicas da interação humana com a arquitetura.

As sucessivas adições executadas na basílica de S. Pedro, em Roma, são indício da necessidade de adaptação espacial ao longo do tempo. Também a mesquita de Córdoba, construída sobre uma igreja cristã existente, foi sede para a supremacia islâmica. Onde, por sua vez, a igreja cristã, já existente, foi também esta construída sobre as ruínas do anterior Templo romano dedicado a Janus. Já na cidade de Split, Croácia, surge da alteração, adaptação e ocupação do palácio do imperador Diocleciano através da sua conversão urbana numa vila medieval fortificada[15].

A arquitetura é, naturalmente, materialização dos vários processos que afetam um povo e consequentemente o espaço que o envolve onde transmutações tipológicas e o questionamento da sua pertinência funcional é constantemente posto à prova. Vários são os exemplos ao longo da história de sucessivas adaptações espaciais que caminham lado a lado com os acontecimentos e mudanças sociais, políticas, económicas, bélicas e religiosas testemunhados pelas populações. A arquitetura interage interruptamente com espaços e histórias anteriores a si.

A reintegração de estruturas alvo de destruição e fruto da devastação causada no decorrer de conflitos armados, de invasões, ocupações ou alvo de outro tipo de catástrofes são, também estas, premissas frequentes para a criação de projetos de reabilitação, alteração e adaptação. A intervenção no Museu Militar de História em Dresden (Fig. 2.14), na Alemanha, representativa do alcance simbólico potenciado pela arquitetura onde o desenho do gesto agressivo da nova intervenção vem aludir às consequências da brutalidade das ações e invasões militares ao longo dos anos. Similar ao exemplo anterior, a adaptação do *Nazi Party Rally Grounds*, em Nurembergue, no atual Centro de Documentação Gunther Domenig´s é resultado da ação crítica da arquitetura através da destoante ação de adição de novos elementos materialmente muito contrastantes com a pré-existência, atribuindo simbolicamente a importância da própria arquitetura como ferramenta crítica, onde se caricatura (quase num ato exorcista) os acontecimento históricos que ainda se materializam nos espaços de hoje.

No Museu Neues, em Berlim, o arquiteto David Chipperfield recreou uma experiência espacial passada pela reconstrução de uma escada na posição exata onde a mesma se encontrava antes da sua destruição. Apesar desta alusão como forma de homenagem ao passado, Chipperfield em vez de recriar a linguagem deste objeto arquitetónico emprega a criação de uma escadaria utilizando novos materiais, técnicas e detalhes, num claro contraste entre passado e presente. A escada, é aqui elemento que testemunha, homenageia e sinaliza uma conivência com a temporalidade da própria experiência arquitetónica.



2.14

[15] O palácio de Diocleciano, localizado em Split, foi construído pelo imperador romano Diocleciano no início do séc. IV d.c.. Após a sua morte, o palácio fora abandonado e durante a Antiguidade Tardia o complexo foi ocupado por população refugiada que procuravam proteção contra as invasões bárbaras. Neste seguimento, o palácio foi ocupado e apropriado sofrendo vastas adapações e transformações até à sua conversão urbana como vila medieval fortificada. (Jokilehto, 2017)

Fig. 2.14

Extensão do Museu Militar de Dresden, pelo arquiteto Daniel Libeskind (2011)

Fig. 2.15

Bunker 599, pelo atelier RAAAF

Fig. 2.16

Livraria Selexyz, em Maastricht

Fig. 2.17

Praça ressultante da adaptação dos fragmentos da ruína da Igreja Madre em Salemi, Itália, pelos arquitetos Álvaro Siza e Roberto Collovà





Contrário a este processo de adição através da (re)edificação deste elemento, analisa-se a subtração veiculada através do corte vertical no *Bunker 599*, extraindo a massa interior na parte central do abrigo. Esta ação idealizada por RAAAF e o Atelier de Lyon deixa à vista a dimensão da proteção exercida pelo Bunker evidenciando o forte contraste e simbolismo da paz atualmente vivida nos Países Baixos. O corte no edificado pré-existente extrapola a sua representação formal e expressa-se alegoricamente como afirmação pacífica da inutilidade de refúgio na contemporaneidade, contrapondo com a insegurança e instabilidade vivida na década de 40, aquando a sua edificação. (Wong, 2016, p. 211)

A arquitetura assim se empenha a acompanhar o tempo que, impacientemente, não se deixa esperar pelo vagar das transformações e renovações que a construção incute ao espaço. Esta corrida, apesar de desleal, promove inter-relações e conversões singulares em prol da sua renovação e atualização às exigências mutáveis que o tempo presente assim o exige. É o caso da Igreja Dominicana, séc. XIII, transformada numa Livraria Selexyz, em Maastricht, ou por exemplo, a conversão do *Bankside Power Station* por Herzog & de Meuron na atual Tate Modern, em Londres. Aqui a mudança de utilização levou, necessariamente, a uma adaptação tipológica da arquitetura.

Do mesmo modo, a adaptação dos fragmentos da ruína da Igreja Madre em Salemi, Itália (fruto da destruição causada por um sismo), potenciam a qualificação de uma praça. Aqui, a fragmentação capacita a composição da nova praça através do redesenho do espaço público. O projeto da autoria de Álvaro Siza e Roberto Collovà adapta os vestígios da igreja do séc. XVII como mote para a criação de um novo espaço exterior. A ruína é dignificada através de uma nova leitura das suas potencialidades como elemento inacabado, testemunho dos eventos do próprio tempo, da sua criação, vivência, destruição, abandono e, agora nova adaptação para a cidade de hoje. A memória jaz na criação adaptativa das necessidades presentes, num respeito e homenagem criativa do passado.

2.15 , 2.16 e 2.17



2.2.4 Expressão

A arquitetura atua como potencial criador de diversas relações entre o ser humano e o espaço. As 7 vidas da arquitetura, presentemente analisadas, pretendem sumariamente enunciar a diversidade de acessões que o espaço pode apresentar através do seu vínculo com a ação (ou inação) humana. Da ideia, ao projeto, à sua vivência, manutenção e adaptação. Muitos são os processos que o moldam ou que capacitam a sua sobrevivência e contínua atribuição de sentido ao longo do tempo. A plasticidade inerente ao elo do ser com a arquitetura exibe agora um novo olhar sobre as suas vivências: momento em que o espaço é expressão artística da vontade de comunicar através da ação tectónica.

Tal como a concinidade da edificação de algumas obras arquitetónicas se demonstra representação artística, de tal forma que a natureza da própria arquitetura se define pela simbiose entre a arte e a construção, também o espaço construído pode agir como mote para a formulação de representações artísticas. Situação em que a arquitetura atua como tela na exploração da linguagem material. A arquitetura para além de se puder apresentar a si mesma como meio e fim artístico, esta capacita-se também não só como personagem e ação mas sim cenário para a criação. O espaço de museu e outros lugares de exibição e exposição apresentam esta característica. O lugar edificado é agora enquadramento dialogante com a obra. Tela e também moldura perimetral daquilo que é a representação artística.

A instalação *Wall Drawing 51* do artista Sol LeWitt, no MASS MoCa Building 7, remete a utilização e exploração das proporções e dimensões da própria sala de exposições como protagonista artístico através da conexão dos elementos nela presentes (Fig. 2.18). O desenho é ferramenta capaz de dar uma nova visão ao espaço do museu, onde a obra de arte se funde com o próprio espaço de exibição, agora indissociáveis (Wong, 2016, p.178). Já a instalação *Ghost* realizada por Rachel Whiteread, em 1990, efetiva o negativo de uma lareira presente numa casa vitoriana abandonada, em North London. O molde representativo do vazio que enuncia a delimitação da forma existente primeiramente constrói aquilo que é formalmente inverso a si. Revela-se a linguagem da nova expressão através do seu antecessor, sem que este tenha sido alterado. Neste caso, a arquitetura problematiza e materializa a obra de Whiteread.

Também o deslocamento e apropriação de uma habitação em Bunny Lane (NJ), por Adam Kalkin, representa a mutação da obra arquitetónica através da perda do seu contexto, transfigurando a sua identidade pela atribuição de um novo sentido. A arquitetura, torna-se objeto interno de outro lar. A mesma casa, noutro contexto é, e só poderá assim o ser outro lar.

A obra *Splitting* (Fig. 2.20 e 2.21), do "anarquiteto" Gordon Matta-Clark[16], evoca a manipulação e transfiguração do lugar através do ato de recortar e dividir uma habitação abandonada em New Jersey, EUA. A separação em duas partes do espaço devoluto articula e potencia novas visões e possibilidades na acessão do que se atribuí ao espaço (des)habitado. Matta Clark eleva a arquitetura através do seu redesenho e desconstrução a um momento artístico onde a perda da sua funcionalidade aliada à criação de novas formas, perspetivas e curiosas conceções de entradas de luz, compõe uma nova visão sobre o espaço (Donoso, 2016, p. 144). Na obra de Vhills, a materialidade da construção é também tema e massa escultórica onde as possibilidades da sua modelação se agem infinitas (Fig. 2.22). Entre o redesenho das texturas urbanas nasce uma linguagem artística onde a obra requalifica a matéria numa ascensão simbiótica entre a criação de novos significados com a crítica social inerente ao trabalho do artista português. (Farto, 2014)

Também a reutilização de espaços abandonados ou não utilizados em lugares que promovam uma coletividade artística, ou mesmo, a sua utilização tectónica como parte indissociável da produção artística (como o caso frequentemente observado da arte urbana) demonstram-se situações e lugares de intervenção e expressão da sociedade (Wong, 2016, p.125). Onde, por exemplo, as reutilizações do porto debaixo da ponte de Brooklyn representam momentos de transfiguração do espaço arquitetónico fomentando a criação artística e o agrupamento da comunidade. Do mesmo modo, a reocupação da abandonada *First Ward School* ou a *Queen´s Public School* no Instituto de Arte e Recursos Urbanos, em Nova Iorque (organização com o ímpeto de dinamizar artisticamente espaços em perda), capacitam a promoção de lugares obsoletos em abrigos e expositores de arte. Neste momento, o espaço é promotor atuante e integrante da própria formulação artística, elemento vivo da cultura. A arquitetura reencarna-se como expressão artística.

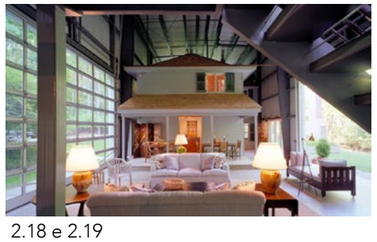


2.20



2.21





2.18 e 2.19

Fig. 2.18

Instalação *Wall Drawing 51* do artista Sol LeWitt, primeiramente exibida em 1970, em Turim, Itália (Museu de Turim e na Galeria de Sperone)

Fig. 2.19

Reinterpretação de uma habitação em Bunny Lane (NJ, EUA), por Adam Kalkin, em 2015.

Fig. 2.20

Splitting por Gordon Matta-Clark, em 1974 (NJ, EUA)

Fig. 2.21

Splitting por Gordon Matta-Clark, em 1974 (NJ, EUA)

[16] Gordon Matta-Clark nasceu a 1943, em Nova Iorque, EUA. Artista e arquiteto, auto intitulado como "anarquiteto", é reconhecido pelas intervenções inovadoras que realiza em espaços devolutos através dos recortes, perfurações e manipulações espaciais que efetua em ruínas. A obra de Matta-Clark vem desafiar as convenções tradicionais da arquitetura pela criação de espaços impossíveis em lugares obsoletos (Donoso, 2016)



2.22

Fig. 2.22

The End of the Industrial Era, projeto de Vhils (2021). Um retrato realizado com explosivos numa ruína industrial localizada no Barreiro, Portugal. Após a explosão e criação pictórica da obra, a ruína utilizada como suporte desta intervenção foi implodida.

Fig. 2.23

Pórtico de Otávio, Roma, Itália.

Fig. 2.24

Ruínas da aldeia de Vilarinho das Furnas submersa desde o ano de 1971, aquando a finalização da construção da barragem de Vilarinho das Furnas.

Fig. 2.25

Ruínas olímpicas posteriormente utilizadas como campo de batalha na guerra civil Jugoslava (1991 - 2001), na cidade de Sarajevo.

7 VIDAS DA ARQUITECTURA

2.2.5 Abandono e Apropriação

O abandono determina-se como ação de renúncia, ato de deixar ao desamparo algo a que o dever o obriga a prestar cuidado. Também na arquitetura os espaços são suscetíveis de previdência por parte daqueles que o detêm como domínio. Deixar o lugar em que o dever o obriga a estar e cuidar enuncia uma nova acessão nas possibilidades de existência da arquitetura como forma de interação do homem com o espaço: o abandono.

Tal operação desencadeada por inúmeras eventualidades de teor pessoal, familiar, económico, social, político, burocrático -*´slow ruins`*, ou fruto de catástrofes naturais e humanas- *´fast ruins`*, resulta com maior ou menor vagar na desumanização, desocupação e desconstrução das arquiteturas existentes. Lugares onde o vazio humano nasce metamorfose e contexto para o desenvolvimento de processos de renaturalização e apropriação. A construção nasce a partir da natureza e a ela tende em regressar. Assim sendo, a construção é desconstrução e ruína em potência (Bogalheiro, 2021).

Exemplo deste fenómeno são os séculos de desocupação e abandono visíveis nos dias de hoje naquilo que resta do Pórtico de Octavio em Roma. A desconstrução da materialidade da arquitetura marca e define as cicatrizes ainda hoje visíveis da passagem do tempo num espaço que testemunha o passado no tempo presente (Fig. 2.23). Neste sentido, observa-se que o ato de abandonar produz um efeito matérico no modo como afeta o território. Entre a primordial inutilização

2.23 e 2.24





e desocupação dos lugares até à sua natural degradação e nascimento como elemento em ruína, o abandono lê-se como processo transitório por entre a vida e a morte da arquitetura.

Neste sentido, o nascimento da arquitetura como ruína olha a sua própria gestação com tempos e contextos muito dissonantes. As ruínas olímpicas em Sarajevo, resultantes das estruturas edificadas como palco para o desenrolar dos Jogos Olímpicos de 1984, viram-se numa situação de posterior desuso e, em 1992, são apropriadas como cenário bélico e amplamente destruídas no decorrer do conflito. A desintegração da federação Jugoslava e o cerco à cidade de Sarajevo fomentaram não só a inutilização e abandono destas estruturas, como a sua parcial destruição e aparição arquitetónica como elemento metamórfico em ruína. Nesta conjuntura, o tempo não atua a solo no processo de criação destas unidades. Encontra-se sim, aliado ao processo físico de destruição no decurso de trágicos cataclismos (Fig. 2.25).

Também a aldeia portuguesa de Vilarinho da Furna denota-se como mais uma tipologia de exemplo onde as populações deixam os seus espaços e habitações pela iminência de uma catástrofe, particularmente, fruto da subida do nível da água do leito do rio causado pela construção da barragem do rio Homem, em 1971. Nestas situações onde o abandono atua lado a lado com a destruição motivada por trágicos eventos, o espaço desconstrói-se velozmente e a sua decomposição não decorre, necessariamente, da ausência humana (Fig. 2.24). Assim sendo, a ruína poderá ser elemento resultante tanto do ato de abandonar como da ação de destruir, processo explanado no seguinte subcapítulo.

2.25



Por conseguinte, o abandono é mote para a progressão de diversos fenómenos urbanos que cocriam o território da cidade. Evento que atua sob diversas formas, a diversos ritmos, num diálogo inconstante entre as incompatibilidades do espaço passado no lugar da atualidade. Intervalo transitório de espaço e tempo potenciado como memória futura. No caso da conversão de um castelo abandonado sem cobertura no atual Museu Moritzburg em Halle, Alemanha, pelo atelier Nieto Sobejano, retrata a memória da própria ruína como etapa arquitetónica na formulação de um espaço futuro através da inserção de uma estrutura autoportante, projetando uma nova versão dos pisos superiores e da cobertura criando um contraste com a capacidade de reutilização da ruína (Fig. 2.26). Considera-se o desenho desta inserção, lado a lado, com a problemática da temporalidade, onde tempos diferentes se unem pelas suas dissemelhanças alicerçadas num só lugar.

Contudo, a ausência humana para além de potencial memória, também se converte como ponto de partida, evento que preconiza futuras apropriações. O vazio humano incita, involuntariamente, a sua (re)ocupação. A inutilização do espaço vem de braço dado com a disponibilidade de uso que o mesmo potencia a outros sujeitos que, por diversas motivações, o olham como lugar de interesse. No contexto urbano, diversos são os casos onde o abandono protagoniza utilizações e apropriações por terceiros, vivências potencias pela interação que decorre com a arquitetura cuja atuação manifesta-se conjuntamente no espaço da cidade.

A análise desta vivência arquitetónica assente nestes dois fenómenos é o eixo orientador da presente exploração e a sua manifestação no território do Porto será explanada, posteriormente, através da análise de abandonos e apropriações. Tal desenvolve-se através da análise do caso da reocupação da habitação "Escaravelho" e o projeto da "Horta da Bananeira", na escarpa das Fontaínhas.

Assim sendo, estas ações atuam num plano transitório e despercebido entre a vida e a morte da arquitetura. Este momento de explanação das 7 vidas da arquitetura lê-se, por conseguinte, como introdução e contexto para a elaboração do tema de abandonos e apropriações no território urbano da cidade do Porto.



2.26

Fig. 2.26
Ruína do Castelo de Moritzburg em Halle, Alemanha (1950)

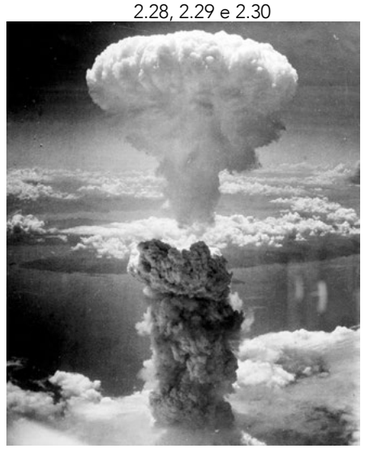
Fig. 2.27
Foto de apropriação em falta

Fig. 2.28
Bombardeamento atómico, Japão (1945)

Fig. 2.29
Implosão da Torre 5 no bairro do Aleixo, Porto (2011)

Fig. 2.30
Demolição do bairro do 2º Torrão, Almada (2023)

2.28, 2.29 e 2.30







7 VIDAS DA ARQUITECTURA
2.2.6 Desconstrução e Demolição

A arquitetura é construção e desconstrução em potência. Tal como no abandono, também a destruição do espaço ocorre sob diversos formatos e em múltiplas cadências. Quando a desconstrução do edificado ocorre através da ação de o desertar, vagarosamente, o tempo se encarrega de o desmaterializar. Assim sendo, o abandono denota-se ação primordial para a gestação do fenómeno da desconstrução e inevitável destruição da arquitetura. O material converte-se em matéria.

Para além da edificação da ruína como elemento resultante da desconstrução que atenta como processo explanado na temporalidade, também a destruição se determina como vivência que detém a eliminação da construção no espaço que nele jazia como façanha integral e imediata na morte da arquitetura. Apesar disso, o extermínio do lugar não depende nem advém exclusivamente do abandono. Eventos trágicos fruto de catástrofes naturais e humanas produzem uma nova tipologia de destruição súbita e massiva no território. O ataque e destruição no Japão (Fig. 2.28), em 1945, e na Síria, em 2015, são exemplo da erosão e destruição das arquiteturas, veículo de expressão da guerra e cicatriz tanto material como incorpórea para o futuro. As estruturas que resistem à sua tentativa de aniquilação transformam-se em testemunho coletivo de homenagem do passado num tempo presente. As que nele se eliminam jazem na memória atemporal do seu espaço físico na abstração como lugar vindouro.

Também a destruição da baixa lisboeta no decorrer do terramoto, maremoto e dos sucessivos incêndios que deflagraram na cidade no ano de 1755, testemunha-se como evento com efeitos materiais e humanos que não findam no desaparecimento de estruturas e vidas no presente, eternizando-se como marca e história assente na perpetuidade.

Já as demolições ponderadas e promovidas por fatores sociais, naturais, económicos e construtivos determinam o apagar de uma arquitetura passada em prol do que se crê como uma possível melhoria do lugar no tempo futuro. O demolir subsiste como ação humana que finda o anterior espaço no passado. As torres do Bairro do Aleixo (Fig. 2.29), no Porto, e o bairro do 2º torrão (Trafaria) (Fig. 2.30), em Almada, são exemplo dos vários complexos habitacionais demolidos. As demolições no ano de 2011 e 2019, e no ano de 2022, respetivamente, levadas a cabo pelas instituições governamentais fomentadas pela pobreza, insegurança e insalubridade manifestadas nestes lugares, eternizam-se agora na memória daqueles que a viveram. Posto isto, analisam-se as várias formas que o eliminar tridimensional do espaço pode adquirir nas acessões das vidas arquitetónicas. Por entre as vicissitudes da desconstrução aliada frequentemente ao já abordado ato de abandonar salienta-se o clímax catastrófico verificado, tanto com maior ou menor prontidão, na extinção que se exerce sobre as construções, até às demolições exercidas como ato deliberado de se destruir um lugar a fim de dar outro destino ao espaço antes ocupado pelas mesmas. A destruição determina-se como uma nova acessão espacial no modo como a ausência atua no território urbano. Aparente fim do desenrolar das 7 possibilidades de existência arquitetónica.

Contudo, o espaço, antes de físico nascer, permanece latente na ideia mental que o faz viver para lá do seu perímetro material. Reside na abstração que o torna conceito e a ela retorna como memória, durante e pós a sua longevidade. A sua destruição física não se clarifica, por conseguinte, como etapa onde a arquitetura padece. A memória torna-se casa nas intermitências da sua própria morte.

Ise Jingu em Mie Prefecture de Ise (Fig. 2.31), no Japão, é um complexo Shinto shrine dedicado ao deus Amaterasu Omikami, datado do período Heian. De acordo com as crenças Shinto, os dois edifícios de culto são desconstruídos e reconstruídos de 20 em 20 anos, num gesto que pretende preservar o desenho original da arquitetura através da reconstrução sistemática da mesma ao longo do tempo. Esta tradição pretende (audaz e ironicamente) contornar os efeitos da sua desconstrução fruto da temporalidade. Neste projeto a arquitetura é determinada culturalmente pelo processo de constante construção e destruição do espaço como forma de habitar um lugar que se prolonga no tempo. O efémero habita os interstícios da finitude numa ação arquitetónica que alcança a perenidade. Processo construtivo que se torna memória e transgride o intervalo entre passado, presente e futuro.



2.31

7 VIDAS DA ARQUITECTURA
2.2.7 Memória e Ressureição

O espaço, para além da sua tridimensionalidade e representação física da matéria que o compõe, existe e resiste na memória de cada um que nele viveu. As memórias compostas pelas estórias e vivências adquiridas num dado lugar são também elas elemento cocriador de significância do mesmo. A espacialidade transborda assim o seu perímetro mensurável e alveja um simbolismo e representação mental tanto para o indivíduo como para o coletivo. Tal particularidade denota-se relevante quando, por exemplo, ocorre a destruição física de um lugar e se testemunha a sua perpétua presença na memória daqueles que, direta ou indiretamente, foram afetos à sua vida e, inevitavelmente, à sua morte. É esta lembrança que catalisa a vida daquilo que jaz no tempo, ressurreição mental e ferramenta atemporal que permite aceder ao que agora se encontra intangível.

A representação simbólica da arquitetura enquanto espaço físico depende do seu papel enquanto elemento atuante na sociedade. Apesar do imaginário que cada indivíduo cocria e atribuí à espacialidade que o envolve, a sua significância social e histórica também se evoca num plano que trespassa a perceção individual e remete à sua aceção coletiva. Para além da matéria, o espaço imagina-se ideia e, mais tarde, lembrança com a qual se constrói o seu significado. Observamos a vivência que o ser humano atribuí ao espaço mental que a arquitetura potencia através, por exemplo, aquando da utilização de lugares que historicamente foram palco de eventos marcantes de tal ordem que determinam a sua utilização futura.

Fig. 2.31
Complexo Shinto Shrine de Ise Jingu em Mie Prefecture, Japão

Fig. 2.32
Residência de um antigo comandante da SS, em Kamp Westerbork, convertida num memorial do Holocausto pelo atelier Oving Architecten (2015)

Fig. 2.33
Tribute in Light Over Liberty Island ,projeção de luz por Julian LaVerdiere e Paul Myoda, Nova Iorque (2001)

Fig. 2.34
Instalação de Edoardo Tresoldi. Interpretação em arame à escala real da basílica cristã situada nas proximidades da Igreja de Santa Maria di Siponto, Itália (2016)

Fig. 2.35
Idem

2.32, 2.33 e 2.34



A transformação do porto de barcos de escravos em Nantes num atual Memorial do Museu da Escravatura ou, por exemplo, a escola primária Chao Ponhea Yat - tipologicamente construída sobre os princípios arquitetónicos de Le Corbusier foi uma estrutura convertida no S-21 (Segurança Prisional 21), onde primeiramente o espaço fora transformado em celas de detenção e, posteriormente, reduzidas as suas áreas para celas prisionais, convertidas em quartos de tortura de Khmer Rhouge - casos onde a memória dos lugares imobilizam o espaço na história onde se tornam inevitavelmente um lugar de homenagem às vítimas.

Similarmente, a residência de um antigo comandante da *Schutzstaffel* (SS), em Kamp Westerbork, fora transformada num museu e num centro de educação através da adaptação e instalação de um perímetro em vidro que delimita a habitação (Fig. 2.32). Esta adição alude ao enclausuramento do espaço em causa, intervenção que capacita tanto a preservação perpétua da arquitetura como do seu aprisionamento físico e simbólico. Ação que atribuí uma sentença quase eterna à representação arquitetónica que o espaço potencia.

Na obra *Tribute in Light* de Julian LaVerdiere e Paul Myoda, a utilização de iluminação no lugar das Twin Towers, no World Trade Center, em Nova Iorque, pretende, além de homenagear as vítimas do ataque de 11 de Setembro, aludir à presença simbólica do espaço aniquilado através da colocação vertical de dois feixes de luz evocando a memória destas arquiteturas (Fig. 2.33). Ressuscita-se não só a volumetria do espaço destruído como a reminiscência e tributo ao que outrora existiu.

De forma análoga, o artista Edoardo Tresoldi recria uma interpretação em arame à escala real da antiga basílica cristã situada nas proximidades da igreja de Santa Maria di Siponto, em Foggia, Itália, edificada no século XI, 600 anos depois da construção da basílica (Fig. 2.34). Esta intervenção levada a cabo no parque arqueológico de Siponto pretende reinterpretar os vestígios arqueológicos da basílica através

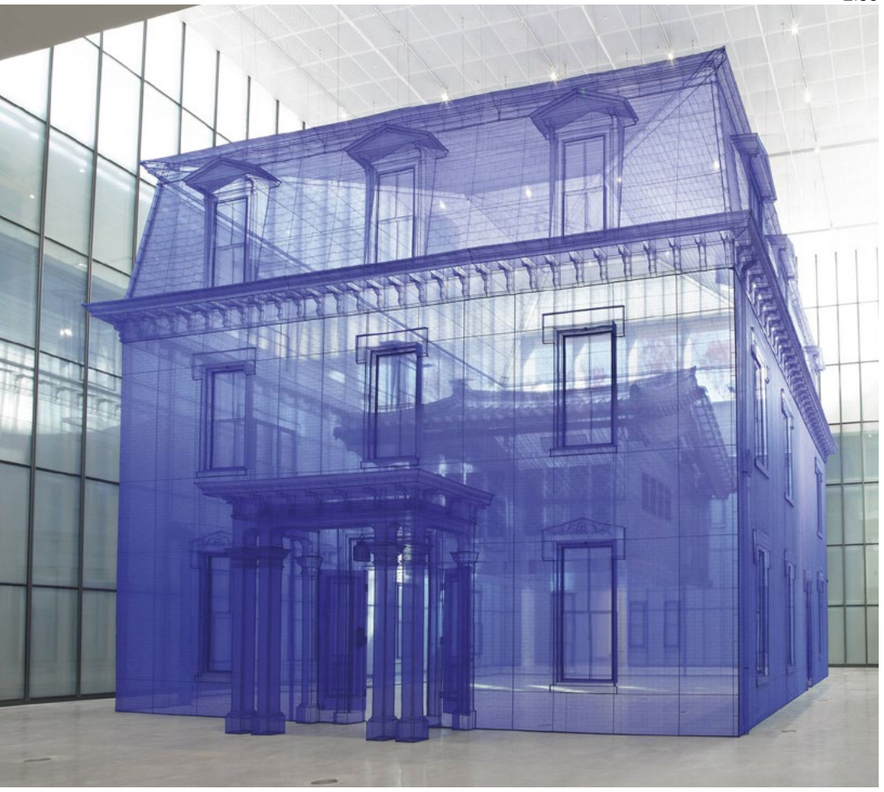
2.35



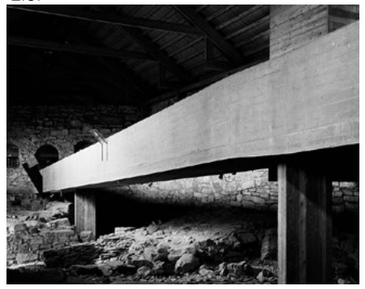
da formulação da sua possível volumetria. A estrutura desenhada apresenta-se como escultura e artefato contemporâneo através da sua materialidade em arame permitindo não só a sua leitura à transparência como também a sua integração na paisagem. Esta instalação que une o passado com o presente, a arte com a arqueologia, é também ela ponte entre a memória do sítio e a interação que se possibilita com a história através da perceção de vários tempos no mesmo espaço (Fig. 2.35). Do mesmo modo, o escultor Do Ho Suh recria em seda e à escala humana a sua casa temporária a obra *Home Within Home*, ressuscitando o espaço passado, protagonizando a memória pessoal nesta intervenção artística.

Estes atos de ressurreição espacial exaltados pela memória como tributo e referência a um espaço passado para a formulação de uma arquitetura futura vê-se também presente tanto no caso da reconstrução do Campanário de S. Marcos, em Veneza, após o seu colapso em 1902, como, por exemplo, na reconstrução da acrópole de Atenas após a sua destruição parcial no decorrer da Guerra da Independência da Grécia.

Estes olhares entre passado e presente materializam o conceito "*Ka*"[17], ideologia presente na mitologia do antigo Egito, através do princípio imaterial e metafórico que permite assegurar a sobrevivência do ser humano na vida e na vida pós-morte. Elemento metafísico que confere uma alma eterna àquilo que vive terrenamente e ao que existe na sua perpetuidade. Do mesmo modo, também o espaço é conceito imutável cuja ideia, mais tarde memória, resgata a sua força e renasce das suas reminiscências. A arquitetura nasce assim ideia e morre memória.



2.36



2.37

Fig. 2.36

Home Within Home, instalação por Do Ho Suh, Museu de Arte Contemporânea de Seoul, Coreia do Sul (2014)

Fig. 2.37

Intervenção arquitetónica no Museu Hedmark em Hamar, Noruega, pelo arquiteto Sverre Fehn (1988)

Fig. 2.38

Colapso do Campanário de São Marcos, Veneza, Itália (1902)



2.38

[17] No contexto da cultura do antigo egípto, o *"Ka"* era uma parte do conceito de alma. Acreditava-se que cada indivíduo possuía um "Ka" que representava a sua força vital. O Ka era considerado imortal e continuava a existir mesmo após a morte física do indivíduo.

2.3 O ABANDONAR: A Edificação da Ruína Contemporânea

A arquitetura espelha a vivência das populações na cidade, alma alicerçada pela solidez da matéria numa consequente luta dicotómica com a fluidez dos movimentos do ser humano. Mas que movimentos e que processos são estes capazes tanto de dinamizar o espaço como de germinar os vazios urbanos que florescem na cidade? Que causas comportam o abandono e a desconstrução das arquiteturas?

O abandono expressa-se na urbanidade sob várias formas e em estados variados de tipologia, funcionalidade e detioração dos quais se caracterizam os ´vazios urbanos´ da cidade. O abandono tem como génese o ato de abandonar, temática introduzida anteriormente, materializada pelo gradiente crescente entre o que se define como uma arquitetura desocupada, para a sua gestação como devoluta, até que a ausência de vivência, cuidado e manutenção venha vagarosamente introduzir a degradação da sua materialidade no ponto limite da sua desconstrução e nascimento da ruína. Contudo, e apesar desta correlação se mostrar evidente, importante será de realçar que dos abandonos arquitetónicos não resultam necessariamente ruínas nem todas as ruínas são elementos resultantes do ato de abandonar. Existe um universo de possibilidades que fomentam o nascimento destas estruturas, assim como inúmeras representações espaciais e sociais que advém do ato de abandonar.

A arquitetura é, por conseguinte, ruína em potência. Estado onde a perda vem dar lugar à sua desconstrução num ato reconciliador com a natureza. “Se a cidade foi projectada historicamente como uma imagem da pura artificialidade e da mais elevada capacidade humana para moldar o seu meio envolvente – explorando ou contrariando as determinações topográficas do território –, no cerne dos materiais tectónicos que edificam esse ambiente controlado e projectado está o resquício de uma natureza que se reinstala sucessivamente e que anuncia, com uma estética latente, que todas as estruturas construídas são ruína em potência.” (Bogalheiro, 2021)

A natural detioração protagoniza a beleza do seu elemento ruína. Esta abordagem é retratada, por exemplo, pelo pintor Hubert Robert[27] onde na obra *Temple en ruines* (1770-1780) ilustra os últimos momentos em que a Europa vê a ruína com naturalidade de quem a habita e modifica, olhando-a no seu sentido mais utilitário e quase ingénuo no modo de interagir com o passado. Num imaginário envolto pelas abóbodas do templo em ruínas, a vegetação conquista cada vez mais os testemunhos arqueológicos de um tempo já passado. Através do testemunho da história, enaltece-se a fragilidade do presente, como ato libertário, anunciando um futuro salvo de constrangimentos anteriores, disponível a outros compromissos.

“O tempo foi tomando conta e renaturalizando o que os antigos domesticaram, e um marcado sentido do efémero é intrínseco a esta obra de Hubert Robert.” (Oliveira, 2018)

Também a obra de Giovani Battista Piranesi revela o interesse que o autor dedicou ao estudo de ruínas e de vestígios arqueológicos do antigo império romano, presentes no séc. XVIII, momento que se configura na Europa um culto aos fragmentos e ruínas testemunhos do mundo clássico. Os desenhos e gravuras de Piranesi eternizam não apenas os monumentos de Roma, mas também transfiguram e reequacionam a decadência e o desgaste da temporalidade em elementos de expressão artística. Nas ruínas o autor ultrapassa a noção da desconstrução como fragmento em perda e antes primoriza vestígios de uma grandiosidade passada, inspiração e admiração futura.

2.40

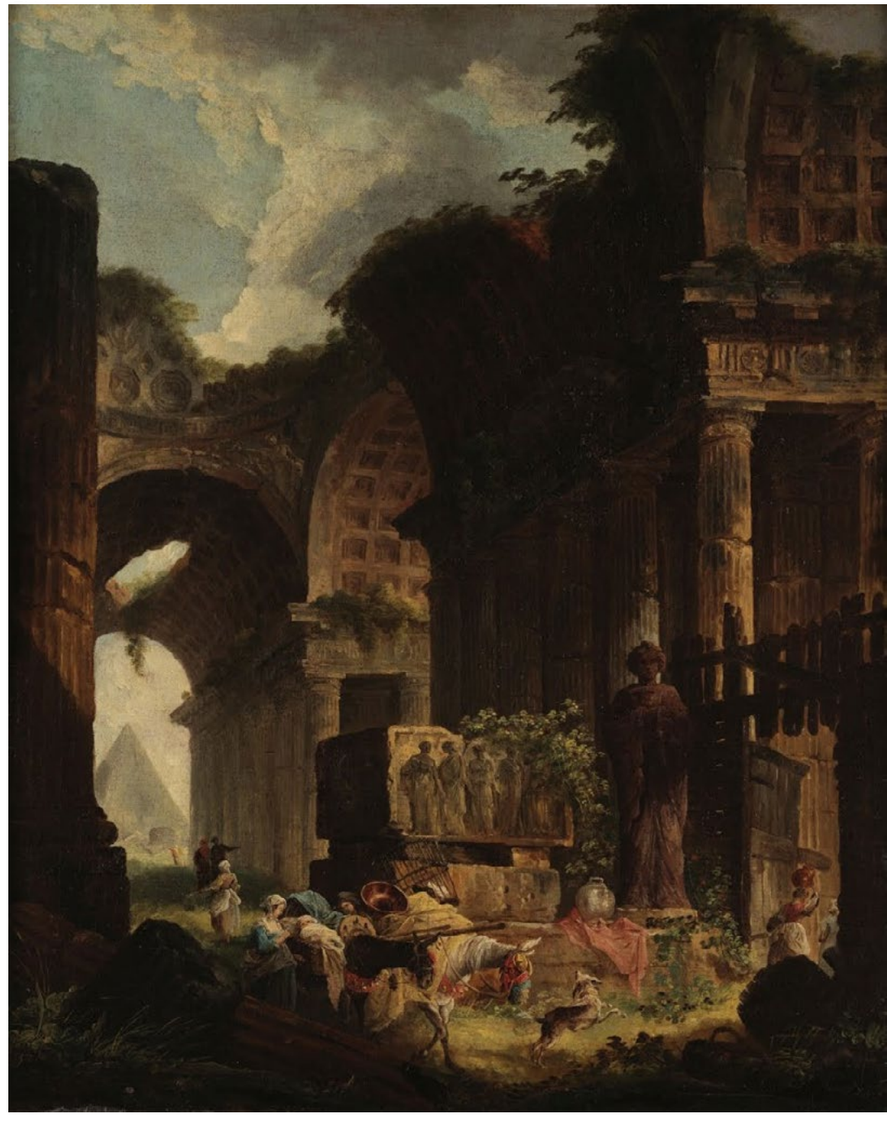


Fig. 2.39

Capricho arquitetónico com obelisco, oléo sobre tela de Hubert Robert, França (1768)

Fig. 2.40

Templo em ruínas, óleo sobre tela de Hubert Robert, França (1770-1780)

2.39



Momento enigmático surge quado o elemento ruína vem invadir o panorama de criação dos jardins ingleses no séc. XIX, nascendo como parte integrante de um sistema paisagístico que nos remete a uma tentativa de desenho natural, contudo fortemente projetado como universo calmo e bucólico. A ruína brota, neste caso, não fruto da inevitabilidade da passagem do tempo ou da sua destruição direta, mas antes da vontade premeditada em criar um ambiente (falsamente) carregado de vivências e histórias utilizando-a como condutor estético e sensitivo para esta representação.

Este desafio é explorado pelo arquiteto William Kent quando desenha o jardim em Stowe para Richard Temple, em 1734. O autor projeta o templo da Modern Virtude num estado de ruína e desconstrução, onde se pretende não só enaltecer o poder e a magnificência da natureza, como também estabelecer uma relação de contraste entre a deterioração deste elemento e a integridade do templo de Antique Virtue, localizado na sua proximidade. O tempo é aqui substituído pelo processo criativo de Kent no desenho da ruína. A escolha e o planeamento desta unidade remetem à simbologia e tranquilidade que o passado (mesmo que neste caso presente o seja) é capaz de transmitir. Há qualquer coisa de belo e profundo nos testemunhos do tempo. Um respeito e silêncio ao que só resta da memória que ainda jaz pelo resistir dos materiais. Uma beleza entre tempos onde a natureza abraça a intemporalidade. A observação dos agentes não-humanos na interação com o construído enaltece a conquista da natureza sobre as formas peneres. William Kent contribuí através da ruína para o enaltecer do meio natural, em oposição à arquitetura, sendo a ruína o limite e fusão entre a natureza e a construção, entre presente e passado.

O tempo revela-se oportunidade e palco para o atuar da natureza, intervalo que molda as intermitências do real. Como referem Herzog e de Meuron, “o tempo é uma realidade, é parte do projeto. O tempo muda, não muito depressa, mas com um ritmo invisível e constante.” O estudo desse tempo em outras obras sempre foi um método intrínseco ao processo de aprendizagem da produção arquitetónica. Aliás, para muitos arquitetos do século XX como Le Corbusier e Louis Kahn, o estudo das grandes ruínas do Egito, Grécia e Roma foi um meio para compreender a capacidade dos edifícios resistiram ao tempo. Procuraram nas ruínas novas técnicas e tecnologias para a conceção dos seus edifícios. Observa-se na reminiscência da arquitetura a inspiração para criação futura, os modernistas procuraram no pretérito mote e razão para criar novos moldes de recriar e inovar a ´arte de construir`.

“Que coisa mais bonita esta conexão entre natureza e artificial. Nesta luta sabe-se que nenhum vai ganhar. Os dois vivem num bom convívio. Esta é a ideia da arquitetura: manipular a natureza e vice-versa.” (Eduardo Souto de Moura, 2020)

2.41



2.43



2.42



Fig. 2.41

Frontíspicio: Ruínas imaginárias com uma estátua de Minerva, gravura de Giovanni Battista Piranesi *(1778)*

Fig. 2.42

The Jealous Wall, ruína construída na propriedade Belvedere por Robert Rochfort, em Mullingar, Irlanda (1760)

Fig. 2.43

Ruína no Bonfim, Porto (2022)



CAPÍTULO

3

REFLEXÕES

WALKSCAPES:

Percursos, Deambulações e Expedições Urbanas

A partir da obra de Francesco Careri ´ *Walscapes: o caminhar como prática estética´*

"O andar é um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente tanto o espaço natural como o espaço antrópico." (Careri, 2013)

Walkscapes lê-se narrativa sobre a perceção da paisagem através da ação de caminhar, momento em que Francesco Careri analisa o movimento à luz do seu estudo e consideração em vários momentos históricos. Obra que pretende revisitar os percursos e caminhos desde o nomadismo primitivo às vanguardas artísticas do início do séc. XX. Concebendo-os não só como ação capacitante de interação com o mundo, como também ferramenta social e artística, formuladora de conhecimento, voz ativa na transformação e cocriação do espaço através da intervenção humana.

O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade primordial do movimento necessário para garantir a própria sobrevivência. Quer pela busca e procura de alimento, quer pelo ímpeto de fuga, pela exigência de deslocação em prol da necessidade de análise do espaço circundante ou somente pelo próprio prazer de caminhar. Uma vez adquiridas a segurança e subsistência entre outras exigências primárias que assegurem a sobrevivência, o caminhar transmuta-se em ação simbólica e ato quotidiano no modo de habitar e interagir com o território. (Fig. 3.2)

A transumância nómada, considerada arquétipo de todo o percurso, surge do desenvolvimento das errâncias de caça do paleolítico. A análise do espaço através do binômio nomadismo e sedentarismo corresponde, naturalmente, a duas modalidades de conceber a própria arquitetura: " (...) uma arquitetura entendida como construção física do espaço e da forma, contra uma arquitetura entendida como percepção e construção simbólica do espaço" (Careri, 2013). Apesar de aparente se puder apresentar a arquitetura como invenção sedentária que evolui da construção e manipulação de um lugar com a sua especificidade e contexto até à formulação e agregação do construído numa lógica urbana, a arquitetura encontra-se intimamente relacionada ao nomadismo por intermédio da noção de movimento e de percurso[18]. A errância nutre a arquitetura pela necessidade que atribuiu à construção simbólica da paisagem pela interação constante que estabelece com a mesma.

[18] " O nômade desenvolveu a capacidade de construir o seu próprio mapa em cada instante, a sua geografia está em contínua mutação, deforma-se no tempo com base no deslocar-se do observador e no perpétuo transformar-se do território." (Careri, 2013)

Fig. 3.1

Percursos
(Budapeste, Húngria)

"A cidade nômada é o próprio percurso, o sinal mais estável dentro do vazio, e a forma dessa cidade é a linha sinuosa desenhada pelo subseguir-se dos pontos em movimento. (...) Assim como o percurso sedentário estrutura e dá vida à cidade, o nomadismo considera o percurso como lugar simbólico em que se desenrola a vida da comunidade." (Careri, 2013)

Nesta instância, a 4ª dimensão extrapola a tridimensionalidade através do movimento, sustentado pelo tempo, fator que incita a exploração e interação com a envolvente. É esta dinâmica que permite ao ser humano viver e habitar o espaço. A cinesia que ao sujeito permite ocupar, efemeramente, o negativo do edificado (vazio) enuncia o contexto simbiótico entre a ação e o cenário que o delimita. O caminhar surge como ferramenta passível de conhecer o território pela ação corpórea que estabelece com o mesmo através do seu reconhecimento em comunhão com a necessidade que um dado movimento ou trajeto se efetue. Assim nasce o percurso. Conceito limite entre a cinesia e a paisagem[19].

Em *Walkscapes*, enaltece-se a relevância do movimento como potência de relação com o lugar, ferramenta de conexão com a arquitetura e com o sujeito que com ela interage. Desde a análise das primeiras representações de percursos com o nomadismo do paleotíco, à sua correlação com a tradição de *flâneurie*, descrita por Walter Benjamin, com a deambulação surrealista do início do séc. XX, até à deriva situacionista, Francesco Carreri produz uma antologia da história do caminhar, amálgama de percursos e deambulações significantes para o ser que habita o mundo.

"A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares." (Careri, 2013)

Careri convida o leitor ao caminhar errante pela urbanidade caracterizado em *Walkscapes* como: transurbância, ação reflexiva e exploratória sobre a forma de atravessamento do território da cidade. O autor da obra é, por conseguinte, também ele um caminhante audaz, membro fundador do grupo italiano Stalker[20], cujas caminhadas pretendem percorrer espaços indeterminados, periféricos, terrenos em plena transformação e abandono, similares à ´*zona*´ do filme *Stalker* do cineasta Andrei Tarkovsky, referência para a denominação do grupo de ´(vi) andantes`. Tal como no filme homónimo, obra de Tarkovski, os espaços experimentados pelo grupo de caminhantes são também estes zonas intersticiais e lugares fronteiriços aos abandonos citadinos. Lugares invisíveis e esquecidos da sociedade onde a ´*zona*´ percorrida é o único lugar de esperança na cidade.

"A zona é talvez um sistema muito complexo de armadilhas... eu não sei o que se passa ali na ausência das pessoas, mas é só chegar alguém que tudo se começa a mexer... a zona é exatamente como se tivéssemos criado nós mesmos como o nosso estado de espírito... não sei o que se passa, isso não depende da zona, isso depende de nós." (Tarkovsky, 1979)

[19] O sistema de representação do espaço que se encontra, por exemplo, na planta de um vila-rejo paleolítico esculpido na rocha de Val Camonica, é um dos primeiros mapas que retrata um sistema de percursos (semelhantes aos mapas psicogeográficos dos situacionistas) onde se espelha o sistema de conexões da vida quotidiana. A gravura reproduz a dinâmica de um sistema complexo onde os traços dos percursos no vazio entrelaçam-se em prol da representação e distribuição dos diversos elementos "cheios" (construídos) do território. Observamos que, o caminhar mesmo não sendo construção material de um espaço, implica uma transformação do lugar e do seu significado. (Fig. 3.3)

[20] Stalker é um coletivo de arquitetos e investigadores ligados à Universidade Roma Tre, que se reuniram em meados da década de 1990. Em 2002, Stalker fundou a rede de pesquisa Laboratorio d'Arte Urbana Stalker/Osservatorio Nomade (ON), que é composta por arquitetos, artistas, ativistas e investigadores que trabalham experimentalmente e participam em ações para criar espaços e situações auto-organizadas.



3.3



3.2



3.4

Fig. 3.2
Passos de Australopiteco, Laetoli, Tanzânia

Fig. 3.3
Gravura rupestre, Bedolina, Val Camonica (cerca de 10.000 a.c.)

Fig. 3.4
Frame do filme *Stalker*, Andrei Tarkovski (1979)

3.1 FlÂNEUR: PERCURSOS E DEAMBULAÇÕES URBANAS

O caminhar, ação que atravessa os espaços através do seu percurso, denota-se ferramenta que permite a deslocação necessária de um ponto a outro. Contudo, este exercício para além da sua possibilidade de atuação como ferramenta pragmática de aproximação e afastamento espacial a dadas referências e necessidades que compõe o quotidiano, o percorrer concebe-se potencialmente como finalidade em si mesmo. Ação que se aglutina como princípio, meio e fim no modo como o corpo se relaciona com a envolvente.

O percorrer eleva-se a deambulação pela capacidade que atribuí ao espaço de discernir e encaminhar a orientação e cadência de movimentos facultadas pelo sujeito: o deambular. Prazer de confiar no espaço como elemento orientador do nosso andar. Cenário que protagoniza o interesse pela exploração do que nos circunda. Distância crítica que se deixa envolver com o próprio desconhecido, percorrida no tempo através da constante experiência de sentir. É assim que o espaço se mostra na sua totalidade, é através da nossa capacidade de deambular que despimos a própria tridimensionalidade que o caracteriza.

A cidade mostra-se como um universo de possibilidades. Uma rede composta por inúmeras experiências fruto não só da dinâmica do presente, mas memória de uma vida quase esquecida. O deambular trespassa o sentido espacial e lê-se agora como a sua própria história. Uma história que marca o espaço e nos revela a sua essência. "Tenho de dizer que isto é um dos meus maiores prazeres: não ser conduzido, mas sim poder deambular – *drifting*, sim? E assim encontro-me numa viagem de descobertas. Como arquiteto tenho de ter cuidado para que não se torne um labirinto, pelo menos, se eu assim não quiser. E depois volto a introduzir orientação, faço exceções, como vocês todos sabem. Conduzir. Seduzir. Largar, dar liberdade. Para certo tipo de utilização é melhor e faz mais sentido criar calma, serenidade, um lugar onde não terão de correr e procurar a porta. Onde nada nos prende e podemos simplesmente existir." (Zumthor, 2006)

A relevância da deambulação urbana, remonta ao século XIX, em plena era de industrialização, com o crescimento dos grandes centros urbanos, comerciais e industriais através do aparecimento e consolidação do novo quotidiano moderno. Surgem as primeiras obras que promovem a relevância de caminhar em meio urbano e a importância da desorientação experienciada na cidade como modo de entender e absorver este novo lugar carregado de potência. Na obra *The Man in the Crowd* de Edgar Allan Poe, a narrativa surge a partir da descrição de um sujeito que se deixa perder no labirinto de uma cidade – Londres, a capital por excelência da Revolução Industrial e um dos exemplos urbanos das mudanças que operam na nova paisagem citadina.

A deambulação evocada no conto de Allan Poe vem, mais tarde, ser referência para a criação da expressão *flâneur,* conceito que caracteriza a personagem que habita a obra de Charles Baudelaire em *As Flores do Mal*, caracterizada pela capacidade que esta entidade apresenta em deixar-se perder pela urbanidade. Ser que caminha impulsionado pelos movimentos dos desconhecidos transeuntes com quem se cruza no cenário tortuoso da cidade, tendo como orientação os estímulos inconscientes que obtém dos espaços que percorre.

3.5



3.6



[21] (Baudelaire, 1985, pág. 361)

[22] "A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto. A esta realidade, sem sabê-lo, está dedicado o *flâneur* (...) Paisagem, é nisto que se torna a cidade para o flâneur. Ou mais exatamente: a cidade para ele cinde-se nos polos dialéticos. Abre-se-lhe como uma paisagem e o abarca como um aposento." (Careri, p.70)

[23] Descrição a partir do folheto divulgado pelo movimento Dadá em Saint-Julien-le-Pauvre, em Paris, a 14/04/de 1921 (Fig. 3.5)

Fig. 3.5

DADA, ´*Excursions & Visites*´ Manifesto (1921)

Fig. 3.6

Excursão Dada a Saint-Julien-le--Pauvre, Paris (14 de April 1921)

O pulsar da explosão de sensações transmitidas pela urbe alimenta a curiosidade, a vontade e a necessidade de nela caminhar e de nela se perder. O deambular manifesta-se como esperança última de puder, verdadeiramente, conhecer a cidade através do confronto constante com o seu desconhecimento. O *flâneur* atravessa um espaço limite do incógnito.

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.
Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.
Que luz... e a noite após! – Efémera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?
Longe daqui! tarde demais! "nunca" talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste! (Francês) [21]

O conceito *flâneur,* retratado no poema de Baudelaire, invoca a essência da contemplação no meio urbano através da sua exploração corpórea e sensorial. Walter Benjamim, no início do séc. XX, faz desta figura errante e boémia, descrita por Baudelaire, temática de interesse e personagem tanto emblemática como representativa do dicotómico arquétipo da vida moderna. O *flâneur* torna-se retrato do ser que deambula, ação alegórica e reflexiva da sua própria busca e desencontro com o seu contexto espacial, histórico e social do cenário europeu da pós-revolução industrial. Benjamin apresenta esta personagem como um sujeito que dispõe de fragmentos da verdadeira experiência humana através da procura por uma consciência social no presente através do movimento e interação com a urbe. " (...) Benjamin, sob a herança de Edgar Allan Poe e de Charles Baudelaire, reconhece na intensificação da cidade moderna um mundo de sonhos, um espaço inebriante e narcotizado por torrentes caleidoscópicas, espectrais e cacofónicas que trespassam ´ o tumultuoso mar de cabeças humanas´"(Bogalheiro, 2021). A cidade é o palco da sociedade.[22]

Em Abril de 1921, os membros do movimento Dadá encontram-se em frente à igreja de Saint-Julien-le-Pauvre, em Paris, a fim de inaugurar uma série de expedições urbanas e visitas (Fig. 3.6) "(...) a alguns lugares escolhidos, em particular àqueles que não tem qualquer razão real de existir. (...) Participar dessa primeira visita é dar-se conta do progresso humano, das possíveis destruições e da necessidade de prosseguir com a nossa ação, que vocês procurarão encorajar por todos os meios"[23]. Esta operação é mote para a construção de uma ação estética a ser realizada no contexto do quotidiano, momento artístico transitório das salas de espetáculo ao ar livre. Passagem de representação a pratica artística no espaço real através do processo de habitar a cidade, lugar banal que potencia a dessacralização da arte, a fim de alcançar a união entre a arte e a vida urbana. O caminhar observa-se, neste momento, ferramenta e momento artístico de indagação.

O dadá elevou a tradição do *flâneur* a ação simbólica que atribuí valor estético a um espaço "vazio" e não a um objeto. A exploração através do atravessar, observar e documentar a cidade ocorre pela contínua descoberta de realidades a ser reveladas, possíveis a qualquer lugar. Com a análise do banal materializado na urbanidade o dadá inicia a aplicação de pesquisas freudianas ao inconsciente da cidade, conteúdo desenvolvido posteriormente pelo movimento surrealista e pelos situacionistas nos anos 60.

Em Maio de 1924, o grupo dadaísta organiza (três anos depois da primeira expedição de 1921) uma nova intervenção espacial. Nesta ocasião não se trata da exploração de um terreno escolhido *a priori* na cidade e habitá-lo como lugar, mas antes entende-se a realização de um percurso errático num amplo território. O grupo decide partir de Paris de comboio rumo a Blois, uma pequena cidade escolhida ao acaso, e de seguida ir a pé até Romorantin. A viagem, com começo e sem meta, converte-se em experimentação do automatismo psiquíco no espaço real. Uma errância impressa no mapa de um território mental onde a deambulação evoca consigo a essência da desorientação e do seu constante reencontro possibilitado pelo abandono do consciente.

Ao regressar da viagem, Breton compõe a introdução de *Poisson Soluble (*Fig. 3.7), primeiro Manifesto do Surrealismo onde se define o movimento em questão como "automatismo psíquico puro com o qual se propõe expressar, seja verbalmente, seja por escrito, seja por qualquer outro modo, o funcionamento real do pensamento" (Breton, 1924). Distintivamente da excursão dadaísta, o cenário e foco da ação não é a urbanidade, mas antes o espaço "vazio" que se encontra entre a vontade e o retorno a lugares vastos, abandonados e obsoletos: aos confins do espaço real. A deambulação surrealista situa-se fora do tempo num espaço vivo e ativo, organismo criador de estímulos, relações e emoções. O caminhar lê-se sob a forma de aceitação de um estado de desorientação através do qual se permite o contacto com o inconsciente do sujeito e do território.

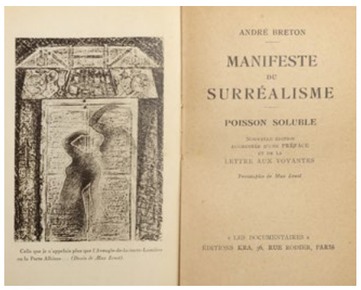
"A rua, que eu acreditava fosse capaz de imprimir à vida giros surpreendentes, a rua, com as suas inquietações e os seus olhares, era o meu verdadeiro elemento: nela eu recebia, como em nenhum outro lugar, o vento da eventualidade." (Breton, 1924)

O deambular em coletivo por Paris torna-se um dos ofícios mais praticados pelos surrealistas a fim de atravessar e mapear o inconsciente da cidade. É o fascínio pelos lugares inéditos presente nos fragmentos de vida que se desenrolam fora dos circuitos do quotidiano e longe dos itinerários turísticos que a deambulação surrealista desenvolve um universo submerso e indecifrável[24]. A urbanidade antes transformada pelo movimento dadá num lugar de observação do banal e do ridículo (regra e exceção) é agora espaço urbano passível de ser transgredido pela mente. A cidade surrealista revela as invisibilidades da relação do sujeito com o espaço. A cidade invisível, organismo caracterizado pela capacidade que apresenta em se deixar mutar pelos seres que nela habitam, assim como de os impactar igualmente, a cada um deles, consuma o vínculo indissociável e interdependente que os indivíduos estabelecem com a urbanidade, com a sua vivência e com a sua representação mental.

[24] Em 1924, Aragon publica Le paysan de Paris, obra e guia do maravilhoso quotidiano que vive camuflado pela cidade moderna e pelas suas intermitências.

[25] "Os letristas rejeitavam a ideia de uma separação entre a vida real alienante e aborrecida e uma vida imaginária maravilhosa: é a própria realidade que se tem de tornar maravilhosa. Não era mais tempo de celebrar o inconsciente da cidade, era preciso experimentar modos de vida superiores através da construção de situações na realidade cotidiana: era preciso agir e não sonhar." (Careri, 2013)

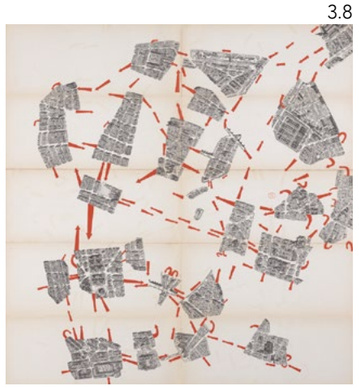
[26] O primeiro mapa psicogeográfico situacionista é *La Guide Psychogéographique de Paris* e está configurado como um mapa dobrável que convida os transeuntes a perderem-se na cidade. A unidade do território é resultado gráfico exclusivo das conexões e memórias fragmentadas atribuídas ao sujeito que atravessa o vazio das infinitas possibilidades que a urbanidade apresenta. (Fig. 3.8)



3.7

Fig. 3.7

Poisson Soluble, Manifesto Surrealista (1924)



3.8

Fig. 3.8

La Guide Psychogéographique de Paris, de Guy Debord (1957)

Após a excursão dadá e a deambulação surrealista surge uma nova aproximação ao modo de viver e atravessar a cidade: *a dérive* . Conceito originado no início dos anos 50 no decorrer da Internacional Letrista (posteriormente Internacional Situacionista), onde o novo termo se reconhece como ação lúdica que não pretende apreender o inconsciente da cidade, mas antes almeja investigar os efeitos que o contexto urbano produz no sujeito que o experiencia. *A dérive* é a experimentação em grupo de uma leitura subjetiva da cidade (já instituída pelos surrealistas) mas modificada em método pragmático de análise da urbanidade e da arquitetura como ferramentas de uma revolução do quotidiano. O espaço é agora terreno objetivo e não só subjetivo e inconsciente[25]. Aqui, o caminhar apreende-se como ato que potencia a criação de situações cujo intuito não estabelece a produção de representações premeditadas nem a sua conservação e testemunho para o futuro, mas evoca a tentativa de anular o seu potencial rasto de consumo. Exercício fugaz fruto da vivência do instante imediato no momento presente, ação tanto estética como espontânea e integrativa. Neste sentido, os letristas desenvolvem a teoria de *a dérive* na prática da errância citadina. Para além da prática *in situ* (na cidade), surgem os textos letristas e a expressão do movimento através da formulação de mapas, guias turísticos e formulários de auxílio aos transeuntes na utilização e vivência do território.

Em 1955, Jacques Fillon escreve a *Description raisonnée* de Paris (*Itinéraire pour une nouvelle agence de voyages*), um guia com percursos sob o formato de itinerários improváveis. No mesmo ano, Guy Debord escreve a *Introduction à une critique de la géographie urbaine*, onde define a proposta de utilização de métodos experimentais para a observação dos processos desencadeados no espaço urbano. Em 1956, a *Théorie de la dérive* vem ultrapassar a noção de deambular através de olhar *a dérive* como exercício que aceita o destino do percurso sem que este se deixe limitar ou fundir pelo mesmo. A teoria propõe a elaboração, ou melhor, a constante experimentação da representação dos movimentos, correntes, sinergias e estímulos através da elaboração de colagens e cartografias, metagrafias e psicografias que as pretendem graficamente traduzir[26]. Em 1957, Gil Wolman e Guy Debord apresentam o projeto que dá continuidade às metagrafias através do livro *Fin de Copenhague e Mémoire*, obra preambular para a Fundação da Internacional Situacionista.

A errância, o andar sem rumo, vem questionar a utilização do espaço e do tempo onde se propõe a fuga às regras de produção e progresso representativos do sistema económico-social vividos nos anos 50/ 60, na Europa. Como resposta, enaltece-se a autoconstrução de espaços, momentos e situações coletivas em liberdade. O situacionismo constrói um meio lúdico de diálogo e reapropriação do território, onde os lugares são vividos e experimentados coletivamente na perda de tempo útil e na sua mutação como tempo recreativo e construtivo na interação e descoberta pelo ambiente que envolve o indivíduo.

Contudo, é através do projeto utópico *New Babylon* de Constant que a teoria da deriva alcança uma nova profundidade e praticabilidade arquitetónica. O estudo e a observação de um acampamento nômada (de uma comunidade cigana) situado efemeramente num terreno, em Pinot Gallizio, introduz o interesse no desenvolvimento futuro de um projeto com comunidade. Surgem os primeiros alicerces do esboço de uma cidade idealizada para uma nova sociedade nômada. A errância torna-se parte integrante de um projeto urbano.

Neste seguimento, Constant preconiza a New Babylon, obra lúdica, edificada coletivamente pela criatividade arquitetónica de sediar uma nova sociedade errante. Os habitantes constroem e reconstroem infinitamente os seus limites dentro da sua própria paisagem mutante. Em New Babylon, o caminhar materializa a arquitetura como espaço do ir através do movimento. A cidade lê-se terreno e unidade indivisível pela sua capacidade transitória, flexível e participativa. Território que se transforma continuamente no espaço e no tempo. "New Babylon não termina em lugar algum (por ser redonda a terra); não conhece fronteiras (por não haver economias nacionais) nem coletividades (por ser flutuante a humanidade). Todo o lugar é acessível a um e a todos. A terra inteira torna-se casa para os seus habitantes. A vida é uma viagem infinita através de um mundo que muda tão rapidamente que sempre parece outro." (Constant, 1974)



3.10

A cidade errante traçada por Constant, onde os urbanistas e arquitetos são substituídos pelo movimento e pelas necessidades mutáveis dos habitantes da nova urbanidade nômada, vem semear a relevância do percurso como viagem e ato de experimentação da paisagem como forma de arte.

Posteriormente, em Dezembro de 1966, divulga-se o relato da viagem de Tony Smith por uma estrada nos subúrbios de Nova York. Esta travessia, realizada durante a noite, atravessa de carro o percurso em asfalto de lugares fragmentados da periferia americana. Durante a viagem, Smith reflete sobre a problemática do carácter estético do percurso em que constituí a estrada como parte integrante da paisagem e da ação que nela se desenvolve, indagando sobre a sua qualificação como obra de arte. Esta experiência, estritamente relacionada com a utopia de Constant, vai aludir às origens da *Land art*, da qual se pode remontar às sucessivas caminhadas tanto por paisagens naturais como (sub)urbanas realizadas no final da década em questão. (Careri, 2013, pp. 111)

A estrada e o percurso são elementos explorados por Tony Smith na dicotómica possibilidade de análise: a estrada como objeto e símbolo no qual é passível o movimento e atravessamento do território, contrapondo com a própria ação de percurso como experiência, atitude que se torna forma. A passagem do objeto minimalista à experiência sem objeto através do percurso da viagem de Smith é evidente quando confrontada com a dualidade das obras de Carl Andre e Richard Long. Ao passo que, Carl Andre procura compor objetos que ocupassem o espaço sem o preencher, elaborando presenças que fossem gradualmente mais ausentes, Long transita do objeto à sua total ausência, onde a ação de percorrer eleva-se como âmbito artístico.

Fig. 3.11

Richard Long, *A Line Made by Walking (1967)*

Fig. 3.12

Carl Andre, *Secant* (1977)

Fig. 3.13

Robert Smithson, *Monuments of Passaic* (1967)

Fig. 3.10

Constant, *Representação simbólica da Nova Babilónia (1969)*

3.11



3.12



3.13

[27] *A Line Made by Walking* produz uma sensação de infinito, onde o percurso sob forma de uma linha reta atravessa o território até se deter nas árvores que encerram o campo visual. Esta direção percorre todo o planeta em busca de ausência, ausência de corpo e objeto. Só o espaço e o movimento têm lugar na infinitude. (Fig. 3.11)

A dualidade de ambas as perspetivas sobre o caminhar testemunha-se na entrevista a Andre, na qual Richard Long argumenta " O que diferencia o trabalho dele do meu é que ele tem feito esculturas planas, sobre as quais podemos caminhar (Fig.3.12). É um espaço sobre o qual caminhar que pode ser deslocado e levado a outro lugar, ao passo que a minha arte consiste no ato mesmo de caminhar. Carl Andre faz objetos sobre os quais caminhar, enquanto a minha arte se faz caminhando. É a diferença fundamental." (Long, 1986)

O caminhar localiza-se nos interstícios do campo da escultura, da arquitetura e da paisagem cuja ação comum se define na capacidade de transformação simbólica do território. A obra *A Line Made by Walking*, realizada por Richard Long (um ano depois da viagem de Tony Smith), representa uma linha reta moldada no espaço pelo simples ato de atravessar e manipular a superfície do terreno (Fig. 3.11)[27]. O movimento produzido e esboçado na relva do lugar transformado evoca a simplicidade revolucionária do efémero. Para Long, o caminhar é uma ação que incide sobre o solo de uma forma reversível. Ato que desenha uma interação, figura no terreno, suscetível de ser transferida em representação cartográfica. Assim, o universo eleva-se a um "(...) imenso território estético, uma enorme tela sobre a qual se desenha através do caminhar" (Careri, 2013).

No mesmo ano (Dezembro de 1967), é divulgado o artigo no ArtForum de Robert Smithson intitulado *The Monumento of Passaic* e, simultaneamente, inaugura-se a sua exposição em Nova Iorque. Na mostra expõem-se o negativo de um mapa de Passaic (terra natal de Smithson) e 24 fotografias representativas dos monumentos da localidade. Contudo, a obra não se define pelas representações fotográficas, mas antes pelo convite à exploração de "uma terra que esqueceu o tempo", ao longo de Passaic River. Smithson caracteriza a proposta da viagem como uma "odisseia suburbana", epopeia que enaltece os novos monumentos e as presenças vivas e necessariamente mutáveis de um espaço periférico, fragmentado e em dissolução (mais tarde, caracterizado por Marc-Augé como um não-lugar). É através da viagem e da necessidade instintiva de explorar a realidade do espaço envolvente que Smithson imerge na indagação de lugares abandonados, inutilizados e invisíveis ao quotidiano da sociedade de produção.

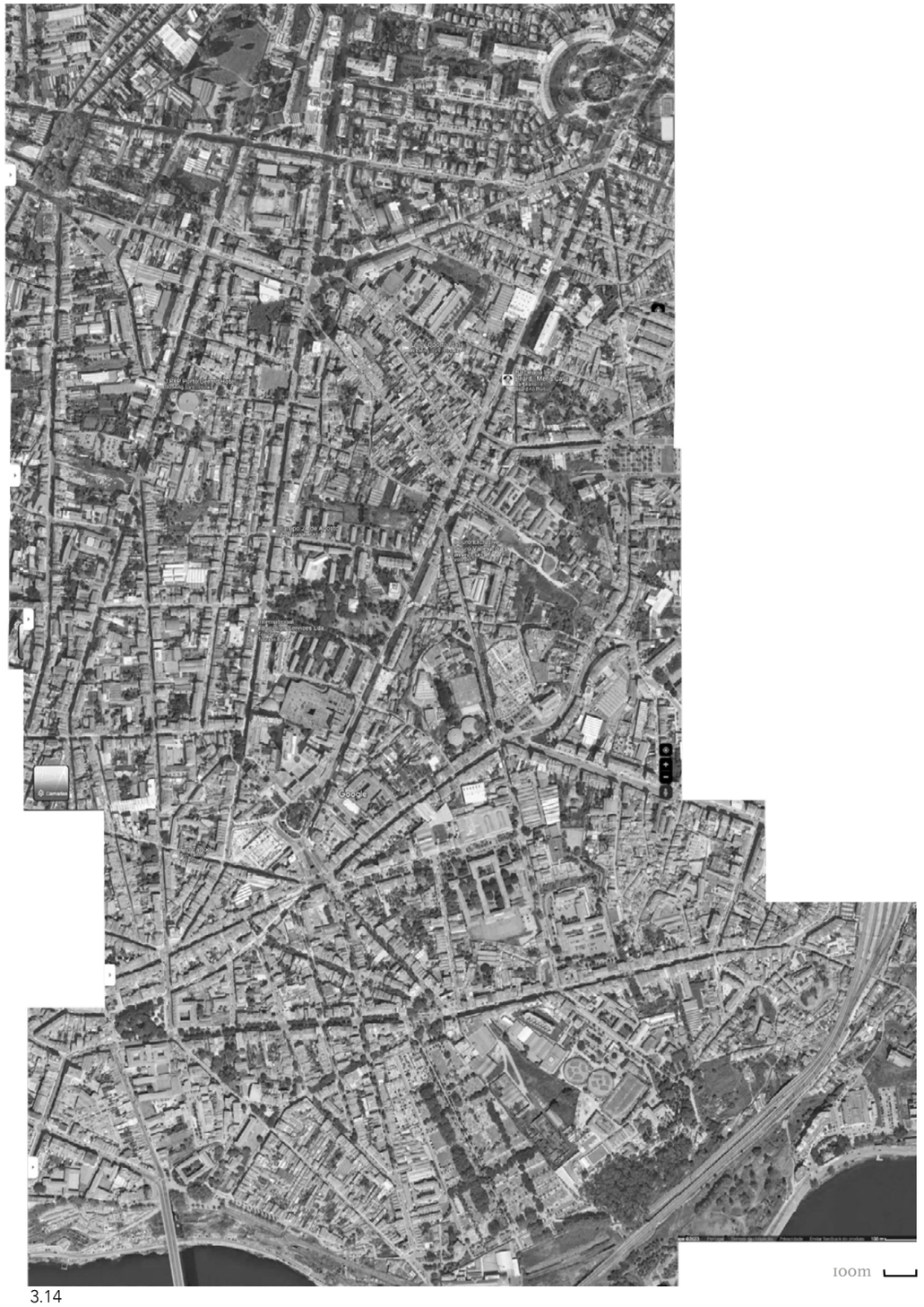
A odisseia por Passaic elucida a busca por um lugar no qual não habita nem passado, nem presente, nem futuro mas uma temporalidade suspensa no intervalo entre o antes, o agora e o depois. Fragmentos de tempo explanados no território, no espaço suburbano: lugar desprovido de representação onde o tempo e o espaço são alvo de uma incessante transformação. A viagem de Smithson abre portas à exploração urbana através do movimento e ato de percorrer lugares em perda, perdidos no espaço e no tempo. Ação que visibiliza a cidade invisível.

"Não evita as contradições da cidade contemporânea, mas penetra nelas a pé, numa condição existencial no meio termo entre o caçador paleolítico e o arqueólogo de futuros abandonados." (Careri, 2013)



3.13

Cartografia"*The Monumento of Passaic*", por Robert Smithson (1967)



3.14

Colagem de vista aérea da da freguesia do Bonfim (Airbus, cnes 2023)

3.2 EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS:
A arte de caminhar como meio de habitar a cidade

O caminhar é prática capaz de atravessar e transpor o território permitindo ao transeunte o reconhecimento tanto dos lugares físicos que o compõe, da rede que os vários espaços da urbanidade constituem, assim como da estrutura de vivências e relações humanas que perfazem a presença dos habitantes nos entretantos da arquitetura. O movimento é, por conseguinte, a forma de aproximação ao espaço que, por produzir uma interação com o meio, submerge o sujeito no universo tridimensional elevando-o a elemento participativo, cocriador do mesmo. É no seguimento da herança errática da deambulação surrealista, da deriva letrista, da utopia de Constant e do entendimento da viagem de Smithson que se elabora e efetua o caminhar através da cidade contemporânea no contexto português.

A cidade lê-se como objeto de estudo e palco diretamente observável de fenómenos inerentes a espaços abandonados do seu território através da ação de neles caminhar e neles habitar. Para tal, denota-se importante a escolha de uma realidade concreta, neste caso, a cidade do Porto. É, não só por se tratar de um caso pessoalmente familiar (anteriormente referido pela proximidade ao caso de estudo desenvolvido pela unidade curricular de PTRI) onde a própria vivência deste lugar foi inspiração para o desenvolvimento desta temática, como também pelo facto da própria cidade se encontrar num forte processo de perda, abandono, apropriação e gentrificação das suas arquiteturas, que estas circunstâncias se notam relevantes para a escolha e desenvolvimento da exploração desta urbanidade.

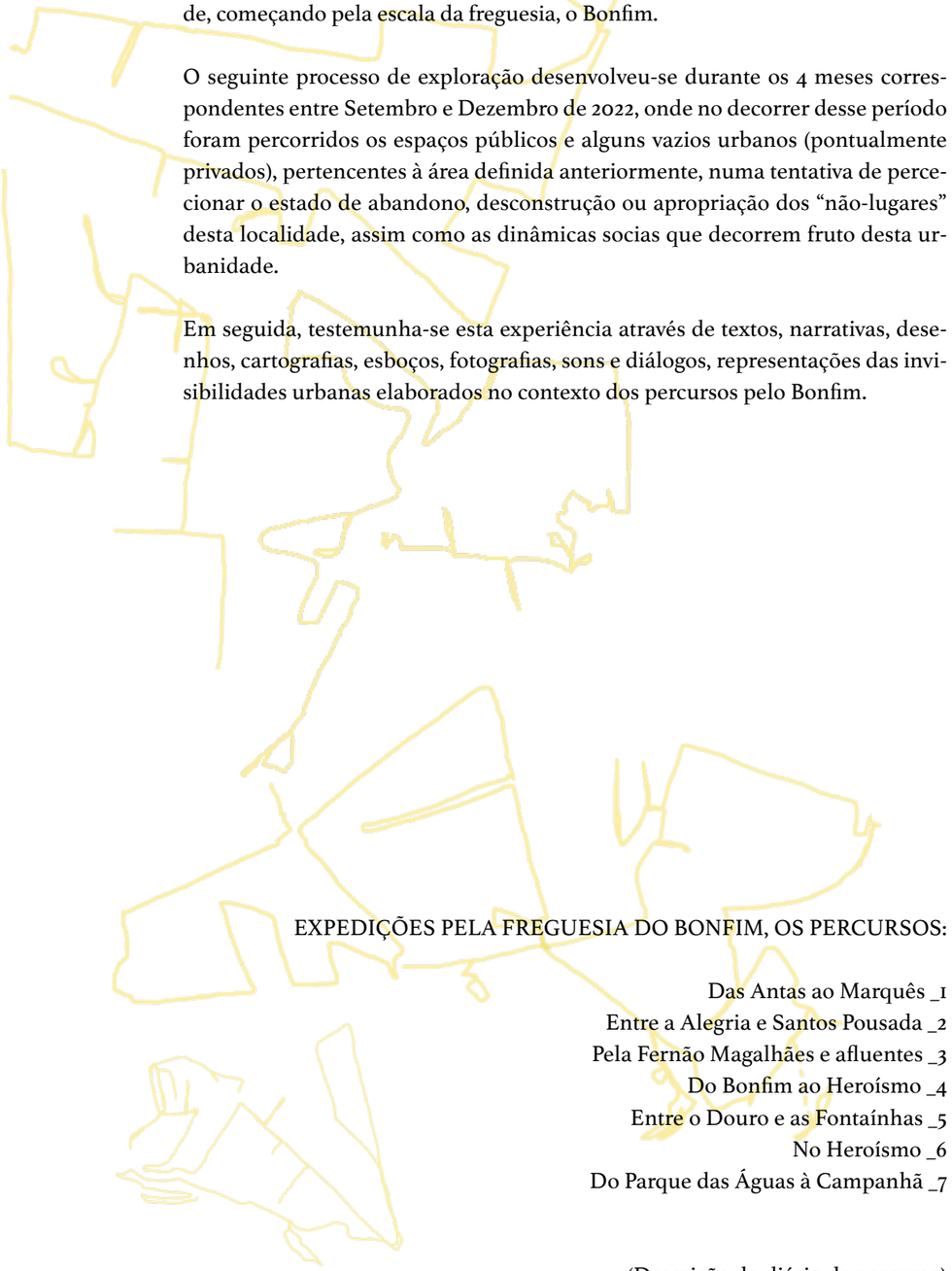
Tendo em consideração a globalidade e complexidade dos dinamismos presentes num universo tão vasto como o da cidade do Porto e perante a necessidade de restrição do objeto em estudo, manifesta-se importante a escolha da freguesia do Bonfim como foco de atravessamento, vivência e documentação destas realidades. O Bonfim, freguesia portuguesa integrante da zona oriental do município do Porto, é, por conseguinte, estímulo e cenário do presente trabalho. A história e cariz industrial da presente freguesia marcam o que na atualidade resulta numa urbanidade fragmentada com uma forte presença de estruturas em desconstrução e apropriação fruto tanto da mudança e transição da influência do sector industrial para atividades comerciais e de serviço, como pela gentrificação e especulação imobiliária sentida no centro da cidade do Porto. O resultado da contribuição destes fatores para a malha urbana lê-se na presença de arquiteturas abandonadas e apropriadas e na existência de terrenos vacantes e baldios, cenário onde se desenvolvem novas presenças e interações.

De forma a uma melhor aproximação e compreensão desta realidade recorreu-se ao método de reconhecimento *in situ* onde através do percorrer o espaço da freguesia escolhida pretende-se observar, viver e documentar a temporalidade cicatrizada na arquitetura dos lugares em perda e abandono. Insurgindo às temáticas que a este capítulo dizem respeito trata-se, por conseguinte, a metodologia utilizada para compreender estes espaços em perda.

Para tal, foram traçados 7 percursos que trespassam a freguesia do Bonfim a partir dos quais se desenlaça uma "odisseia urbana" cuja finalidade entende-se pela observação e compreensão dos dinamismos urbanos a partir de uma visão integral do espaço público do Bonfim. Um percorrer errante, pessoal e sensitivo no modo especialmente único de aproximação ao objeto em estudo pela simplicidade de observar o quotidiano, de deambular e "derivar" os limites daquilo que é a cidade, começando pela escala da freguesia, o Bonfim.

O seguinte processo de exploração desenvolveu-se durante os 4 meses correspondentes entre Setembro e Dezembro de 2022, onde no decorrer desse período foram percorridos os espaços públicos e alguns vazios urbanos (pontualmente privados), pertencentes à área definida anteriormente, numa tentativa de percecionar o estado de abandono, desconstrução ou apropriação dos "não-lugares" desta localidade, assim como as dinâmicas socias que decorrem fruto desta urbanidade.

Em seguida, testemunha-se esta experiência através de textos, narrativas, desenhos, cartografias, esboços, fotografias, sons e diálogos, representações das invisibilidades urbanas elaborados no contexto dos percursos pelo Bonfim.



EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS:

Das Antas ao Marquês _1
Entre a Alegria e Santos Pousada _2
Pela Fernão Magalhães e afluentes _3
Do Bonfim ao Heroísmo _4
Entre o Douro e as Fontaínhas _5
No Heroísmo _6
Do Parque das Águas à Campanhã _7

(Descrição do diário de percurso)
Narrativas e aproximações ao caso em estudo:

EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS:
3.2.1 Das Antas ao Marquês

Do alto do Bonfim, início o andar.
De costas dadas ao Marquês assim o deixo, rumo às Antas pela Latino Coelho, sem me reger pelos seus limites, navego pelos interstícios da sua morfologia urbana. Ao cruzar a Alegria foram já algumas as habitações familiares que observei abandonadas estarem, maioritariamente casas burguesas do início do séc. XX, onde um aglomerado de felinos desperta o meu interesse entre uma dessas desconstruções no cruzar com a travessa de Santo Isidro.

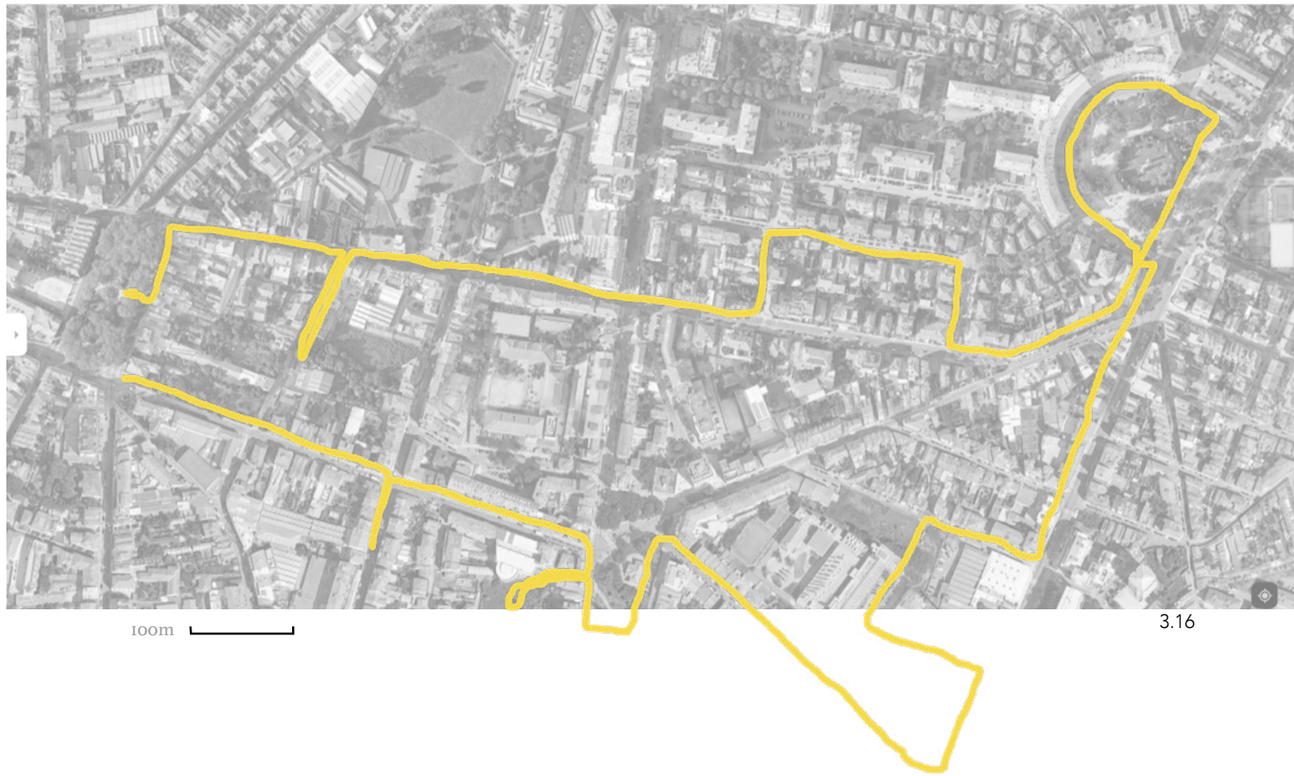
O reboliço do trânsito e a copa das árvores ao fundo enunciam a chegada ao jardim Rainha Dona Amélia, pausa e respirar urbano, onde a proximidade com as duas escolas secundarias, Aurélia de Sousa e Soares dos Reis, assim se sente pelo entusiasmo dos jovens sentados nos bancos de jardim que pontuam o pequeno enclave relvado.

À direita, invisível pela cartografia que me acompanha por estas ruas mas cativante quando confrontada com a real tridimensionalidade da estreita composição do que parece ser o início de uma rua, descubro entre o tardoz de uma casa devoluta e a empena de um edifício de escritórios (datado provavelmente pouco mais que a minha idade) o começo daquilo que é a imensidão de um verdejante interior de quarteirão. Um grande terreno vacante, quase despercebido pelo alvoroço da cidade, uma grande área onde a natureza reina e se apropria desregradamente daquilo que são os bastidores das ruas movimentadas. As fachadas escondem-nos estes pequenos grandes tesouros silenciosos, interrompidos por alguns súbitos miares dos nossos fiéis amigos, aqui novamente a sinalizar estes não-lugares num encaminhar do nosso percurso. Daqui as traseiras se mostram dando a conhecer algumas ruínas onde se destaca um espaço comercial abandonado.

Volto ao movimento, descendo agora a Coutinho de Azevedo deparo-me com pontuais habitações degradadas onde a arte de rua vem celebrar com cores e texturas as imediações da (escola) secundária artística do Porto.

A avenida de Fernão Magalhães conquisto e é numa descida a pique que me é devolvida a azáfama das conversas de café entre dinâmicas de vizinhança e as aperaltadas vitrines dos pequenos comércios que omitem frequentemente os vazios urbanos ao longo deste grande eixo. Encaro a longa subida que se me avizinha, explorando também os seus afluentes, entre os Navegantes e a Nau Trindade vou me cruzando com um ou outro baldio e algumas habitações vazias, devastadas pelo abandono até chegar ao coração das Antas, no cimo do jardim da praça Sá Carneiro. É nas redondezas desta praça concêntrica que me encontro junto a uma nova realidade: uma malha suburbana mais dispersa de vivendas e alguns edifícios mais recentes, de maior altura, mais espaçosos, notoriamente num ato contrastante com aquilo que é o antigo e apinhado centro do Bonfim. Pontualmente, venho a reconhecer aquilo que são traços de perda e desconstrução da arquitetura de algumas habitações mais recentes, mas não por isso menos suscetíveis do impermanente passar do tempo.

Pela Constituição regresso ao Marquês, importante eixo portuense que me guia de volta ao início deste percurso. Uma certa nostalgia me arrebate, entre aquilo que fora o encontro com a memoria de mim no decorrer destas últimas 3 horas. Um ar fresco me é devolvido pelo aproximar da sombra da praça resguardada pelas formosas copas das árvores do Marquês. É nesta confortável penumbra que escuto um familiar ronronar, os meus audazes companheiros recupero. Entre saltos e correrias se vão entretendo. Já me posso despedir em paz do meu agora cansado caminhar, deixando o Bonfim para trás, num breve adeus me vou rua abaixo.



3.16

Fig. 3.16
Vista aérea da freguesia do Bonfim: Antas e o território percorrido

Fig. 3.17
Esboço do percurso caminhado, Rua Latino Coelho



3.17

EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS:
3.2.2 Entre a Alegria e Santos Pousada

A Santa Catarina encaminha-me por esta feliz descida. Rumo ao embalo do rio me dirijo, por entre as típicas habitações portuenses de 3 andares me situo. O fervilhar de cores e padrões dos azulejos das fachadas parecem condizer com as íntimas e fervorosas dinâmicas dos populares com que me vou cruzando ao longo deste ainda pedonal eixo. É toda esta azáfama de condicionantes que quase dissimula algumas construções vedadas a fortes cadeados decorando as portas principais do piso térreo das estreitas habitações. Tentativas de enclausurar o que os andares superiores tornam difícil de omitir pelos estilhaços de vidros partidos das robustas janelas ineficazmente protegidas pelos estores desalinhados que a elas se vão sobrepondo. Revela-se um desenhar desorganizado das fachadas que compõem este cenário completo e estimulante por onde me perco.

Ao cruzar a Travessa da Fontinha, pela esquerda me dirijo Rua Escola Normal acima onde a tranquila sinfonia da ESMAE me dá algum alento para a íngreme subida que se avizinha. É na Alegria, de frente para o isósceles largo José Moreira da Silva que, um pouco mais à frente, me suscita interesse um conjunto de duas fachadas falsas onde, uma delas, já parte integrante de uma ávida trepadeira enuncia aquilo que é um grande baldio, ´terreno vacante` (lugar adjacente a um parque de estacionamento e a um empreendimento de divertimento noturno). Grande área desocupada entregue ao seu próprio destino, hoje a sua sina transcreve-se por entre osgas, silvas, alguns felinos companheiros e uma abrupta tranquilidade.

Alegria acima vou insurgindo tanto pela rua das Doze Casas, onde descubro algumas instalações industriais e de pequeno comércio com sinais de pouca utilização e abandono onde a própria mudança de pavimento vem descrever aquilo que é o tardoz menos consolidado de uma das principais ruas da cidade do Porto (Rua da Alegria). Logo ao lado, a abrupta escadaria da rua do Monte dos Congregados divulga aquilo que são os afluentes de ruas elementares onde o abandonar e a dicotomia de trato urbano vem evidenciar a degradação das construções aí existentes.

É na bifurcação do Monte do Tadeu, bastidor do reservatório das Águas do Porto, momento de maior altitude deste percurso, que me deparo com algumas traseiras, áreas de antigos jardins deixadas ao abandono no alto deste morro. Neste ponto, nem reconheço que no centro do Porto me encontro, envolvo-me por ruas íngremes, calcetadas, onde os carros engenhosamente (por milagre) partilham comigo a pequenez do espaço público. É ao descer pela escadaria que me liga à Anselmo Braancamp, que me desapego dessa realidade vernacular e prossigo de novo rumo ao Douro ladeada pelas construções corajosamente fundadas em plena encosta, à minha direita, na vertente nascente da Cooperativa dos Pedreiros Portuenses.

Na descida para o Campo 24 de Agosto vou encontrando esta familiar realidade do que são as tão procuradas “perfurações urbanas” exemplificadas no caso da habitação e seu logradouro adjacente no cruzamento com a Rua Moreira, onde o graffiti e a arte de rua surgem, mais uma vez, como colorida e garrida crítica e expressão urbana por entre tijolos e reboco à vista.

São estas invisibilidades que me vão acompanhando rumo ao ruidoso terminal de autocarros, lugar de descanso, pausa e paragem pois também este transporte assim o necessita.
Última paragem, Campo 24 de Agosto.



3.18

Fig. 3.18
Esboço do percurso caminhado, Rua da Alegria

Fig. 3.19
Vista aérea da freguesia do Bonfim e o território percorrido



3.19

100m

EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS:
3.2.3 Pela Fernão Magalhães e afluentes

É na pequenez do bucólico Jardim do Campo 24 que dou início à longa subida pela (rua) Fernão de Magalhães. De jardim a jardim, volto a repousar no vasto lugar Paulo Vallada, acompanhada por latidos e correrias de canídeos, presumivelmente habitantes, também eles, do bairro circundante. Neste alvoroço embrenho-me pelas ruas limite do ajardinado onde me situo. Aqui reencontro um cheirinho a casa, notoriamente presente pelos estendais que expõe a roupa que ao sol seca. Ornamentando-se por entre cores e tecidos diferentes (ao gosto de cada um) o calmo e sereno espaço público cada vez se torna mais intímo com o desenrolar deste caminhar.

Ao cruzar a Travessa da Póvoa, nas costas da Casa das Artes do Bonfim inicia-se um novo troço de caminho calcetado. Percurso curioso que esventra o interior do quarteirão deixando à vista, do lado direito, as degradadas e indesejadas traseiras, encontrando-se a maioria delas abandonadas e em ruínas. Também, do lado esquerdo de quem sobe, jaz uma vasta área de um baldio conquistado pela bicharada felina enunciada por algumas taças de água e restos de comida, compondo os limites dos muros de pedra que me vão ladeando. Continuo neste sinuoso caminho que me distancia, cada vez mais, do imaginário que é a urbanidade do centro do Porto. Aqui não encontro ninguém, acabo de "mergulhar" num profundo sistema de abandonos (Lugar da Póvoa de Cima), lugar deixado à pressa onde restos de mobiliário, carros e casas vão surgindo ao longo desta quase invisível paisagem. É ao virar da próxima curva, já passada a vertiginosa subida que me guia até à rua Aires de Ornelas, que o ruído e o movimento do trânsito me devolvem o reboliço da cidade.

Ao descer, encontro-me num cruzamento de frente para a Caixa Geral onde me esgueiro por uma ruela, dando passagem, cota acima, ao túnel que desemboca na Vandoma. Passando a Capela Montebelo, igreja encurralada pelos nós de circulação de acesso à metrópole, continuo pela austera Avenida 25 de Abril. Ampla área que, como uma pausa, vem pontuar num suspiro a vastidão dicotómica no aproximar ao nascimento da estreita rua do Bonfim. Por aqui vou explorando as imediações deste arruamento, onde no alto da colina me deparo com uma urbanização abandonada, quase na totalidade, localizada nos bastidores do hospital Joaquim Urbano, no lugar das Eirinhas.

É na parte leste da encosta do Bonfim onde se localiza um dos maiores terrenos vagos da presente freguesia. De acesso engenhoso, pavimentado em pedra num ato de individual proteção à restante cidade, onde o betão armado e as coloridas fachadas vêm a ser substituídas pela desordenada beleza de um amplo baldio. Deste ponto, vê-se o pontual surgir de algumas hortas informais num diálogo simbiótico entre tubérculos e pequenas árvores e arbustos de fruto.

A presença de uma larga escadaria convida-me de novo para o estável alcatrão da rua das Eirinhas, junto ao cemitério. No cruzar com a (rua) Barros Lima vou deambulando pelo centro empresarial, antiga zona industrial do reservatório das águas do Bonfim. O silêncio, a sucata e as ruínas, ou por vezes, apenas ainda a degradação de algumas estruturas, vem ditar o ermo desgaste do topo deste enclave. Até aqui, algumas habitações informais observei existir entre arquiteturas sem teto e garagens ao desamparo. Muitos foram os exemplos de arte urbana que desenham e marcam aquilo que são as vivências e apropriações dos aparentes vazios urbanos. A falta de arruamentos aqui existente torna difícil o decifrar da descida deste morro. É por uma estreita e sinuosa escada que sou devolvida à rua onde começara a inicial subida por onde agora desço.



3.20



Fig. 3.20
Esboço do percurso caminhado, Travessa da Póvoa

Fig. 3.21
Vista aérea da freguesia do Bonfim e o território percorrido

3.2.4 EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS: Do Bonfim ao Heroísmo

O cor-de-rosa do edifício da Junta (Freguesia do Bonfim) alegra e enriquece o começo deste novo caminhar. Deixando o colorido reboliço do Campo 24 de Agosto para trás, é através da rua de Santo Ildefonso que chego ao Padrão. Neste encruzilhar, entre a farmácia de esquina e o acompanhar do cheirinho a pão quente do café adjacente, rumo a sul pela rua D. João IV. A aragem do jardim Marques de Oliveira (jardim de São Lázaro) protege-me e felicita-me o caminho. Rapidamente passo a formosa entrada da Biblioteca Municipal onde, prosseguindo pela esquerda, me deixo encaminhar pelo eixo da Avenida Rodrigues de Freitas de encontro à entrada da casa que agora habita Belas-Artes (FBAUP). É neste marcante eixo urbano do Porto Oriental que se deixa testemunhar a atitude plástica e reivindicativa de utilização da rua como diário ou tela daquilo que transborda para além do recinto da faculdade. O muro e a porta exterior em metal, bem adornada, datada do século passado, não parecem conseguir conter aquilo que ao espaço público quer pertencer. Entre colagens, fotografias, pinturas, serigrafias, algumas esculturas, cartazes desbotados e graffitis garridos, vou percorrendo os interstícios dialogantes desta grande via.

Serpenteando-me pela rua Barão de São Cosme, Duque da Terceira e Duque de Saldanha encontro uma feliz simbiose de esplanadas, sedes de ateliers e habitações típicas portuenses abandonadas e algumas mesmo em ruínas se apresentam. O silencioso contraste (facilmente despercebido) destes territórios de integração, exploração, convívio e produção com os espaços em perda, esvaziados pela utilidade e produtividade humana, desenham e compõe a minha chegada ao movimentado Largo Soares dos Reis. Neste encontro, volto costas ao cemitério e rumo Rua Ferreira Cardoso acima, aproximo-me das imediações do colorido ponto de partida. À junta de freguesia regresso e é pela direita que me guio ao longo dos estreitos passeios da rua do Bonfim, devidamente enquadrada com a fachada da igreja que lhe dá nome.

Chegando ao cimo da colina adornada com as suaves preces que se conseguem decifrar pelas abafadas vozes desprendidas do coro da capela, descanso à sombra do jardim junto ao adro da igreja. Acompanhada por duas senhoras que, ao meu lado se sentam, dão de comer a uma cria felina provavelmente vizinha também ela destas coordenadas devoções. Entre miares e orações passo o cruzamento e é pela (rua) António Carneiro que assisto às grandes construções do Liceu Alexandre Herculano. Aqui exploro também a Avenida de Camilo onde compareço à presença do abandono em algumas habitações de maior dimensão assim como de garagens e espaços industriais que compõem o cariz mais calmo e impessoal deste arruamento.

Ao continuar a minha descida encontro a estação de metro do Heroísmo onde a antecipação à azáfama dos transportes públicos quase que dissimula uma subtil, discreta e estreita entrada para o bairro do Bom Retiro. Ao emergir neste micro universo dicotómico entre a realidade de há dois passos atrás com o que se avizinha, sou inundada por uma calma (quase campestre) onde a escala urbana deste povoado enclausurado pela cidade remonta à noção próxima e familiar de uma aldeia perdida na urbanidade. A pequenez dimensão das habitações, assim como as suas atrevidas e garridas cores, texturas e materiais perfazem aquilo que acabo por reconhecer como invisível, inacessível, resguardado de uma outra vivência que não aquela, numa cidade pontuada pelo tempo de espera para o próximo autocarro. Agora espero que eu o meu por aqui passe.



3.22

Fig. 3.22
Vista aérea da freguesia do Bonfim e o território percorrido



3.23

Fig. 3.23
Esboço do percurso caminhado, Avenida de Rodrigues de Freitas

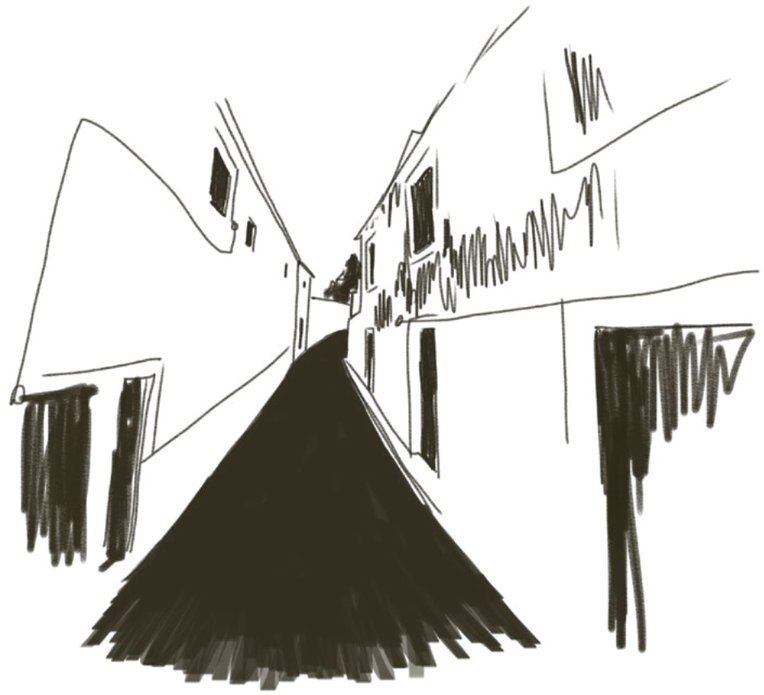
3.2.5 EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS: No Heroísmo

É no ponto de confluência dos dois principais eixos que delimitam o triangular largo Soares dos Reis, onde retomo o andar defronte para a entrada do Museu Militar do Porto. Rumo a nascente por entre a rua do Heroísmo. Rapidamente, a minha direção me surpreende e é, do lado direito, no sentido de quem caminha para o comboio apanhar, que exploro a labiríntica imensidão do centro comercial STOP. Insurjo assim por entre vitrines abandonadas e graffitis, pinturas e cartazes que tanto dissimulam como ornamentam o que aparenta ser a diversidade de pequenos espaços culturais que compõem a integridade deste peculiar Centro Comercial. Há medida que vou subindo, perdendo me vou. Por entre escadarias curvilíneas e escadas rolantes totalmente imóveis, vou decifrando esta panóplia de realidades fugazmente iluminadas pela intermitência de pontuais candeeiros que me guiam ineficazmente. Apesar disso, coleciono alguns testemunhos de vivências deste interessante lugar onde coabitam alguns estabelecimentos como lojas de segunda mão, cafés, jovens ateliers e salas de ensaio, um pouco perdidos na imensidão deste cosmos.

Conquisto a saída onde a luz me saúda num audaz reencontrar com o espaço exterior. Regresso à cidade apesar de lá nunca ter saído. Continuo a travessia pelo mesmo eixo que me convidou a explorar a atmosfera anterior. É lá, mais à frente, na já apresentada rua do Heroísmo que insurjo na antiga aldeia da Lomba. Pela estreita rua batizada conforme o nome da povoação que lhe dá abrigo, navego sobre o calcetado pavimento já cansado e resvaladiço. Aqui, dificilmente entram carros. Este lugarejo pede para ser visto com a calma de antigamente, por entre o vagar de atentos passos a “aldeia” se vai dando a descobrir.

Da rua da Lomba com as suas humildes casas pontuadas com o secar das roupas, passo no concêntrico hall de entrada, acesso à Escola básica, até (rua) Vera Cruz e à rua Lourenço. Vou sendo acompanhada por alguns animais, protetores deste povoado, que me seguram e, cuidadosamente, vigiam ao longo desta pequena travessia. Olho-me numa realidade que se preza pelo enaltecer do pedonal transeunte, *flâneur* de pequenas localidades, onde reinam os graus de parentesco, as afinidades de café e os felizes ´Bons dias!`, ou ´Boas tardes!`, dependente da hora a que lá se caminhe. A resistência da simplicidade destas relações aqui jaz, espécie em perigo de extinção na urbanidade atual, mas, felizmente, ainda longe de aqui se ver extinta. Tanto estas dinâmicas interpessoais como o próprio cariz vernacular deste lugar vêm solidificar a força do testemunho destes espaços, reminiscências do passado, memória capaz de hoje rechaçar contra a sua possível inexistência. Assim se justifica, a importância destas presenças na cidade de hoje.

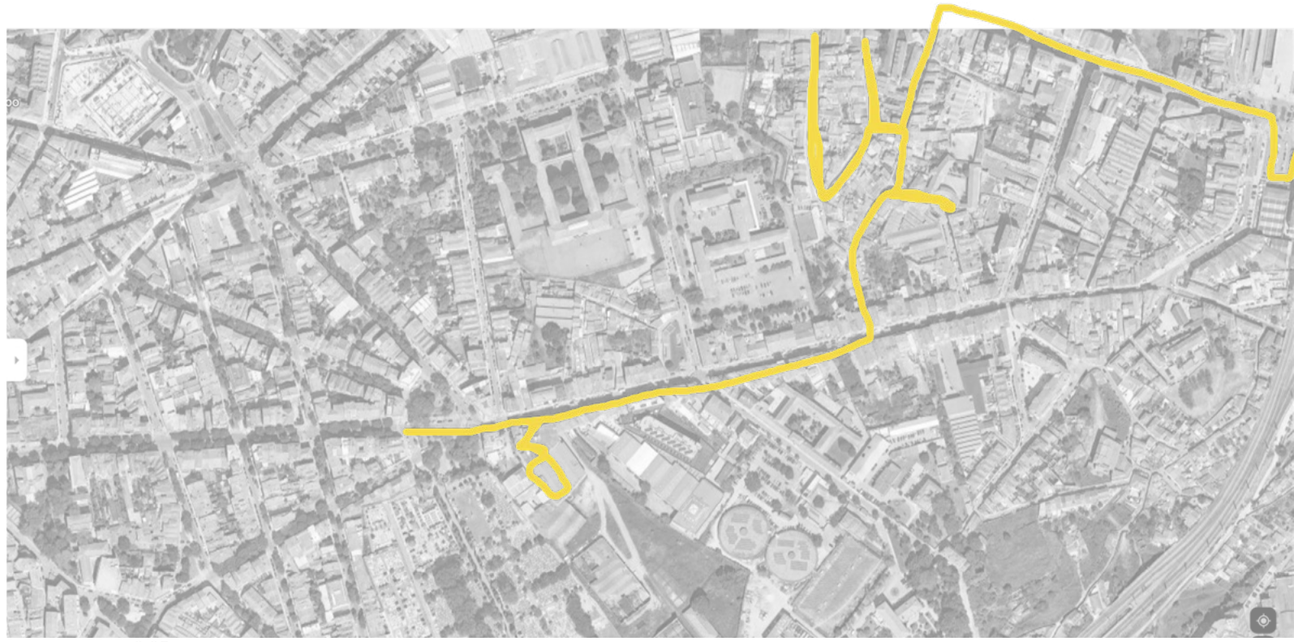
O asfalto volta a revelar-se no encontrar com a rua de Pinto Bessa. De volta, regresso ao movimento do Porto, aliás de cá nunca saí mas por quantos ´Portos` já não passei. Uma cidade de aldeias vou descobrindo. É nas intermitências entre este pacato universo e o reboliço da estação da Campanhã que volto a casa. 2 minutos faltam para o próximo autocarro partir. Assim vou.



3.24

Fig. 3.24

Esboço do percurso caminhado, Travessa da Lomba



3.25

100m

Fig. 3.25

Vista aérea da freguesia do Bonfim: Heroísmo e o território percorrido

EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS:
3.2.6 Do Parque das Águas à Campanhã

De volta ao Heroísmo, cruzo a interseção vizinha à paragem do metro e caminho rumo ao verdejante Parque das Águas. Ao entrar nesse nobre terreno descubro o bucólico jardim de Nova Sintra, entre a privilegiada vista sobre Douro deságuo na refrescante atmosfera deste pequeno pulmão urbano. Saio desta revigorante respiração, dirigindo-me para a continuação da rua Barão de Nova Sintra, premiada com antigos palacetes rurais atualmente abandonados e engolidos pela desconstrução urbana.

São estas circunstâncias que me guiam ao encontro do fim deste abrupto arruamento transformado numa pitoresca escada em pedra de forma a que pedonais transeuntes não menos descontentes fiquem com a aparente rua sem saída. Esta campestre possibilidade permite-me galgar difíceis declives, dando continuidade ao meu andar através de degraus dissemelhantes. Aqui, reencontro partes de um imaginário passado ladeado por muros de pedra à vista, protegendo nobres e antigas propriedades bucolicamente desenhadas em ladeiras férteis que olham o rio. Hoje esta escada tanto dá acesso como resguarda estes pequenos núcleos de resistência e memória de tempos anteriores. (Castelo Branco, 1985)

É na Travessa de Nova China ao encontrar a primeira bifurcação que, virando à direita, sou presenteada com uma humilde e silenciosa descida cada vez menos iluminada pela iminente inevitabilidade do que aparenta ser um túnel. Estrutura que trespassa e sustenta os caminhos de ferro que sobre mim agora persistem. Ecos dos meus absortos passos compõem a escura e húmida atmosfera que aqui se vive. O habituar do meu olhar começa a decifrar o que ao túnel se pretende conectar. Vislumbro uma paisagem proeminentemente verde pautada entre aquilo que defino como o limite da natureza, alguns baldios e ocupações agrícolas. O meu passeio circunscreve-se a esbatidos percursos de terra batida e, na falta de garridos caminhos, lá vou por entre silvas e arbustos tentar olhar um pouquinho mais do que o Douro me permite mirar. Aqui o rio me guia. Denoto-o agora única e ímpar referência de que no Porto me encontro. Nesta solitude, regresso por onde vim. Talvez por não querer aventurar-me a desbravar mais caminho, volto a seguir as pisadas já marcadas desde o túnel até aqui. Num piscar de olhos saio da já familiar escuridão e volto ao vestígio de urbanidade testemunhada pela calçada da Travessa de Nova China porque a antiga já aqui foi descrita.

É nessa continuação que se avista a imponente presença de um viaduto, passagem à linha férrea que nele segue, amparado por numerosos e altos pilares perfazendo a impetuosa verticalidade reinar a paisagem vigente. Debaixo do viaduto leem-se alguns vestígios de abrigos improvisados, restos de mobiliário e entulho dando usufruto à estrutura de betão armado, alicerçada neste lugar privilegiado que jaz sobre a escarpa do rio. Para trás deixo estas apropriações sobre a paisagem. De costas para Sul, volto a subir o arruamento que se deixa ladear por frescos terrenos, maioritariamente baldios conquistados pelo húmido temperamento atlântico onde a natureza se deixa protagonizar.

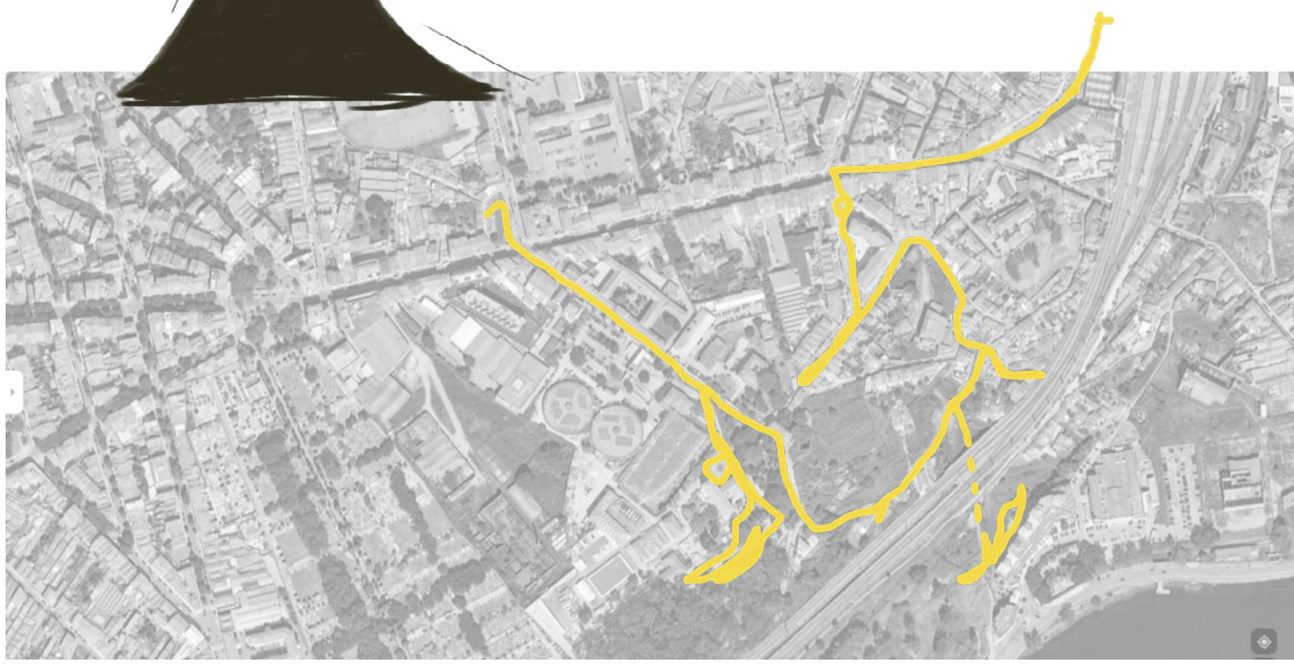
Nesta fértil subida desemboco nos restos do traçado vernacular do que resta da antiga aldeia de Formiga. Facilmente me deparo com o momento central deste pequeno aglomerado - um tanque bem resguardado pelos muros resultantes da diferença de cotas entre as ruas a ele circundantes (Fig. 1.1). Momento agora deixado ao futuro da sua inutilização roubado pela emancipação eletrodoméstica de máquinas para a roupa lavar. Instrumentos mestres em molhar, rodopiar, ensaboar e secar aquilo que outrora pertencia à competência daquele pequeno enclave entre diferenças altimétricas. Hoje, a pedra do tanque ainda se vê calejada pelo percorrer de águas passadas. Estrutura entre o limite do espaço físico e a memória coletiva.

Subindo a rua da Formiga, gradualmente vou transgredindo a invisível fronteira entre aquilo que ainda agora era aldeia, para o que aparenta ser linha da frente de batalha citadina. As primeiras lembranças de edificações em altura enunciam o retorno à urbanidade. É ao lado da capela da Nossa Senhora da Saúde, ainda sobre o pavimento em pedra, que volto à azáfama do Heroísmo. Na conclusão desta rua me encontro, sem entrar em territórios do Freixo me despeço deste percurso. De volta ao movimento da cidade, daqui já tinha saudade.



Fig. 3.26
Esboço do percurso caminhado, Rua da Formiga

Fig. 3.27
Vista aérea da freguesia do Bonfim e o território percorrido



3.26 e 3.27

3.2.7 EXPEDIÇÕES PELA FREGUESIA DO BONFIM, OS PERCURSOS: Entre o Douro e as Fontaínhas

Na praça da Alegria encontro a memória das longas noites de São João com cheirinho a sardinhas e manjerico, entre a sonância interrupta dos martelinhos saudados por almas familiares nos interstícios da feliz praça com as vertiginosas Fontaínhas. É este intervalo geográfico que cruza o meu olhar, agora presente e não passado, onde num ato exploratório me esgueiro por entre o vazio ventre de um edifício que me conduz Rua Manjerico acima. Encontro-me por entre as sossegadas entranhas de um enclave atmosfericamente muito dissonante do restante reboliço característico da triangular praça que nos deu início.

Neste enclave, conhecido como Rua da Nossa Senhora das Dores torna-se curiosa a centralidade ocupada tanto pela carroçaria estacionada, como pelos bancos de jardim vazios a partir dos quais se permite o vislumbrar da obra do SAAL, (São Victor), projetada por Álvaro Siza, localizada num dos limites Este deste espaço. A Sudoeste, contrapondo-se com a anterior arquitetura, jaz um grande baldio, vizinhança do Antigo Asilo de Mendicidade do Porto, agora abandonado e reocupado informalmente. Aqui, jaz o intervalo entre o sossego e o esquecimento, espaço similar a um interior de quarteirão, onde se enaltecem várias tipologias de abandonares presentes ao longo da travessia agora concentradas num só lugar.

Saio deste ponto e é ao chegar a uma sinuosa escadaria que paro e me deparo com a escura e estreita rua de São Dionísio, momento onde se avista um aparato maior do que a própria rua. Tal caso sucede pelo processo de emparedamento de uma habitação, com tijolos e cimento, onde, futuramente, aquilo que outrora seriam aberturas para o exterior, as nossas coloquiais portas e janelas, seriam, por conseguinte, daqui para a frente paredes. Perímetro limite de um agora vazio urbano. Encerra-se assim, a casa sobre si própria. Silêncio seguro e intransponível aos olhares curiosos das pessoas que pela rua passam ou à própria luz que lá já não habita.

De volta à escadaria, desemboco na rua da Alegria, de frente para a Escola Preparatória desço rumo ao Douro. Rua abaixo vou atentando às metálicas e grutescas sonoridades daquilo que antecipo serem obras de construção e qualificação da abandonada estrutura do Abrigo dos Pequeninos. Por entre grades e placas de aviso vou tentando "cuscamente" decifrar as novas arquiteturas que aqui se avizinham.

Sem sucesso, caminho junto às árvores do início da Alameda das Fontaínhas onde, mais tarde, regressarei e, sem me querer antecipar, subo rapidamente pela rua seguinte da praça da Alegria. Passo em frente à porta de garagem da Filó e viro para a rua de S. Victor, famoso centro das aclamadas "ilhas" portuenses, por onde percorro com o olhar atento aos portões entreabertos que limitam estas urbanidades.

São estes simpáticos centímetros de portão entreaberto que me permitem explorar a realidade destas ruas interiores semiprivadas. Aquém observo ser a degradação e abandono de algumas minúsculas habitações em série. Entre plantas e vasos, taças de água ou estendais que aproveitam a pouca luz que aqui consegue entrar para a roupa secar, testemunha-se (na maioria dos casos) a existência de ruínas ou pequenas habitações guardadas a cadeado entre o conjunto de casas que perfazem uma "ilha". Noutros casos, na mesma rua, o oposto se vê: "ilhas" totalmente remodeladas, modernizadas e descaracterizadas onde o português, raramente, se ouve falar e o portão já não permite ser aberto, falta o intervalo de uns ínfimos centímetros. Substitui-se esta proeza por códigos, câmaras e portões seguros, seguros deste caminhar.

São estas estreitas bandas de ruelas, costelas amigas da coluna da rua de S. Victor, que definem a atmosfera das Fontaínhas. Termino a descida num pequeno largo que alberga o colégio dos Salesianos onde antes de descer a pique, junto ao rio, exploro a rua Duque de Saldanha e as suas típicas habitações portuenses do séc. XIX.

Continuo, desta vez pela rua Gomes Freire, num aproximar cada vez mais proeminente ao rio por entre baldios e vestígios do que outrora uma casa fora. Navego pelo declive escarpado que alberga o dito bairro das Fontaínhas. Ao passar o parque infantil, deságuo na Alameda e sou presenteada com a magnificente vista do miradouro. A proximidade com a ponte do Infante parece vir a estabilizar a relação entre ambas as margens. É perto da sombra da ponte ao som de batuques, pandeiros e malabarismos que me acompanho por alguns grupos de jovens que aproveitam estas nobres circunstâncias para contabilizar mais um fim de tarde a olhar o impossível horizonte.

3.28



Numa cota abaixo a este contemplar, exploro a aparente inutilização do lavadouro das Fontaínhas no qual, a sua importância como espaço insurgente, de trabalho e encontro entre mulheres vem a ser substituído pelo lixo e degradação agora aqui vigentes. Contudo, é na feliz face Este deste pequeno complexo que se define a entrada para um jovem projeto associativo - a "Horta da Bananeira". Esta iniciativa pretende qualificar grandes espaços obsoletos localizados nesta íngreme falésia. Antigas "ilhas" fantasma e pequenos espaços outrora industriais e de habitação (hoje em estado avançado de decomposição) através da construção de hortas nas áreas onde seja possível a integração hortícola destes lugares em perda.

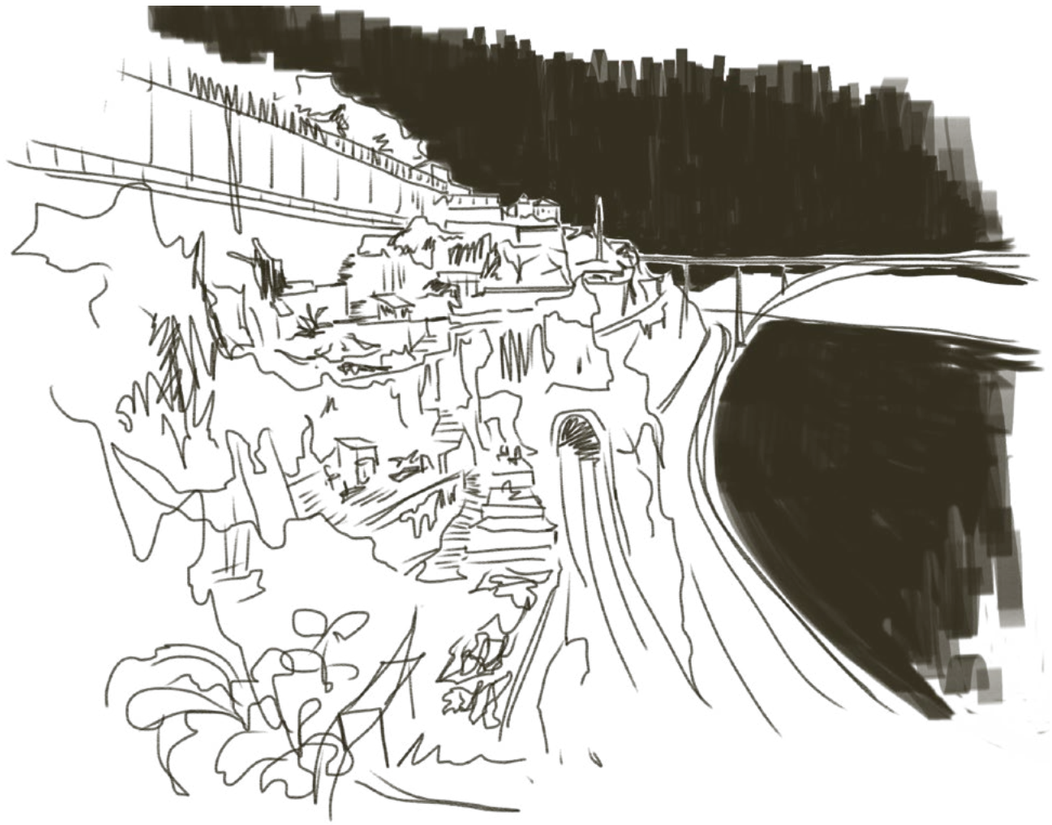
Ao descer a sinuosa escada de pedra vou insurgindo por entre repolhos e nabiças nestes curiosos ambientes capazes de juntar gerações e dinamizar a memória coletiva de um espaço que invisível jazia sob o olhar forte e sereno do Douro, eterna companhia.

Fig. 3.28

Vista aérea da freguesia do Bonfim: Fontaínhas e o território percorrido

Fig. 3.29

Esboço do percurso caminhado, Horta da Bananeira (Escarpa das Fontaínhas)

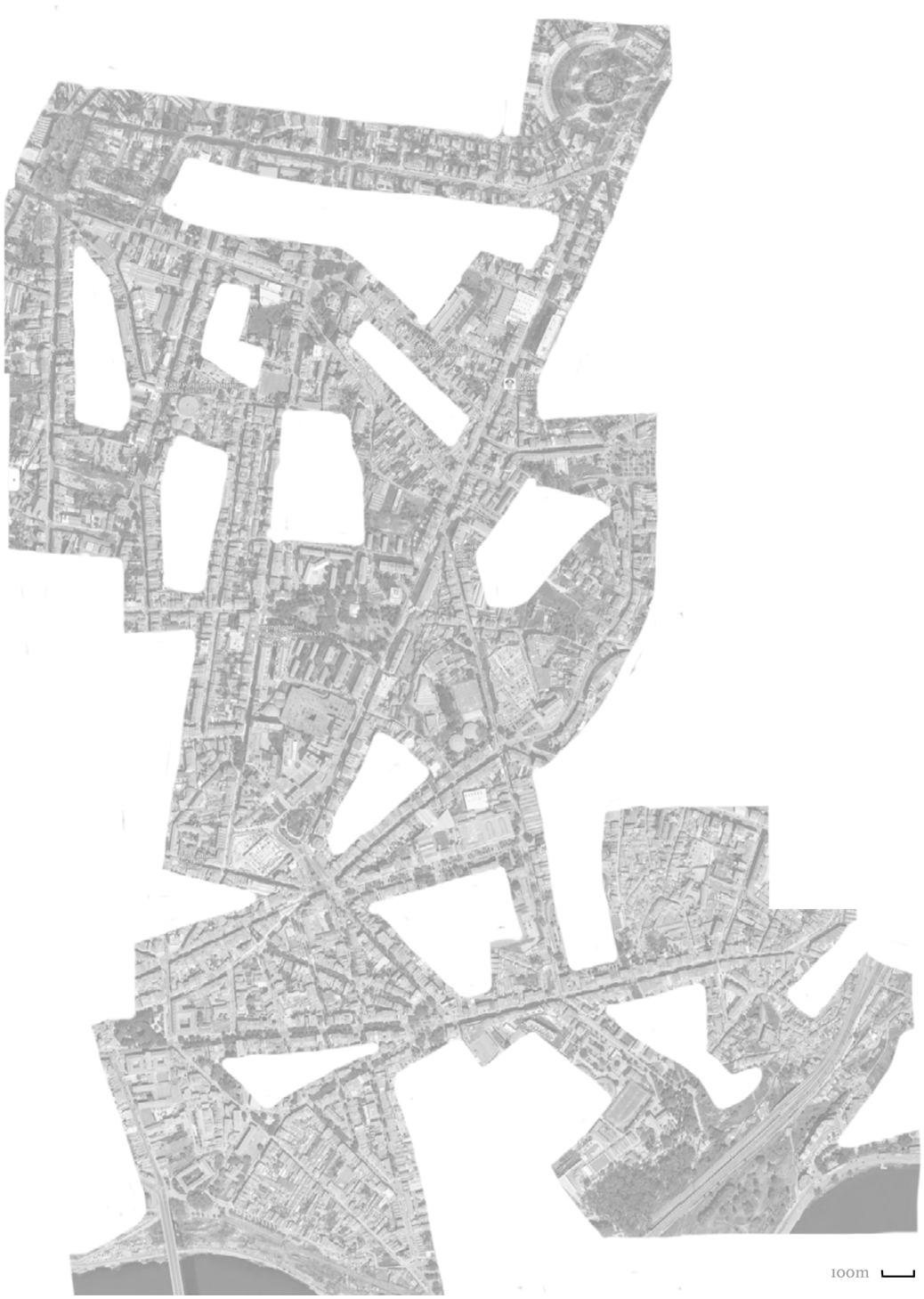


3.29



3.30

Colagem de vista aérea da da freguesia do Bonfim (Airbus, cnes 2023) e a rede de percursos caminhados



3.31

Recorte de colagem da vista aérea da freguesia do Bonfim (Airbus, cnes 2023) com o território percorrido

3.1 VAZIOS URBANOS E A CIDADE PERFURADA: Ruínas e Terrenos Vagos no Bonfim

O abandono torna-se processo do qual a ruína poderá ser matéria condutora e visível resultado desta ação. Sendo, por isso, relevante a sua análise e vivência tanto isolada como contextualmente, de forma a compreender a sua capacidade como ferramenta ilustrativa dos dinamismos sociais e económicos vividos nas cidades.

Uma das primeiras acessões do elemento ruína surge com imagens catastróficas de cidades destruídas pela guerra ou por fatalismos naturais que ditam tanto o inevitável destino das populações, como também o consequente marcar das suas construções. O espaço edificado agora em ruína jaz como ferida aberta, testemunho de infelizes atrocidades que, tal como um corpo, tarda em sarar e decompor-se. Nesta situação, a ruína precede o abandono ou, se cronologicamente assim não o for, o ato de abandonar atua, primeiramente, do que a desconstrução pelo medo antecedido da própria catástrofe. De qualquer modo, este processo de abandono e de gestação da ruína num momento de cicatrização do tempo passado intitulado por ´fast ruins´ muito difere das silenciosas (des)construções que nascem, vagarosamente, e em relativa paz na maioria das cidades. O tempo surge como maior inimigo, invadindo calmamente a integridade das arquiteturas como ´slow ruins`.(Brito-Henriques, 2018)

Estes últimos abandonos frutos da guerra contra o próprio tempo são os fenómenos mais frequentes a nível global e mais prementes em estudo nas cidades nacionais, cenário e objeto de estudo da presente dissertação no caso singular da freguesia do Bonfim. Contudo, e tendo em consideração a tranquilidade relativa à formação destes elementos *´slow ruins`*, nota-se importante também realçar os vários fatores que guiam e encaminham a sua existência.

Tanto o agravar de mudanças económicas como a crise e a desindustrialização, mudanças demográficas, marginalização social e pobreza são os principais fatores que contribuem para a criação inevitável do fenómeno do abandono. Consequência fruto, não de uma reação direta mas antes, de um conjunto de processos de cariz maioritariamente social, político e económico prolongados e agravados ao longo do tempo. A partir deste ponto surge a imensidão que é este universo invisível da cidade.

Ao percorrer as ruas do Porto nada indica que as últimas invasões à cidade datem o tempo em que as tropas napoleónicas na tentativa de invadir o seu centro, marcavam um rasto de destruição. Destruição essa que, apesar de evidentemente surgir em outros moldes, em muito se compara e se relaciona com as desconstruções e abandonos vividos e observados em tempos atuais, mais pacíficos, passados mais de 200 anos.

Em alguns enclaves da cidade, como é o caso do Bonfim e Campanhã, zonas de completa resistência, campos de batalha a céu aberto, as arquiteturas não resistem ao abandono, à crise de habitação, à gentrificação e ao "êxodo industrial" das áreas mais orientais da cidade do Porto, rumo aos mais estáveis e longínquos subúrbios. Entrega-se ao destino, sob o olhar atento de nossa senhora do Bonfim, os testemunhos daquilo que só tempo tenta ir apagando.

Aqui a temporalidade jaz menos fugaz que a prontidão de Napoleão, mas não por isso o é menos calamitoso nem misericordioso. Do alto do Bonfim a S. Victor, até ao bairro das Fontaínhas não se vislumbra nem rua, nem beco, nem praça ou largo em que a inutilização, o abandono, a desconstrução ou, por ocasião, a informal apropriação por aqui não habite. Uma guerra alegórica por aqui passa sem aviso nem proclamação de início nem fim.

Estas dinâmicas fruto da pós-utilização das estruturas, ou melhor, do pós-vida das arquiteturas (para que há morte não se atribua) apresentam novas narrativas muitas vezes não contadas, mas não menos relevantes para a compreensão dos processos relacionais do indivíduo com o espaço que o envolve - meio didático e por isso, naturalmente, transitório. São estas performatividades ´entre-vidas` planeadas e formuladas de cada espaço que permitem compreender a sua genealogia na totalidade pois também estas o são dignas de igual cuidado e trato.

A arquitetura projeta porquanto o nascimento e a vida do material, a arte de construir, mas também é, de igual forma, o seu campo de atuação nos entretantos da sua própria existência. A análise das invisibilidades espaciais, consequentemente sociais daquilo que vazio aparenta ser mas nunca assim o será, torna audível o infiel silêncio das partes em perda da cidade. Há qualquer coisa de belo, nostálgico e eterno ao percorrer estas áreas decadentemente abastadas e pacificamente perigosas nessas terras de ninguém, ou de alguém que lá não está. Compõe-se o universo de "vazios" da cidade perfurada. Uma pausa, um respirar entre construções, onde reina a utilidade, produtividade e o rendimento num universo pós-industrial, descompassado, mas integrado no reboliço da urbanidade.

Apresentam-se as narrativas daquilo que fora a exploração da espacialidade do Bonfim através do desenrolar do próprio processo de descoberta pelo movimento formalizado nos percursos caminhados. O deambular entra na exploração das invisibilidades, das aclamadas "entre-vidas" da arquitetura.

De forma a estabelecer uma relação de aproximação à rede de invisibilidades deste local, foi relevante representar e mapear os lugares de interesse: espaços obsoletos, fluxos e dinâmicas sociais fruto do abandonar da própria temporalidade da arquitetura. Deste modo, definiram-se as possíveis materializações do abandono na cidade, lugares-chave na caracterização do processo de desconstrução da humanização do espaço. Analisou-se, primeiramente, o conceito de ruína e terreno vacante, de entre os quais se pretendeu, posteriormente, detalhar a tipologia dado o seu estado de degradação e abandono. A presença ou não de estruturas edificadas permitiu restringir e contrastar ambos os conceitos. Após assente o objeto de estudo, seguiu-se a sua procura e observação no panorama da cidade onde foi através dos percursos desenrolados no território urbano (maioritariamente espaço público) que fora possível identificar e compreender estas noções no plano concreto da freguesia do Bonfim.

A ´cidade perfurada´ é descrita por Florentin como "uma nova era de cidades caracterizadas em simultâneo por um declínio demográfico e dispersão urbana" onde a paisagem passa "a estar perfurada por buracos físicos e pedaços de terrenos baldios" (Florentin, 2010). Esta cidade define-se por espaços devolutos e em abandono que desenham o tecido urbano que Solà-Morales descreve como sendo "internos à cidade, mas externos ao seu uso quotidiano". (Solá-Morales, 1995)

Ruínas

-"Estrutura imóvel, produzida pela tecnologia humana, que foi abandonada e, por não se encontrar fisicamente íntegra, está incapacitada de desempenhar a função para a qual estava destinada." (Brito-Henriques, E., Morgado, P. & Cruz, D, 2018)

Terrenos Vagos/ Vacantes

-Caracterizado por se definir como "um terreno sem ocupação e sem utilização convencional, não edificado, não agricultado e não ajardinado. Localizado no perímetro urbano no qual o terreno com solo espontâneo e com sinais de abandono ou falta de cuidado ou vestígios de demolição, situa-se no interior de áreas construídas ou na sua contiguidade, formando por isso uma exceção no tecido urbano." (Solà-Morales, 1995)

Tipologias de "Não-Vazios"
Caracterização dos objetos em estudo



3.32

Recorte de colagem de vista aérea da freguesia do Bonfim (Airbus, cnes 2023) com a sobreposição do mapeamento das ruínas e terrenos vacantes testemunhados (*in situ*) entre Setembro e Dezembro de 2022

Estes ´não-lugares´(Augé, 2016) têm sido descritos por vários autores de diversas formas como no caso em que Coleman os denomina por dead spaces (Coleman, 1982), ou as zombie properties, descritas por Silverman (Silverman, Yin, Patterson, 2012). As ´vacant land´, correspondentes a "terrenos de propriedade pública ou privada não utilizados ou abandonados, onde pode ter existido no passado estruturas construídas, assim como, terrenos que possuem estruturas abandonadas, degradadas, emparedadas, parcialmente destruídas ou arrasadas", ou ainda, os ´terrains vagues` de Solá-Moráles (Solá-Morales, 1995), apresentam-se como novos conceitos que perfazem o léxico de acessões dos espaços intermitentes na cidade. (Brito-Henriques, E., Morgado, P. & Cruz, D, 2018)

A ruína, com base na definição apresentada pelo estudo realizado por Brito-Henriques e Morgado Cruz (2018), entende-se por "(...) uma estrutura imóvel produzida pela tecnologia humana que foi abandonada e, por não se encontrar fisicamente íntegra, está incapacitada de desempenhar a função para a qual estava destinada." Assim, o critério de identificação destes elementos resumiu-se a qualquer estrutura imóvel, incluindo infraestruturas que se apresentem destruídas ou incompletas e com sinais de abandono, assim como edifícios emparedados ou entaipados. Por ruína entende-se qualquer construção humana, abandonada, com uma clara necessidade de intervenção pela impossibilidade de responder à sua função como arquitetura própria a habitar pelo seu grau avançado de desconstrução. Também os espaços existentes adjacentes às ruínas se notam importantes e tidos em consideração na recensão em causa uma vez identificados como logradouros de ruínas pela sua natureza espontânea como integram e compõe a paisagem da cidade do Porto.

Por sua vez, o terreno vago, ou melhor, o terreno vacante é caracterizado por se definir como um terreno sem ocupação e sem utilização convencional, não edificado, não agricultado e não ajardinado. Localizado no perímetro urbano no qual o terreno com solo espontâneo e com sinais de abandono ou falta de cuidado ou vestígios de demolição, situa-se no interior de áreas construídas ou na sua contiguidade, formando por isso uma exceção no tecido urbano. "Terrain vague: Um lugar vazio, sem cultivos nem construções, numa cidade ou num subúrbio, um espaço indeterminado sem limites precisos. Também é um lugar aparentemente esquecido onde parece predominar a memória do passado sobre o presente, um lugar obsoleto onde perduram certos valores apesar de um abandono completo do resto da atividade urbana; em suma, um lugar que é exógeno e estranho, fora do circuito das estruturas produtivas das cidades (...). A relação entre a ausência de utilização e o sentimento de liberdade é fundamental para compreender toda a potencia evocativa e paradoxal do *terrain vague* na percepção da cidade contemporânea. O vazio é a ausência, mas também a esperança, o espaço do possível." (Bogalheiro, 2021)

Estes foram os dois principais critérios de forma a organizar a diversidade de situações a observar sendo que, a ruína engloba também as situações adjacentes dos seus próprios logradouros apesar de os diferenciar do anterior caso.

Com isto, fora possível viver, observar, recolher e organizar informação da realidade quotidiana do Bonfim, perfazendo um mapa mental de aproximações aos dinamismos das arquiteturas abandonadas onde, numa primeira fase, através do caminhar, do desenhar, fotografar, gravar e do comunicar com alguns intervenientes destas paisagens, quase apocalíticas, que fora possível tornar tangível estas dinâmicas singulares e despercebidas da cidade do Porto. Processo iniciado no presente capítulo com continuidade no seguinte, Capítulo IV: Lugares e Não-Lugares.

Numa segunda etapa, estudou-se e desenvolveu-se a forma como os espaços acima descritos são alvo não só, primeiramente, do abandonar sociológico (já enunciado), como também, posteriormente estes são, frequetemente, apropriados por outros intervenientes, atores futuros que completam as narrativas das invisibilidades destes lugares. Ambas as dinâmicas aparecem de mãos dadas, onde o abandono quase parece convidar a informal e espontânea utilização destes espaços. São estas futuras dinâmicas, ressurreição alternativa ao natural destino, que se tornam mote para o desenvolvimento do Capítulo V: Intermitências da Morte.

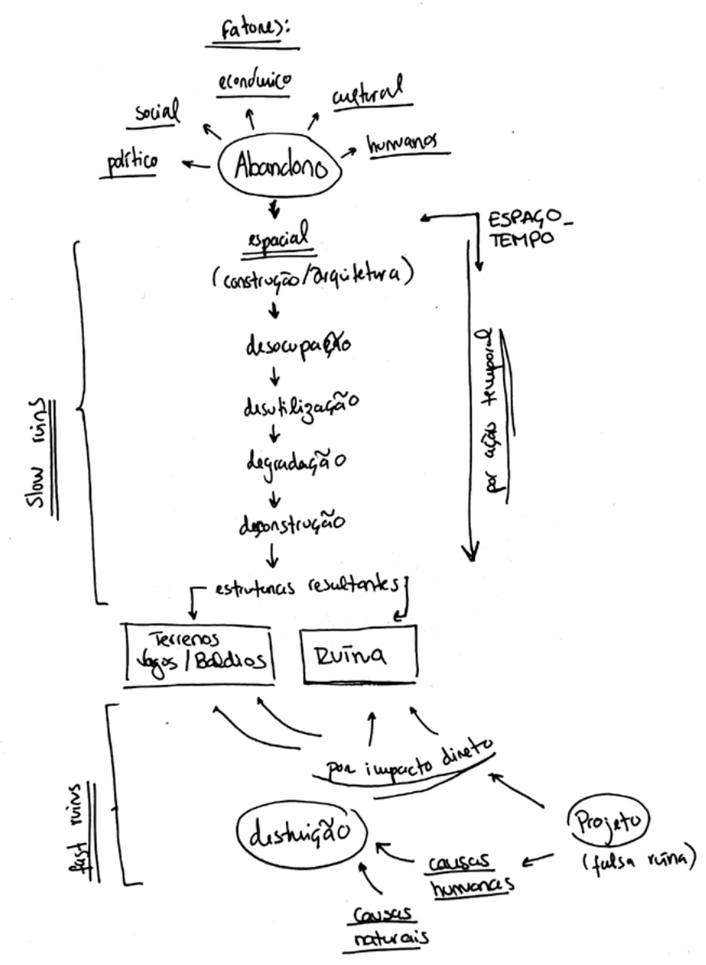




Fig. 4.1
Estender (n)o Vazio
(Bonfim, Porto)

CAPÍTULO

4

REFLEXÕES

LUGARES E NÃO-LUGARES:

Uma Análise pelo Território

A partir da obra de Marc Augé *´Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade´*

O "não-lugar", neologismo desenvolvido por Marc Augé, contrapõe-se à noção de "lugar antropológico" (Augé, 2016). O lugar define-se como um espaço capaz de ser incorporado pelo ser humano como parte integrante da sua identidade. Espaço de encontro, onde o antigo e o moderno se fundem na construção de um referencial social a partir da tridimensionalidade do mundo físico.

Como contraste, o conceito de "não-lugar" lê-se como um espaço definido pelo anonimato presente na relação do ser humano com o que o envolve, troca incapaz de ser suficientemente significante para o ser que nele (in)habita. Definido por um lugar, maioritariamente, de passagem onde se privilegia um sistema relacional de consumo, fruto da "super-modernidade" típica da frenética sociedade capital dos finais do séc. XX e inícios do séc. XXI. Nos "não-lugares" não se vive, nem tão pouco o homem se apropria do espaço insuficiente para que nele se construam referências coletivas de troca e encontro. A única troca jaz no que é mundanamente necessário adquirir. Um meio para atingir um fim, nunca o fim em si.

Se os espaços em perda observados no percorrer da cidade mesmo que de difícil acesso e quase intransponíveis, rompidos pela necessidade ou apenas pela curiosidade de os conhecer ou de neles viver. Se mesmo estas invisibilidades urbanas forem capazes de ser tanto cenário como parte integrante de uma relação identitária com o sítio, não serão, eles também, lugares capazes de ser berço antropológico, ponto de encontro significante e com significado para o ser humano? É no decorrer do percorrer atentivo da cidade e das possibilidades que a vivência e exploração dos limites do espaço público, assim como dos espaços quase invisíveis e em constante processo de transição e/ou degradação (presentes na freguesia em questão), que foi possível o contacto e observação destes espaços em perda potenciais lugares significantes para um conjunto de personagens e dinâmicas que habitam e também cocriam a paisagem da pós-modernidade na cidade do Porto.

Primeiramente, analisam-se os percursos catalisadores e impulsionadores do deambular como movimento capaz tanto de chegar como de dar a conhecer o território urbano, palco e cenário das mais diversas dinâmicas citadinas. Enfatizam-se aquelas que sucedem em espacialidades transitórias entre a utilização e o esquecimento nessa vicissitude dicotómica entre a vida e a morte.

São estes movimentos, primeira instância de viver a cidade através da mútua dança entre aquele que deambula e aquela (urbanidade) que se dá a conhecer, que conseguimos verdadeiramente atingir estes lugares e, consequentemente, os seus contextos e sistemas de funcionamento próprio. Este será o passo seguinte a abordar neste capítulo. Ininterruptamente, e seguindo uma lógica expositiva semelhante àquela adotada em campo, o lugar é identificado e caracterizado onde consequentemente se observa e apreende as personagens e objetos que compõe os "não-vazios". São estes "Testemunhos Impermanentes" os atores destas narrativas raramente caligrafadas, pouco faladas e muito presentes no panorama da nossa atualidade. As dinâmicas e vivências no modo relacional entre o espaço, as personagens e objetos, atores que configuram várias práticas, ações e modos de habitar que se irá abordar, posteriormente, como ato conclusivo deste processo exploratório.



Ruínas

- Habitações unifamiliares (séc. XIX, XX, XXI)
- Edifícios (séc.XX e XXI) com pluralidade de fogos em diferentes estados de conservação e utilização como pisos térreos em espera (entre comércios)
- Construções paradas e inacabadas (embargos)
- Garagens, pequenas estruturas de comércio ou pequenos espaços industriais
- Complexos industriais
- Estruturas públicas
- Urbanidades esquecidas

Terrenos Vacantes

- Baldios
- Terrenos agrícolas degradados
- Espaços públicos não qualificados
- Outros

Tipologias de "Não-Vazios"
Mapeamento dos Abandonos no Bonfim

4.1 "NÃO-VAZIOS" (UMA AUSÊNCIA DE VAZIO): Tipologias de Desocupação

Através dos percursos efetuados pela cidade, descritos no capítulo III, possibilita-se a descoberta e encontro de diversas tipologias de lugares abandonados com a sua utilização suspensa no decorrer do próprio tempo. Entre os muito exemplos que foram analisados no território em estudo distinguem-se, primeiramente, os espaços construídos abandonados: as ruínas e estruturas degradadas; dos espaços não construídos abandonados: os conhecidos ´terrenos vacantes´ descritos por Sòla-Morales na obra *Territórios*.

No primeiro caso, várias foram as situações encontradas que se enquadram na tipologia em questão, como um dos casos mais notórios e presentes na freguesia do Bonfim: as habitações unifamiliares datadas do século XIX e XX, com especial ênfase para o avolumado número de casos em abandono das típicas casas burguesas portuenses dos finais do século XIX. Também nos edifícios com pluralidade de fogos, do século XX e inícios do século XXI, fora possível observar diferentes estados de utilização, conservação e degradação entre pisos e fogos dispares de um mesmo edificado, com especial atenção para o recorrente encontro de pisos térreos destinados a fins comerciais que, entre trespasses, esperam frequentemente nos entretantos de possíveis utilizações. Outro cenário frequentemente documentado na exploração em curso, denota-se nas construções embargadas, onde as obras interrompidas pontuam com andaimes e materiais de construção a cidade com espaços inacabados e devolutos. Para além dos casos mais comuns de estruturas construídas abandonadas acima descritos, também se observam presenças pontuais de outro tipo de estruturas como garagens, edificados comerciais e complexos industriais de menor ou maior dimensão, assim como estruturas públicas e urbanidades esquecidas que, pelo seu caracter deteriorado e materializado a uma maior escala, compõem e enfatizam a profusão da rede de invisibilidades.[28]

Na segunda circunstância, sob a alçada de terrenos vagos, onde o abandonar sucede em lugares não construídos, sem estruturas arquitetónicas existentes, realçam-se os baldios, elemento pontual mas constante no modo de se apresentar na cidade. Exceção a esta pontualidade revê-se na forte presença que este elemento apresenta na área escarpada, na região mais a sul da freguesia, próxima às margens do rio Douro. Neste seguimento, também se observam alguns núcleos de zonas verdes degradadas onde os antigos terrenos agrícolas se deteoram e dão lugar a densas áreas renaturalizadas, difíceis de decifrar. Aqui a natureza comanda a codificação do seu futuro no qual pontualmente se observam ocupações informais para fins agrícolas, de produção familiar. Além disso, testemunha-se a presença de alguns espaços públicos pouco qualificados que perpetuam a incapacidade de dignificar a urbanidade através do abandono físico e material destes lugares comuns de onde culmina uma inerente deserção social incapaz de criar condições dignas à (sobre)vivência na cidade.

Estes "não-vazios", lugares onde o abandono se materializa e prioriza como vida arquitetónica de diversas formas, naturezas e tipologias, são vislumbrados na categorização deste vasto universo na descrição acima, onde sucintamente se pretende sintetizar os lugares descobertos entre deambulações e territórios.

[28] O projeto e plataforma de apoio e acesso à habitação `*Habitação, Hoje!*` mapeou participativamente uma parte dos devolutos no centro da cidade do Porto (maioritariamente na área pertencente à união de freguesias do Centro Histórico do Porto - Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória). Sendo que, apenas com alguns eixos viários recenseados a área bruta devoluta testemunhada ronda os 196054 m². Este mapeamento usou como critérios de identificação dos abandonos algumas características como a presença de estruturas com: vidros partidos; degradação geral das fachadas e janelas; vãos entaipados; cadeados nos acessos (portas); correio acumulado e outros sinais de desocupação prolongada. (consultado em: https://www.habitacaohoje.org/levantamento-devolutos).

O mapeamento efetuado no presente trabalho e apresentado em seguida, é fruto do recenseamento da autora *in situ*, e segue critérios similares aos enunciados acima. Situação que culminará, em maior detalhe, na formulação do capítulo seguinte, através da temática "Testemunhos Impermanentes: Achados e Impressões na Utilização Informal das Ruínas".

4.2 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES:
Achados e Impressões na Utilização Informal das Ruínas

O deambular pela cidade de hoje permite-nos aproximar das parcelas de território suspensas no tempo e no espaço, constituindo diversas tipologias de ruínas modernas, parte integrante e relevante da paisagem urbana. Apesar de silenciosas e frequentemente camufladas pela pressa do dia-a-dia, encontram-se distantes de vazias e inutilizáveis se definirem. Estas ruínas contemporâneas são alvo de assíduas apropriações de onde se lêem diversas formas e agentes atuantes. Um olhar sobre estes "não-vazios" permite-nos compreender estes dinamismos igualmente integrantes da paisagem citadina, peça do puzzle ainda perdida no contexto urbanístico atual. Deste modo, pretende-se estudar os fenómenos que reinam as relações tanto sociais como físicas e "objetuais" deste cenário em decomposição. É esta performance simbiótica entre os atores, os objetos e o cenário em estudo que se revela mote e alvo de foco da presente atenção. Os testemunhos desta ausência de vazio notam-se protagonistas nesta cidade entre a vida e a morte da cidade, achados e impressões na utilização informal das ruínas.

Ao longo da aproximação a esta paisagem em desconstrução vários foram os elementos identificados que, não só caracterizam, como são parte atuante das narrativas invisíveis da urbanidade. Após observação e documentação destes lugares (categorizados anteriormente) e das unidades que o compõe, organiza-se e agrupa-se os seus intervenientes por afinidades temáticas de acordo com a sua utilização, finalidade e semelhança formal, de onde se manifestam 7 associações principais.

Os métodos de dissuasão, elementos largamente observados em muitos dos "não-lugares" já abordados, denotam-se presença frequente que delimita a eventual transgressão tanto física como visual do espaço público para o espaço privado que se encontra devoluto. Neste sentido, curiosos são os formatos e soluções encontrados com finalidade de privar e acentuar a impossibilidade de transpor os "não-vazios" destes territórios. Estas ferramentas metodológicas de dissuadir qualquer tentativa de ação para lá do perímetro da coletividade são um dos principais agentes e referenciais hodiernos das narrativas silenciosas da urbanidade. Também a presença de vestígios do desgaste dos materiais de construção nas estruturas em abandono, assim como de lixo e entulho perfazem e compõem aquilo que são as marcas visíveis da passagem do tempo na efemeridade que é a integridade e durabilidade na construção e utilização da arquitetura. Tal como é inevitável o demarcar da passagem do tempo através do desgaste da matéria, também a ocupação destes não-vazios pela natureza através da (re)conquista do seu espaço por elementos de fauna e flora, formalizam aquilo que são as espécies endémicas das invisibilidades.

Outro tipo de testemunho que se visibiliza na presente análise são as demonstrações e vestígios de danos e consumos frutonão da reação anterior dos elementos à temporalidade, mas antes da ação direta do comportamento humano como contributo para a degradação das estruturas devolutas. Neste sentido, a inutilização e desocupação destes lugares fomenta frequentemente a apropriação espontânea dos mesmos tanto com o intuito de expressão artística, onde as paredes e muros se vêem agora telas, alvo de coloridas intervenções não só estéticas, como também de cariz informativo e mesmo político. A cidade comunica e faz comunicar os que nela habitam. Também a utilização e apropriação para finalidades performativas e de desenvolvimento de projetos sendo também os lugares devolutos cenários possíveis de cocriar coletivamente dinâmicas sociais acrescentado valor comunitário, delineando um outro futuro a um espaço obsoleto. Similarmente, através da aplicabilidade direta na utilização das ruínas e de outro tipo de estruturas em abandono como forma de habitação efémera (a pernoita), ou através da invasão, apropriação e criação de situações de habitabilidade de maior duração, frequentemente sobre a forma de pequenas comunidades, os *"squattings"*.

São estes fenómenos, objetos, personagens e dinâmicas que formalizam os testemunhos impermanentes achados na exploração da vida informal do abandono e da apropriação da arquitetura no território da cidade do Porto. Situação que constata a imensidão dos seus intervenientes e as suas inter-relações, assim como conjetura sobre as suas potencialidades. Os testemunhos impermanentes são, desta forma, evidência de uma presença paralela na dinâmica urbana que se lê longe de inexistente ou de vazia se poder definir. Os territórios das invisibilidades cocriam, por conseguinte, as narrativas da ausência de vazio.

Fig. 4.2
Estrutura em ruína descoberta ao longo do "Percurso 3: pela Fernão Magalhães e afluentes", no lugar da Póvoa de Cima.



4.2

4.2.1 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES: Métodos de dissuasão

Entre tijolos, cimento, cadeados, grades metálicas, vedações, pedaços de madeira e entulho variado, encontra-se (de tudo um pouco) como parte integrante dos métodos de dissuasão utilizados na tentativa de impedir a possível transgressão de espaços devolutos. São estes intervenientes, aqui apresentados através da análise direta do que fora documentado em campo, que acentuam e possibilitam a dicotomia público-privado, onde a fronteira ténue entre estes dois universos é aqui exposta através do estudo dos seus limites.

Estes elementos, que contribuem para a fortificação das muralhas defensivas do que pertence ao reino do privado, apresentam importância e fragilidade acrescida por se situarem no âmbito dos territórios em abandono, circunstância que frequentemente se torna favorável à quebra dessa linha de fronteira. Quer pela ausência de habitantes, possíveis guardiões diretos do espaço em questão, quer pela fragilidade e degradação dos materiais de construção, contribuí-se no culminar de situações oportunas à transgressão e entrada em territórios obsoletos. Assim, estas metodologias tornam-se resposta última à problemática de assegurar a fortificação e solidificação da vida privada em terreno incerto, perdido no passar do tempo.

Vários são os processos que conduzem à aparição destes fenómenos nos quais se destacam, os emparedamentos, onde se enclausura aquilo que previamente seriam aberturas na estrutura do edificado estabelecendo uma relação direta entre interior-exterior. Tal é efetivado através da utilização dos inveterados tijolos ou blocos de cimento observados frequentemente nas deambulações corporizadas um pouco por todo o Bonfim. Também outro recurso amplamente empregue nestes sistemas são os cadeados, objeto simbolicamente lim**ite** entre a esfera do público e privado, possibilitando o seu domínio e uso do que se encontra para lá da margem da coletividade.

Para além destas duas soluções, existem variadas outras formas de consumar o plano perimetral do nosso caminhar. São os casos acima referidos, de outro tipo de formatos criativos de compor esse limite como a criação de vedações e barreiras com os mais variados materiais desde grades metálicas até ao empilhamento de madeiras, ou restos de entulho, como forma a evitar o acesso tanto humano como não humano, numa investida de preservação e mitigação da degradação arquitetónica.

Estes processos ocorrem como ação limite no domínio que qualquer possível entidade detém em relação a um espaço, mesmo que tal não se encontre sobre a sua tutela legal. Isto é, estes métodos são usados frequentemente como forma de dissuadir comportamentos marginais e fenómenos que possam invadir certo território. Contudo, é também observável o inverso: elementos serem utilizados como forma de reivindicar um espaço abandonado que não pertence ao indivíduo que o utiliza. Tal sucede maioritariamente com a aplicação dos já enunciados cadeados como ferramenta capaz de auxiliar na utilização informal e apropriação de lugares devolutos.



4.3

Fig. 4.3 - 4.10

Emparedamentos testemunhados ao longo do "Percurso 2: Entre a Alegria e Santos Pousada" .





4.5



4.4



4.6



4.7



4.9



4.8



4.10



4.11





4.12, 4.13 e 4.14



Fig. 4.11 - 4.19

Métodos de dissuasão: cadeados, testemunhados ao longo dos vários percursos caminhados.



4.15





4.16, 4.17, 4.18 e 4.19





4.2.2 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES:
Espécies Endémicas das Invisibilidades - Flora e Fauna

Os testemunhos impermanentes, personagens que são parte integrante das narrativas dos territórios em perda, são frequentemente personagens ou processos que protagonizam os cenários em estudo. Estes sujeitos vão reiterando a existência de dinâmicas em espaços que, coloquialmente, são assumidos como vazios, desprovidos de vida, mas que longe dessa acessão se encontram uma vez analisados. Neste sentido, e como já apresentada a importância socialmente atribuída à tentativa de dissuadir presenças nestes lugares, tanto por elementos humanos como por não-humanos, enuncia-se, deste modo, a exposição do último caso através dos testemunhos das espécies endémicas (entre a fauna e flora) conterrâneos destes territórios.

Os nossos felinos companheiros, entidades recorrentes um pouco por todos os percursos atuantes, anteriormente descritos, compõem juntamente com: cães vadios; pássaros das mais variadas espécies; agregados familiares vastíssimos de uma grande diversidade de insetos; e mesmo répteis de menor ou maior porte - alguns exemplos da fauna contemplada tanto nas ruínas como nos desgrenhados baldios portuenses. Os "não-vazios" da cidade, por conseguinte, são tanto habitat como génese de uma abrangência de espécies que são parte integrante das dinâmicas da urbanidade. Reduto de resistência do que a natureza (re)conquista à arquitetura.

Para além da fauna, também a flora se apresenta amplamente nestes territórios onde gradualmente vai conquistando terreno para assentar e proliferar as suas raízes. Entre sebes, trepadeiras, arbustos, hortícolas selvagens, flores das mais variadas, arbustos e mesmo pontuais árvores de fruto são apenas alguns exemplos das infinitas possibilidades da vegetação que paisagisticamente (des)ordena o imaginário das redes de invisibilidade. Localizam-se com maior proeminência nos terrenos vacantes e nos logradouros de estruturas obsoletas. Estes elementos integram as espécies que nascem entre os abandonos, entretantos situacionais que se tornam berço para a evolução e cocriação de seres únicos na relação dicotómica que estabelecem entre natureza e construção. Caracteriza-se aquilo que é um aproximar à ecologia urbana dos abandonos da freguesia do Bonfim.



4.20



Fig. 4.20 - 4.24

A Flora como espécie endémica das invisibilidades, testemunhada no "Percurso 6: do Parque das Águas à Campanhã".





4.3



4.21, 4.22, 4.23 e 4.24





4.25, 4.26, 4.27 e 4.28

Fig. 4.25 - 4.28

A Fauna como espécie endémica das invisibilidades, testemunhada no "Percurso 6: do Parque das Águas à Campanhã".





4.2.3 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES: Lixo, entulho e marcas da deterioração dos materiais

A degradação dos materiais de construção compõe o universo relacional da matéria e edificação da forma arquitetónica com a vivacidade da natureza e da desconstrução da mesma no desenrolar da temporalidade. Este confronto entre a edificação e a perenidade dos materiais contra a sua inevitável decomposição através de fenómenos naturais, mais ou menos diretos no modo como marcam e redesenham a desconstrução da arquitetura, são uma das principais personagens distintas, mas não singulares, na caracterização da rede de invisibilidades presentemente abordadas.

A deterioração, ação protagonista na passagem vagarosa de estruturas abandonadas ao seu estado em ruína, é um dos principais fatores em análise, visível na materialização por exemplo, tanto no desgaste de acabamentos como na presença de caixilhos enferrujados, vidros partidos, estores desalinhados, portas partidas e mesmo na presença de estruturas em desabamento. Esta linha ténue entre a utilização, o abandono e a ruína apesar de não linear (uma vez que, vários são também os casos onde, por exemplo, casas habitadas apresentam-se em estados insalubres, no limiar da ruína) corresponde a uma narrativa fruto da relação da arquitetura com o que a envolve. Tais estórias resultam como ação testemunho desta coexistência que pode ser levada a cabo tanto pelo marcar do próprio tempo através de processos indiretos como a oxidação, a gravidade e as intempérias, como também através da ação direta do homem pela falta de cuidado e manutenção destes espaços pela acumulação amiúde, por exemplo de lixo e entulho nestes territórios. Assim a arquitetura se vai decompondo



4.29



Fig. 4.29 - 4.33

Entulho e deterioração dos materiais observados no "Percurso 7: Entre o Douro e as Fontaínhas".

4.30, 4.31, 4.32 e 4.33







4.2.4 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES: Expressão: um esquiçar o abandono (Intervenções artísticas)

O abandono é descrito como a renúncia ou mesmo fuga e carência de cuidado do lugar que o dever o obriga a estar. Tal ausência apesar de não se manifestar exclusiva na relação que introduz às apropriações observadas na cidade, e cujas encarnações se apresentam enunciadas nos testemunhos impermanentes aqui expostos, não deixa de ter um papel crucial no modo quase instintivo como o obsoleto acaba por dar, muitas vezes, lugar a ocupações e novas criações informais nesses espaços. Do abandonar ao apropriar. Neste sentido, várias são as formas de apropriações observadas na urbanidade. Desde a utilização destas estruturas para habitação ou mesmo lazer, até ao seu uso como ferramenta de diálogo com os transeuntes sob a forma de expressão artística ou mesmo de cariz informativo e político. Nestas últimas situações, a arquitetura serve a cidade para além da sua funcionalidade. As suas possibilidades transbordam a primordial "utilitas" sobre o qual ela também nasce, extrapolando-a para novos campos de atuação onde paredes, muros e outros perímetros edificados se vêm agora como telas, livros e expressão de pensamento daqueles que sobre eles atuam.

No decorrer dos percursos caminhados na cidade vários foram os exemplos achados onde se evidenciam vários tipos de expressão através do somatório dos limites dos espaços devolutos com a infinita criatividade e audácia (entre a coragem e a depredação) perfazendo o testemunho expressivo presente nesses territórios. A arte urbana, ramo extenso em que se pode salientar a utilização de técnicas como o amplamente avistado *graffiti* e o inveterado *stencil*, assim como a presença de ponderados e meticulosos murais e outro tipo de representações como alguns cartazes, fotografias, poemas, pontuais esculturas e outros tipos de intervenções perfazem os testemunhos artísticos que tanto jazem como cocriam a urbanidade portuense.

A cidade, museu a céu aberto, onde os seus habitantes constantemente redesenham e compõe o seu invólucro através da vontade de algo exprimir por entre gritos silenciosamente coloridos, garridos em muros e paredes suspensos no tempo.

4.34





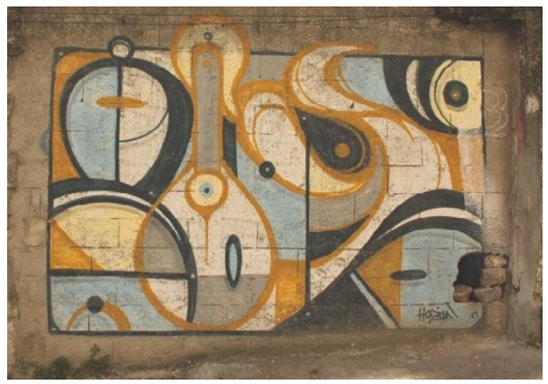


4.35 e 4.36



4.38, 4.39 e 4.40





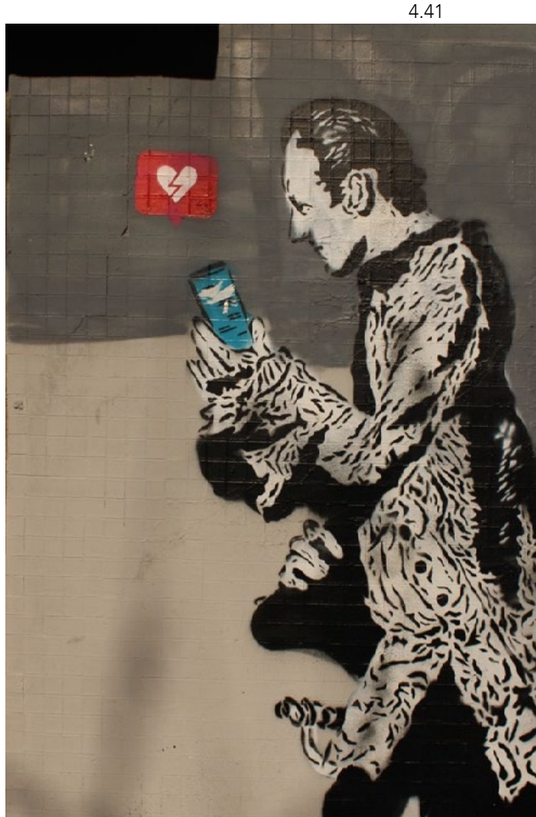
4.37



Fig. 4.34 - 4.44

Expressão artística nos abandonos presente ao longo dos vários percursos.

4.41





4.42, 4.43 e 4.44





Fig. 4.45 - 4.46

Vestígios de danos ao longo do "Percurso 7: Entre o Douro e as Fontaínhas".

4.2.5 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES: Vestígios de roubos e danos

A utilização e o emprego destes "não-vazios" ocorre frequentemente no desenrolar da aparente disponibilidade que o rasto do abandono apresenta nas qualidades espaciais destes territórios. Um destes vestígios surge no desencadear de comportamentos e interações humanas, mais ou menos intencionais, que não só interferem como também fomentam o carácter de-compositivo dos espaços em questão. Ações como vandalismo, roubos e danos causados no edificado ou mesmo a sua utilização para agregar lixo e entulho são alguns dos fenómenos mais vigorosos observados na cidade.

4.45 e 4.46





4.2.6 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES: Ocupações humanas, pernoita e "squatting"

Despercebidamente as ruínas e as estruturas abandonadas vão surgindo como meio e fim informal para utilizações humanas como forma de vivência, expressão e protesto. A pernoita e o *squatting* são apenas alguns dos vários fenómenos que perfazem as ocupações verificados nestes lugares em perda, assim como outros casos observados onde performatividades são realizadas nos cenários em estudo (alvo de presente atenção e sucessivo desenvolvimento no seguinte subcapítulo).

A pernoita, fenómeno caracterizado pela ocupação efémera de estruturas abandonadas, associa-se, frequentemente, à breve utilização dos lugares e/ou ao seu sucessivo (re)abandono. Também o emprego da pernoita torna-se mote inicial para a consequente apropriação e apoderamento dos "não-vazio" como tomada silenciosa de propriedades desocupados por períodos temporais mais longevos. Invade-se pela necessidade primária de refúgio ou pela vontade e necessidade de emprego de um dado espaço. Nascem assim as apropriações e ocupações humanas de territórios em perda no panorama citadino atual.

O *squatting* surge como movimento alicerçado pela ação de ocupar uma área de terreno ou de edificado, que se encontre abandonada ou inutilizada, sem que se detenha licença ou autorização formal para dele usufruir, nele permanecer ou habitar. Várias são as razões, motivações e contextos para estes lugares agirem como resposta tanto à necessidade de alojamento temporário, como para suporte de atividades sociais e comunitárias, ou ainda, para a sua emancipação e tomada como forma de reivindicação.

Comumente, as ocupações humanas implicam a interação direta e sucessiva alteração na relação de interação do homem com o sítio. No desenrolar do próprio tempo as espacialidades assim que ocupadas vão se alterando gradualmente através tanto da manipulação dos materiais que o compõe, até à sua limpeza, reorganização e reestruturação, invocando uma personalização destes lugares à imagem e necessidade daqueles que o ocupam. O abandonar emancipa-se como ferramenta e oportunidade simbiótica entre os cidadãos e a cidade que eles habitam e cocriam.

4.47









Fig. 4.47 - 4.50

Vestígios de ocupações humanas observáveis no "Percurso : Entre a Fernão Magalhães e afluentes", assim como no projeto "Ocupação do Escaravelho".

4.48, 4.49 e 4.50



Fig. 4.51 - 4.54

Dinamismos, performatividades e apropriações ao longo dos percursos caminhados pelo Bonfim.

4.2.7 TESTEMUNHOS IMPERMANENTES: Dinamismos, performatividades e apropriações

Os territórios da rede de invisibilidades para além de serem alvo de ocupações com intuitos diversificados, referidos anteriormente, também são cenário de outro tipo de dinâmicas e utilizações. O modo como os não-vazios atuam torna-se ferramenta de diálogo e apoio à vivência e coexistência dos habitantes na cidade que lhe é cenário e ação. Tanto a nível de performatividades efémeras de teor quotidiano ou mesmo artístico, como a nível da veemente presença de atividades e objetos pontuais que materializam a vida dos habitantes, os fenómenos observados presenteiam e caracterizam a urbanidade em estudo.

Entre vasos de plantas colocados em terrenos devolutos; à sua utilização momentânea como apoio a estendal para a roupa secar; ao seu emprego como suporte a bebedouros improvisados dirigidos para os felinos companheiros que divagam por entre ruínas e entulhos; até ao seu emprego como armazenamento de lenha e outros objetos e utensílios de apoio a atividades agrícolas ou de outro tipo - muitas ocorrências se dão no âmbito deste diálogo com o lugar obsoleto. Por exemplo, a possibilidade da sua apropriação como fim de criação de um pequeno núcleo de troca de livros, biblioteca simbólica, ou ainda a exequível utilização como palco de tertúlias pontuais, teatros, momentos coletivos. A cidade evoca-se plataforma como troca de mensagens, performances ou mesmo sala de aula a céu aberto, onde o ensino consegue transgredir as barreiras e limites da escola física ao explorar lugares fruto do abandonar, paisagem da urbanidade atual.

4.51 e 4.52





4.53 e 4.54

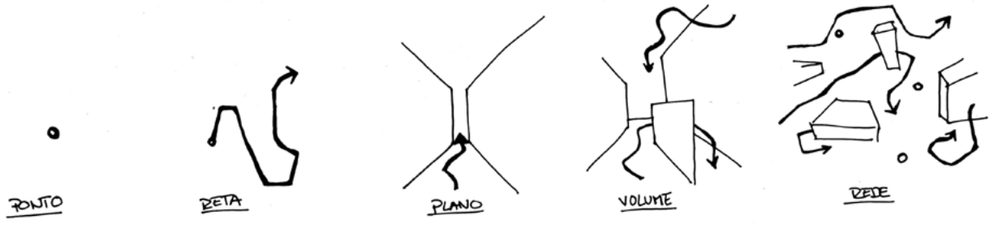


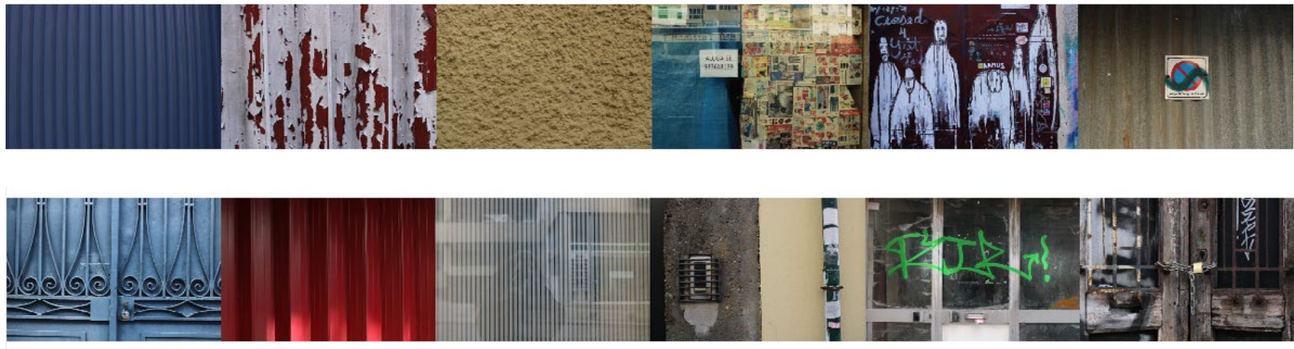
4.2.7 MAPAS DE TEXTURAS URBANAS E SONORIDADES

No confronto das direções imaginárias (panóplia de retas), forças capazes de traçar invisivelmente os percursos caminhados na cidade, a partir dos vários planos que delimitam as respetivas deambulações, que se obtém a perceção como possível meio de interação com a urbanidade nas intermitências da sua morte.

No seguimento da tentativa de melhor compreender a resultante das dinâmicas presentes do sujeito com o meio que o envolve, torna-se pertinente explanar o invólucro sensorial presente nos limites da ação do ser humano com o perímetro urbano. Os vários planos, palco onde decorre a narração e ação da cidade, apresentam-se sobre diferentes formatos (mais ou menos imediatos). Entre as cores e texturas urbanas que compõe o espaço público até aos sons experienciados pelos transeuntes portuenses, aos objetos, personagens e dinâmicas (alguns pontos já abordados no presente capítulo IV e outras temáticas a desenvolver no capítulo V), são vastos os elementos que compõem a perceção momentânea que os cidadãos apreendem dos lugares a explorar. Tendo por base a vastidão de representações dos espaços absorvidos pelo sujeito que neles habita, ponto que vive e se movimenta na tridimensionalidade, pode-se antecipar a sua rápida transmutação de unicidade de ponto, que assim o é que, pela deslocação que a partir dele ocorre como lugar geométrico. Mais tarde, eleva-se a trajeto unitário que circunscreve uma urbanidade passível de interação e comunhão.

O ´exosqueleto da cidade`participativa, plano limite do nosso caminhar, formula tanto o seu carácter perene e sólido de barreira, limite e fronteira, como apresenta a dicotómica possibilidade de ser matéria de criação de diálogo e imagem entre os sujeitos que nelas cocriam e os que dela absorvem o que se comunica. A arquitetura expõe-se na sua vertente dupla entre a criação de espaço físico e de espaço comunicativo, reivindicativo, estético e simbólico da cidade. A pluralidade dos planos potenciados na urbanidade - volume - transborda o carácter isoladamente gráfico e visual atingindo toda a sua capacidade também háptica, auditiva, olfativa e comunicativa: experiência inteiramente sensitiva e integrativa. Rede de volumetrias que invocam, reciprocamente, a presença de vida no território como impacto que a urbe apresenta necessariamente nos indivíduos que a protagonizam.





4.55

Fig. 4.55

Colagem fotográfica de texturas urbanas dos percursos caminhados pelo Bonfim (planos).

Ponto

São estas experiências tão diversas proporcionadas pelos vários elementos caracterizadores do espaço que compõem a vivência do indivíduo no lugar. Esse imaginário criado pelo sujeito assenta não só nas características físicas e materiais inerentes a um dado espaço, como também à perceção única e pessoal que um dado indivíduo terá dessa vivência do sítio.

A pluralidade de interpretações que o mesmo espaço poderá ter para diferentes pessoas, ou até, as múltiplas acessões que o mesmo sujeito poderá ter de um mesmo lugar visitado em alturas diferentes demonstram-nos a variedade de imaginários possíveis de criar a partir de um mesmo espaço físico. Aqui, a noção de sujeito como recetor da ação espacial enaltece-se pelo reconhecimento do indivíduo como ponto central de apreensão do que o envolve. A criação de um imaginário que vai além do apreendido pelos sentidos compõe-se num mundo de interpretações e possíveis correlações com a memória e a entidade de cada ser. “Não podemos conhecer nada que nos seja exterior passando por cima de nós próprios – pensa ele agora - o universo é o espelho no qual podemos contemplar apenas aquilo que aprendemos a conhecer em nós próprios.” (Calvino, 2016) O sujeito lê-se assim como foco, momento central correspondente ao cenário psicológico por ele pensado, fruto da fusão do mundo material com o universo de perceções por ele potencializado. Assim pensamos o espaço. Assim o vivemos.



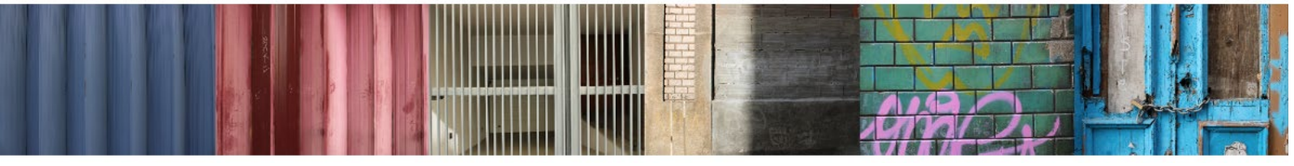
Reta

O ponto como perspetiva única de apreensão de um espaço agora pessoal, tem como palco os inúmeros lugares percorridos e vividos pelo observador. Assim, o que antes fora uma perceção fixa no espaço, torna-se agora um imaginário ambulante. Do ponto para a reta. Do sujeito para o percurso. Observamos a extensão do indivíduo para o seu caminho. O movimento atinge o plano do tempo. Dimensão onde a simbiose entre o espaço percorrido e o tempo vivido atingem o auge no modo como o sujeito apreende o tempo que percorre.

São estes percursos que servem de palco para o nosso caminhar. Um deambulatório circunscrito por tudo aquilo que não nos pertence. O despejo do público sobre o privado, onde o cenário do corpo em movimento é definido pelos percursos que existem e que nos permitem existir sobre os mesmos. O espaço público torna-se assim o principal elemento de estudo. A rede de percursos potenciais à nossa coexistência e que encaminham o nosso andar. O percurso como eixo das conexões com o que nos é exterior. Reta que é ponte entre aquilo que nos é abrigo e todos os outros pontos que nos relacionam com o coletivo, único cenário para o nosso percorrer.

Esta ligação, passível de percursos intencionais no seu itinerário, também serve de porta para a deambulação. Vontade de deixar que o espaço guie a trajetória. Abstração de um fim que se vê na sua relação de descoberta com o desconhecido, onde o ponto se torna reta na sua ligação didática e imprevisível com a envolvente.





Plano

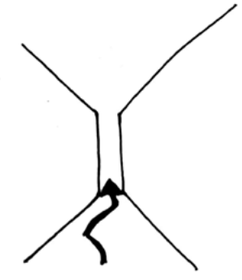
Os caminhos passam de mera reta como elemento caracterizador da sua trajetória, para todo um invólucro de planos delimitadores do nosso andar.

O limite entre público e privado ganha agora uma nova relevância pelo seu caráter defensivo do mundo que nos é inacessível. Fronteira orientadora de percursos, pano cénico do espaço que nos é livre, onde os mais variados elementos sobre as mais variadas formas compõe os limites, muros, fronteiras e fachadas da cidade. São estas unidades raianas que constituem a urbanidade e definem "a canalização da circulação" (Foucault, 2000), surgindo como limite firme das retas, trajetórias, deambulações, circulações e percursos quotidianos dos habitantes da urbanidade.

Estas fronteiras, tanto horizontais como verticais, planificam o espaço que nos é atribuído como transponível, onde se apresenta uma multiplicidade de texturas urbanas caracterizadoras da individualidade de cada universo privado numa leitura pública e exterior a esse imaginário. A solidez e perenidade do que se define como estrutura fronteiriça dos lugares por onde se permite caminhar contrasta com a possibilidade que estes planos apresentam. A sua transmutação, apropriação e visibilidade denota-se possível suporte simbólico fruto da interação e intervenção dos indivíduos com o invólucro tectónico da cidade[29].

Estes planos que nos encaminham apresentam-se sobre os mais variados moldes num universo que se vê ilimitado de cores, formas e texturas. A pluralidade da análise feita através da recolha de limites e fachadas permite compor a perceção da cidade como uma colagem de estímulos urbanos (Fig. 4.55): ação crítica do limite daquilo que é espaço público reflete-se no modo como o indivíduo se relaciona com o exterior através do seu perímetro e da sua interação (movimento) com o mesmo.

"No próprio gesto pelo qual divide e dá forma ao espaço, cada muro abre superfícies sobre as quais a comunidade projecta e traça os contornos do seu próprio retrato. Nenhuma cidade poderia existir sem essas superfícies: esse é o primeiro espaço concreto onde aquilo que é comum se mostra na sua forma sensível, o primeiro lugar objectivo do *partage du sensible* . Nas paredes, a vida espiritual e a vida material tornam-se inseparáveis: a pedra de alvenaria une símbolo e natureza. Por essa razão, uma cidade não é nunca um mero arquipélago de enclaves: ela é, sobretudo, um ser de superfície que não cessa de se dar ao olhar, de comunicar a sua imagem, de falar de si mesmo. (Coccia

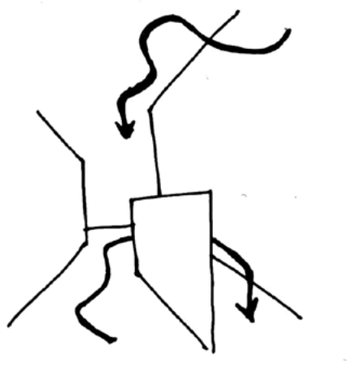


[29] "Voltando às superfícies verticais da cidade, também nelas se reflecte esta pulsão tectónica. Se, por um lado, a pedra dos muros e das paredes parece cumprir o seu desígnio de estabilização, rigidez, dureza, persistência e progresso sedimentado, por outro, traduz em si mesma a vivência colectiva e participativa de todos aqueles que, ao seu redor, a desgastam e a obrigam a reposicionamentos, a apropriam arbitrariamente e a expõem em morfogéneses vivas, expondo o aspecto de irrealização que sempre assombra o exercício da política. Deste modo, tal como estas superfícies encorpam o ordenamento estruturante e hegemónico do poder, também reflectem expressões disruptivas que resistem, interferem, interrompem, perturbam ou se mantêm inclassificadas." (Bogalheiro, 2021)

Volume
Os planos que nos limitam sentem-se agora insuficientes para a caracterização da nossa vivência da cidade. A presença de inúmeros elementos e estímulos que trespassam a dimensão dessa membrana como elemento fronteiriço são de uma vastidão imensa. Tudo aquilo que nos é sensível, sem que pertença necessariamente ao reino da visão, tem uma valência também bastante relevante para o sujeito.

Todo o movimento do quotidiano e as possíveis personagens anónimas que compõe a narrativa da cidade, assim como todo o som característico do momento único que se presencia e as inúmeras sensações transmitidas pelos mais variados agentes formulam essa vivência completa e volumétrica do espaço urbano.

A multiplicidade de elementos caracterizadores dos percursos, que se vêm como únicos e imprevisíveis no modo de atuar, compõe toda a nossa experiência sensorial. O embrionário ponto em movimento envolve-se agora numa imensidão de envolventes multidisciplinares na sua total volumetria.



qrfy.com/p/8ThgbOYbtV

https://studio.youtube.com/channel/UCezq-1phah9rt72JGzNXasA

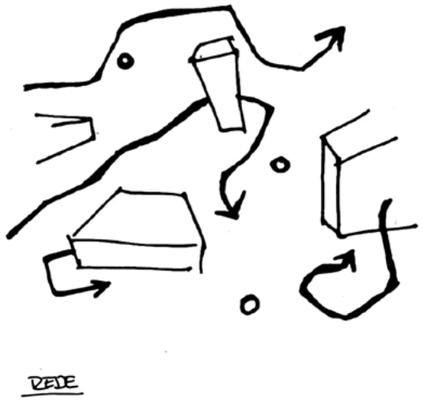
Canal (Youtube) intitulado *Morte e Vida da Cidade*: plataforma virtual criada como suporte para apresentar as paisagens sonoras gravadas e os vídeos realizados ao longo dos 7 percursos caminhados. Cada percurso efetua, por conseguinte, um momento sonoro apresentado na mesma plataforma. A captação dos fenómenos de abandono urbano são aqui explorados e exibidos como aproximação à volumetria de estímulos experimentados ao longo destes percursos.

Rede
A rede de imaginários experimentados e possibilitados pela cidade guiam e orientam as ações dos seres que nela habitam. O amontoar de planos e volumes que definem os percursos dos habitantes na cidade, no espaço público, caracterizam os lugares atribuídos ao coletivo.

É o estudo através da perceção individual, contextualizada coletivamente, dos territórios e das suas infraestruturas ao longo do tempo que se tenta analisar e compreender através das dinâmicas que fomentam a vida e a perda (morte) das arquiteturas em meio urbano. A deambulação serve assim, em primeira instância, para a consciencialização do panorama de perda atual das arquiteturas da cidade, onde, posteriormente, se vai largar a espontânea noção de deambulatório citadino, inauguranndo o percorrer da urbanidade na exploração de lugares alvo de abandono. Aqui, o objetivo ruma o andar, enfatiza o contraste entre a noção de percurso e deambulação no espaço através da presença em lugares perdidos na temporalidade.

Por conseguinte, elabora-se uma exposição dos vários elementos que permitem caracterizar a rede de experiências das expedições urbanas por entre os territórios em perda. A paleta de cores vislumbrada ao longo destes percursos, assim como as texturas urbanas, sonoridades, diálogos, encontros, ou outra tipologia de estímulos e apontamentos pontuam a urbanidade da freguesia do Bonfim agora alvo de indagação.

“Enquanto para os sedentários os espaços nômades são vazios, para os nômades esses vazios não são tão vazios, mas cheios de rastos invisíveis: toda a deformidade é um evento, é um lugar útil para orientar-se e com o qual construir um mapa mental desenhado com pontos (lugares específicos), linhas (percursos) e superfícies (territórios homogêneos) que se transformam no tempo.” (Careri, 2013)





CAPÍTULO

5

REFLEXÕES

INTERMITÊNCIAS DA MORTE:
ESTÓRIAS ENTRE O EFÉMERO E O PERENE

A partir da obra de José Saramago *´Intermitências da Morte´*

"No dia seguinte ninguém morreu..." (Saramago, 2014). Não fosse a maior das terrenas catástrofes assolar a narrativa de José Saramago, a polémica problemática onde "a morte deixa de matar" revela-se imaginário e ação central num universo de possibilidades entre a vida e a morte, que teima em deixar viver. Não matar. Uma ode à vida, que não deixando cair no esquecimento a relevância da sua sombra, do seu negativo, na sua falta se vê incompleta de significado onde jaz a eternidade. O efémero atribui-lhe significância. Nesta narrativa, a interrupção momentânea do ciclo natural da desconstrução da existência humana protagoniza a controversa tragédia que é a morte da morte. Desenrola-se, por conseguinte, o enredo das vidas nos interstícios do ocaso, num balançar descontínuo que nunca tomba para o lado de lá. A vida nos entretantos da sua finitude.

Também a cidade, tal como os organismos, nasce através da relação simbiótica de processos de crescimento e prosperidade em que a vitalidade enaltece as potencialidades da urbanidade, como com processos contrários a este, onde a falta de utilização, a detioração, fenómenos de abandono e apropriação protagonizam as dinâmicas das redes de invisibilidade. A bipartição da visão dos processos urbanos alicerça a identificação e valorização daqueles que beneficiam os cidadãos dos que, por oposição, prejudicam ou não apoiam nem dignificam a vivência dos habitantes das nossas cidades. A autora Jane Jacobs, com a obra *Morte e Vida das Grandes Cidades Americanas* denuncia e clarifica, precisamente, a forma como a arquitetura e o urbanismo impactuam, positivamente ou negativamente, o quotidiano das populações dos grandes núcleos urbanos.

No mesmo sentido, a desconstrução da perpétua dicotomia: vida e morte, explanada na prosa de José Saramago, vem acrescentar a impossibilidade de um fim absoluto num convite (trágico) à despolarização destes dois universos. Estende-se a gradação e as possibilidades de narração de situações que coexistem com as intermitências da morte. Apesar de apocalítico, enuncia-se a importância do ocaso na formulação de dinâmicas que fomentam a vida no presente.

Também na cidade várias são as narrativas que, entre a criação e a destruição das arquiteturas, se vão apoderando dos "entretantos" desta vasta gradação entre a inexistência e a eternidade. Os já apresentados processos de abandono e destruição sofridos pelo edificado são palco de múltiplas transformações e utilizações fruto da interação da perenidade da matéria com as (im)previsíveis ações que o tempo acarreta.

Fig. 5.1
Lava-loiça
(Ocupação Escaravelho, Porto)

É este diálogo que perfaz os vários intervenientes e personagens que compõem a cidade, analisados no capítulo anterior. Entre os testemunhos encontrados nos "não-vazios" explorados, muitos se definem como vestígios tanto de fenómenos não humanos como de fenómenos resultantes da interação do homem com o espaço em abandono. A presença do ser humano nos lugares em perda será alvo e mote para o desenrolar do presente capítulo. A vida que (sobre)vive entre os vestígios da morte.

Neste sentido, analisam-se os processos de interação humana em lugares obsoletos, resultantes na forma de apropriação. A vivência em espaços abandonados vê-se edificada tanto através de lugares usados e re-criados com várias finalidades desde habitação, à criação de espaços coletivos que apoiam a comunidade, até a sítios de apoio laboral e artístico, ou mesmo apropriações sob a forma de protesto.

No contexto portuense, explora-se e enuncia-se duas situações concretas de vivências diversas nos "não-vazios", onde se aborda com maior proximidade o exemplo do caso da ocupação do "Escaravelho" e do projeto "Horta da Bananeira". Prontamente, denota-se importante a recolha e análise de testemunhos das vivências, diálogos e performatividades que protagonizam as apropriações humanas dos não-vazios na freguesia do Bonfim. Representações das interações e possibilidades que a simbiose entre o homem e o espaço em abandono apresentam na rede urbana.

A cidade vê-se completa pela correlação que a vida e a morte estabelecem nos fenómenos que a compõe. Entre composição e desconstrução, os transeuntes deambulam, habitam e abrigam-se no limbo entre ambos os processos. A cidade no tempo dignifica a vida nas intermitências da morte.

"Menos a questão da morte, senhor, se não voltarmos a morrer não teremos futuro." (Saramago, 2014)



5.2

Fig. 5.2 e 5.3

Dinâmicas e vivências de ocupação no projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)



5.3

5.1 HABITAR O ENTRETANTO: APROPRIAR, OCUPAR E HABITAR

A arquitetura tem a capacidade de nos impactar tanto pelos nossos sentidos, codependentes dos estimulos que a ´arte de construir` nos suscita, como pelas possibilidades diversas de nos fazer sentir. Da mesma maneira que o espaço nos manipula, também a presença humana impactua a arquitetura.

Neste sentido, analisam-se, presentemente, a vida e os fenómenos que testemunham as interações humanas no contexto dos lugares em abandono. Entre a breve interação, até a processos de apropriação e ocupação informal dos "não--vazios" ensaiam-se oportunidades e momentos de habitar lugares socialmente invisíveis. O indivíduo e as vivências que o mesmo consegue estabelecer com o que o envolve são mote para o desenrolar do Capítulo V: *A vida nas intermitências da morte.*

As utilizações de espaços em perda, assim como a natural apropriação que o homem faz destes "não-vazios" compõe o universo de dinâmicas que se estabelecem na penumbra da sociedade. A ação de tornar próprio . Habitar abandonos implica uma lógica de utilização e apropriação. As vidas que atuam estes cenários, ocupam e dinamizam os mesmos "vazios urbanos", onde o fenómeno de apropriar transborda a utilização e vincula-se ao domínio do mesmo como processo mais constante e duradouro. As ocupações, ou melhor, os "squattings", surgem nesse seguimento.

Aqui a inutilização e o esquecimento exponenciam-se no apoio a dinâmicas que fomentam a vida e a processos que beneficiem a qualidade de vivência de qualquer indivíduo sob diversas formas. Neste seguimento, o sociólogo Hans Pruijt define e categoriza os vários formatos de ocupações sob a diferenciação de cinco tipologias distintas de "squattings": 1) Deprivação de habitação, situação onde pessoas com carência de habitação e/ou em situação sem-abrigo se apropriam de espaços devolutos pela necessidade de abrigo; 2) Como estratégia alternativa de habitação, no qual indivíduos que se encontram à espera de resposta pela atribuição de apoio e habitação social decidem tomar ação direta na ocupação de um espaço, futuro refúgio e solução temporária; 3) Associativismo, através da utilização e da transgressão de espaços em perda com o intuito de servir e apoiar a comunidade, pela presença de associações, cafés, ateliers e espaços comuns, entre outras estruturas capazes de servir uma coletividade; 4) Conservação e manutenção, ocupação de património e monumentos na tentativa de preservação de edificado deixado ao abandono pelo estado ou pelas autoridades competentes; 5) Ações políticas e de protesto, onde ativistas apropriam-se dos já mencionados não-vazios como protesto temporário ou sob a forma de edificação de núcleos políticos ou centros associativos. (Pruijt, 2013)

Desta forma, enunciam-se as possibilidades que o obsoleto potencia tanto no cariz ideológico e simbólico que detém, como também através da resposta que, informalmente, apresenta à problemática tanto da habitação como da necessidade de criação de espaços coletivos com fins diversamente amplos, desde políticos, desportivos, artísticos e outros.

5.4 e 5.5





Fig. 5.4

Dinâmicas e vivências de ocupação. Recolha de água nas imdeiações do projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)

Fig. 5.5

Utilizações e apropriações do espaço coletivo no acesso a uma habitação, Budapeste, Húngria (2022)

Fig. 5.6

Idem

No contexto portuense é possível reconhecer materializações e ecos das categorizações formuladas por Hans Pruijt no terreno em estudo. Neste seguimento, destacam-se situações correntemente testemunhadas (categoricamente enquadradas no primeiro e segundo caso), onde o abandono atua como possibilidade limite para pessoas em situação de carência de habitação e/ou em situação de sem-abrigo através da apropriação e cocriação de abrigos e soluções efémeras a partir dos não-vazios presentes um pouco por toda a cidade. Espaço ocupado que se vai habitando como casa. (Fig. 4.47)

Assim, constata-se o alcance e a relevância das invisibilidades no modo como amparam, colaboram e se tornam parte integrante de situações social e economicamente precárias nos interstícios da penumbra da sociedade. Aqui, várias são as situações em que utilizações humanas com a finalidade de habitar um espaço devoluto pela necessidade de abrigo se testemunham ao longo dos percursos deambulados. Outro fenómeno mais pontual no modo como se expressa na sociedade são as ocupações realizadas coletivamente (enquadrados na terceira e quinta tipologia) com o intuito de apoiar, fomentar e servir a comunidade sobre a forma de cafés, bibliotecas, habitações coletivas, teatros, associações, hortas e espaços comunitários presentes tanto na região central da freguesia do Bonfim, como nos terrenos escarpados a sul, limite rio, temática que será abordada seguidamente.

Através da análise do contexto da freguesia do Bonfim é possível reconhecer e salientar o exemplo de dois projetos: a ocupação do "Escaravelho" e a "Horta das Fontaínhas, que se destacam no âmbito da apropriação e ocupação numa lógica coletiva com a finalidade de associar indivíduos em prol do apoio, melhoria e criação de espaços que dignifiquem e auxiliem o quotidiano das indivíduos na cidade.

5.6



5.2 PRESENÇAS E DIÁLOGOS: A "HORTA DA BANANEIRA" e o "PROJETO DO ESCARAVELHO"

Numa primeira instância, aborda-se o projeto "Horta da Bananeira", desenvolvido na escarpa das fontainhas, lugar que privilegia a sua localização fronteira à beleza magnificiente do rio Douro. Tamanho cenário e circunstância viram-se favoráveis à criação de um grupo unido pela força de tentar revitalizar, reabilitar e reformular o obsoleto através da criação de hortas comunitárias, berço para o semear também ele simbólico de fenómenos que potenciem a vida. Entre as hortícolas que lá nascem, até às dinâmicas e relações que se criam, o que anteriormente era definido como um lugar com potencial perdido, (entre a inutilização e o abandono) hoje é um espaço que dinamiza e qualifica o quotiadiano dos cidadãos.

No segundo caso, estuda-se a apropriação sob o formato de ocupação de um edifício unifamiliar para fim de habitação coletiva levada a cabo por um grupo de jovens unidos na criação de um pequeno núcleo comunitário "o Escaravelho". Este projeto extrapola a sua utilização como ferramenta de residência para os membros que nele habitam, de onde nasce um espaço de apoio à comunidade através da criação pontual de eventos públicos, frequentemente alicerçados na formulação de atividades artísticas.

A tomada de conhecimento destes projetos que vivem e habitam nos entretantos da arquitetura é levado a cabo através da integração pessoal nos mesmos. Desta forma, o estudo destas realidades é feito na primeira pessoa e próximo das vidas dos sujeitos que ocupam estes cenários. A descrição e análise das deambulações, percorridas no Bonfim, vão cruzar as estórias que existem nos lugares em perda desta freguesia. Vêem-se, pela primeira vez, os rostos e as vozes daqueles que existem e resistem nos "não-vazios" da cidade, habitantes das invisibilidades. Através do diálogo e do testemunho das vivências dos que pontuam a exploração do abandono vai-se introduzindo um vislumbre daquilo que é a vida nas intermitências da morte.

Com o auxílio da fotografia, do vídeo, da gravação de som, do desenho e sobretudo da presença, observação, conversa e partilha de experiências pessoais dos indivíduos que integram este imaginário, recolhe-se e compõem-se expressões dos diálogos e das performatividades que ocorrem em territórios abandonados e apropriados da cidade. Documentados, primeiramente, nas deambulações traçadas pelo território que, num momento seguinte, embatem e se relacionam com projetos e sujeitos que integram o quotidiano da freguesia em estudo. 7 já foram os percursos caminhados, já descritos, onde agora será possível ver e ouvir as suas paisagens visuais e sonoras com foco nos sujeitos que agora as integram.

A análise dos dois projetos explorados, realizou-se através da vivência e prática dos mesmos. Durante um período de duas semanas, em Setembro de 2022, a própria habitou no contexto da ocupação do "Escaravelho". Durante o mês de Outubro de 2022 realizaram-se visitas regulares a uma horta coletiva "Horta da Bananeira", onde o cuidado com a terra, a agricultura e a entreajuda foram foco de aprendizagem e integração da mesma nesta proposta.

5.7 e 5.8









5.9 e 5.10

Fig. 5.7
Dinâmicas e vivências de ocupação, projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)

Fig. 5.8
Dinâmicas e vivências de ocupação, Recolha de água nas imdeiações do projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)

Fig. 5.9
Unidades de exploração hortícola no projeto Horta das Fontaínhas, Porto (2023)

Fig. 5.8
Idem

Através deste processo, foi possível recolher o testemunho destes sujeitos (agora presenças familiares e amigas) na formulação de dinâmicas reais que habitam os entretantos da arquitetura. Aqui estão as suas estórias, uma parte das suas vidas, um pedaço de cidade.

A HORTA DA BANANEIRA

"Contudo, é na feliz face Este deste pequeno complexo que se define a entrada para um jovem projeto associativo - a Horta da Bananeira. Aqui qualificam-se grandes espaços obsoletos localizados nesta íngreme falésia, antigas habitações e "ilhas" fantasma (hoje em estado avançado de decomposição), onde através da construção de hortas é possível a integração hortícola nestes lugares em perda. Ao descer a sinuosa escada de pedra vou insurgindo por entre repolhos e nabiças nestes curiosos ambientes capazes de juntar gerações e dinamizar a memória coletiva de um espaço que invisível jazia sob o olhar forte e sereno do Douro, eterna companhia."

(Descrição do diário de percurso)

O "Projeto da Bananeira", coloquialmente denominado por Horta das Fontínhas, é uma horta comunitária situada nas Escarpas das Fontaínhas, na freguesia do Bonfim, no Porto. Nascido a 21 de Maio 2020, visa promover a participação comunitária e ativa das pessoas na requalificação do espaço urbano, através da responsabilização e consciencialização dos cidadãos no cuidado direto com a terra aliado ao desenvolvimento de dinâmicas sociais igualitárias. Lugar dedicado não só ao cultivo de legumes, plantas e ervas, como também à fomentação de valores como a entreajuda, a sustentabilidade e a responsabilização. A sua raiz comunitária existe e resiste em espaços privados e públicos pertencentes à câmara municipal do Porto. Aqui pretende-se devolver à comunidade local uma área que, por demasiado tempo, permaneceu devoluta e abandonada.

Antes de abandonadas e reocupadas, as escarpas das Fontaínhas foram outrora habitadas até ao momento em que uma derrocada destruíu, no ano de 2001, parte das casas que ali existiam. Posteriormente, foi acordado com os últimos moradores a deslocação para outras habitações camarárias e, em 2015, as restantes 13 famílias foram realojadas e as últimas casas demolidas. Desde então, as escarpas mantiveram-se ao abandono, progressivamente tomadas pela vegetação e pelo lixo. Ao longo destes anos a câmara municipal do Porto manteve a vontade de requalificar este espaço, cuja mais recente declaração de dinamização deste lugar deu-se através da criação do projeto de uma ecopista que funcionaria provisoriamente na linha férrea que se encontra desativa, situada abaixo do primeiro núcleo das hortas. Esta foi uma decisão tomada em assembleia municipal no Verão de 2020, mas até hoje não se testemunham materializações concretas desta decisão.

As “Hortas da Bananeira” têm início, precisamente, com a limpeza e a ocupação destas escarpas abandonadas por um pequeno grupo, em Maio 2020 (logo após o confinamento). A intenção desta ocupação não se definia pela vontade de apropriar o espaço que foi desbravado, mas sim a de iniciar um processo que se esperava puder ser abraçado e continuado por outros e para outros. A ideia era simples: limpar o espaço, plantar hortas, retomar a prática da produção da alimentação num molde mais consciente. O local viu-se perfeito para o cultivo dado todo o manancial de água nele presente. A partir da prosperidade das primeiras colheitas não parou de chegar gente com vontade de limpar mais terrenos e de dinamizar e plantar mais hortas. Atualmente, este projeto abrange pelo menos um núcleo de 30 pessoas permanentes sendo que, num dia de sol, avistam-se cerca de 100 pessoas a trabalhar (ou apenas a coexistir) nas escarpas que dão lugar a este projeto associativo. “A Bananeira” alberga uma vastidão e heterogeneidade de membros, considerando a amplitude de idades dos elementos que a compõe até às múltiplas nacionalidades representadas.

Gradualmente, “a Bananeira” tem vindo a ativar este espaço, implicando a ação direta das pessoas na construção de um lugar verdadeiramente público, qualificado, vivo e comunitário. Para além das hortas, a área que se foi descobrindo, debaixo do lixo e da vegetação, também tem vindo a ser dedicada à criação de alguns espaços comuns para o convívio e o desenvolvimento de atividades culturais e de partilha de conhecimento com a comunidade mais próxima e com todos aqueles que aqui queiram viver e, positivamente, cocriar uma relação simbiótica com a terra e a cidade.

5.11





5.12



Fig. 5.11

Escarpa das Fontaínhas e o projeto da Horta da Bananeira, Porto (2022)

Fig. 5.12

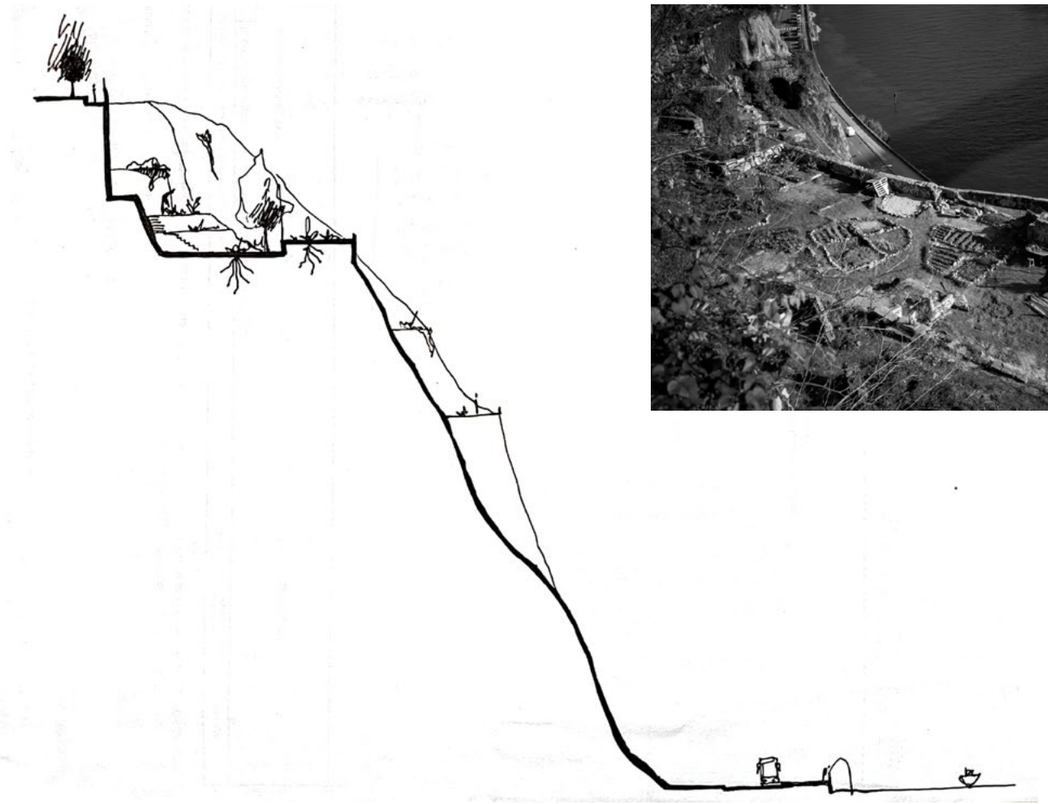
Projeto Horta da Bananeira, Porto (2022)

Fig. 5.13

Projeto Horta da Bananeira, Porto (2022)

Fig. 5.14

Organização das unidades hortícolas no projeto Horta da Bananeira, Porto (2022)





5.14

PRESENÇAS E DIÁLOGOS : "A HORTA DA BANANEIRA"

5.2.1 Pelo Sr. Teixeira

Natural de Mondim de Basto, distrito de Vila Real, vive no Porto, no bairro das Fontaínhas há mais de 40 anos. Já está na horta há dois anos e é o mais velho membro deste projeto. Planta maioritariamente favas, couve, cebola, milho, feijão, tomate, alface e beterraba. Gosta de estar na calma da terra, no contexto e na proximidade com a cidade. A "Horta da Bananeira" proporciona-lhe tanto a conexão com a natureza, como a produção agrícola informal, mas é principalmente o convívio, a amizade e a entreajuda com uma grande diversidade de pessoas que cativam o Sr. Teixeira na pertença a esta comunidade.



5.15

5.16



5.2.2 Pelo Júnior, família e amigos

Família emigrada do Brasil, estado de Minas Gerais, chegaram a Portugal há três anos. Integraram a Horta das Fontaínhas, vai fazer 2 anos em Março. Cultivam alface, tomate, couve e batata-doce. Para além da produção agrícola, utilizam o espaço ocupado, maioritariamente, com o intuito de apoio à confeção e preparação de refeições através da criação de um pequeno forno, de um churrasco, e de um espaço ideal para a convívios e realização de almoços entre familiares e amigos.



5.18 e 5.19

Fig. 5.15

Dinâmicas e vivências de ocupação: trabalhar a terra, projeto *Horta das Fontaínhas,* Porto (2022)

Fig. 5.16

Organização das unidades hortícolas, projeto Horta da Bananeira, Porto (2022)

Fig. 5.17, 5.19, 5.20, 5.21

Idem

Fig. 5.18

Projeto *Horta da Bananeira*, Porto (2022)

5.2.3 Por Lauren

Nascida e criada no Estados-Unidos, vive perto das Fontaínhas vai fazer dois anos. Integrou o projeto da Bananeira há 1 ano e, desde então, trabalha na horta regularmente, cerca de 4 vezes por semana. Planta, maioritariamente, cebolinho, cebola, couve, alface e espinafre.



5.20

5.2.4 Por Ali Pereira

Artista pluridisciplinar portuense encontra na escarpa das Fontaínhas um espaço verdadeiramente libertário, justo, igualitário e consciente no modo de olhar a terra, a cidade e a sociedade. Na Horta das Fontaínhas a limpeza, a autogestão e o cultivo dos alimentos que se consomem perfazem uma lógica comunitária, respeitando a natureza, fundações que alicerçam o "projeto da Bananeira", visão e ação também partilhada por Ali Pereira.

5.21



OCUPAÇÃO DO ESCARAVELHO

"Protegido pela formosa fachada revestida a azulejo verde esmeralda, muralha que tanto nos delimita como nos convida para visitar a ocupação do Escaravelho, animal que partilha os mesmos tons com os limites verticais deste projeto. Assim nasce o seu nome. Este é o corpo que detêm a vida entre o abandono."

(Descrição do diário de percurso)

"O Escaravelho" nasce como ocupação informal de uma habitação devoluta situada no centro do Porto, levada a cabo por um grupo de jovens na Primavera de 2021. Unidos pela vontade de criar uma casa associativa, onde a possibilidade de habitar e reabilitar um lugar abandonado alia-se à necessidade de habitação e de um lugar de convergência, encontro e espaço de diálogo possível de promover atividades artísticas e sociais. O espaço inutilizado transforma-se em potencial útil para a comunidade jovem e estudantil que dele necessita e que dele se apropria.

Localizada defronte para o Douro, a habitação que lhe dá lugar, antes de desocupada era rentabilizada como alojamento local. No período de tempo da pandemia viu-se obrigada a encerrar e encontrou-se abandonada durante, aproximadamente 1 ano, altura em que o potencial deste "não-vazio" foi descoberto por alguns elementos que integram o grupo inicial dos ocupantes desta habitação. O edificado unifamiliar composto por 3 andares, um pequeno jardim defronte para a rua e um pátio, integra a tipologia de um T4. Quando primeiramente apropriado encontrava-se desocupado e pouco deteriorado, situação que se viu ideal para o começo da sua ocupação.

O processo de "squatting", teve início pela transgressão dos seus limites e sucessiva limpeza, manutenção e reparação de alguns elementos construtivos de forma a que, gradualmente, o espaço se pudesse tornar cada vez mais qualificado e seguro para nele (re)habitar. Inicialmente, "o Escaravelho" foi integrado por duas pessoas, um casal jovem emigrante, e, rapidamente, a vontade de criar um projeto coletivo de apoio à habitação e à edificação de espaços que apoiem a comunidade chamou mais membros a integrar esta ocupação.

Entretanto várias foram as pessoas que já fizeram parte deste "squatt", pelo menos, 15 indivíduos já aqui residiram permanentemente e muitos mais por aqui já passaram numa lógica de apoio temporário. Para além, do mote e alicerce do projeto "Escaravelho" se basear no apoio informal à problemática do acesso a habitação, nomeadamente, a jovens trabalhadores e estudantes que se encontrem numa situação de precaridade na falta e dificuldade de acesso à habitação, este pretende ir mais além. A criação de eventos abertos aos que nele queiram participar viu-se exemplo disso como o caso do fim de semana, em Junho de 2021, dedicado ao teatro e à performance, onde durante 2 dias a ocupação servia de palco para artistas se apropriarem duplamente deste lugar, com o intuito de explorarem artística e corporalmente as potencialidades deste "não-vazio". Também as noites regulares de projeção de cinema na sala comum do "Escaravelho", ou mesmo, os jantares coletivos e as festas e encontros pontuais que aqui tiveram lugar, compõem a pluralidade e diversidade de atividades que o projeto pretende promover.

Atualmente, habitam 4 pessoas neste edificado com o conhecimento do proprietário, apesar da situação se demonstrar efémera pela iminência das obras de requalificação que o mesmo pretende realizar. A ocupação e apropriação do devoluto vê-se exemplo informal na solução que atribuí à necessidade de abrigo associada ao protesto pela reivindicação de dinâmicas que fomentem espaços na cidade onde todos podem habitar.

5.24



5.23





5.22

Fig. 5.22 e 5.25

Presenças e utilizações numa habitação ocupada: projeto *Escaravelho*, Porto (2022)

Fig. 5.23, 5.24, 5.26

Adaptações na utilização de uma habitação alvo de ocupação, projeto *Escaravelho,* Porto (2022)

5.25 e 5.26







5.27

Fig. 5.27, 5.29 e 5.30

Presenças, utilizações e vivências, projeto *Escaravelho*, Porto (2022)

Fig. 5.28 e 5.31

Adaptações na utilização de uma habitação alvo de ocupação: recolha de água numa fonte nas proximidades do projeto *Escaravelho*, Porto (2022)

5.29



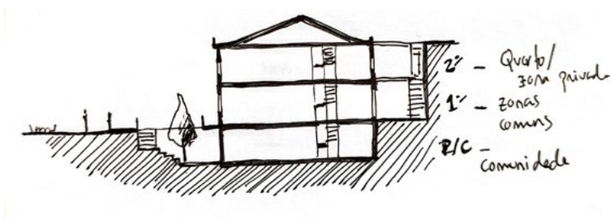
PRESENÇAS E DIÁLOGOS : OCUPAÇÃO DO ESCARAVELHO
5.2.5 Por Gracia e Raoul

Jovem dupla que deu início ao projeto de (re)ocupação do Escaravelho. Gracia, original da Andaluzia, é estudante de dança no Porto. Raoul, natural da Bélgica, é músico de rua. Começaram este projeto de forma a semearem uma rede alternativa de apoio à necessidade de habitação. Pretendem fomentar através do diálogo, trabalho, respeito, entreajuda e compreensão, uma comunidade que possa ser uma base de apoio para o acesso a condições básicas de residência, promovendo coletivamente as ambições de cada um. Acreditam que a utilização, a limpeza, a dinamização e a reocupação positiva de espaços devolutos poderá ser uma oportunidade única e solução possível para a dicotómica problemática de acesso à habitação, num universo repleto de arquiteturas abandonadas. O obsoleto é, por conseguinte, utilizado como motor e palco para a sua intervenção, onde a utilização temporária do espaço gera simbioticamente uma troca entre a arquitetura e o trabalho, o cuidado, a limpeza, manutenção e realização de obras que mitiguem o estado de detioração do devoluto.

Ambos residiram nesta ocupação durante o ano de 2021. Após a sua saída do projeto, em 2022, o legado que deixaram continua de pé e a rede de residentes e amigos do projeto do “Escaravelho” continua.

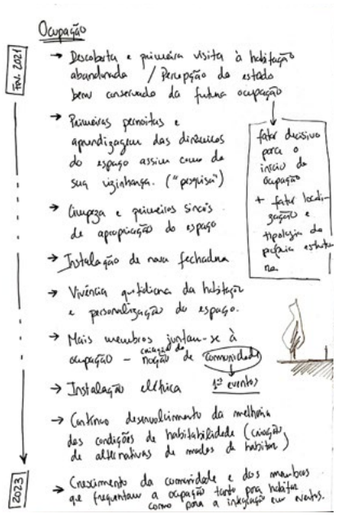


5.30 e 5.31









5.32 e 5.33



5.2.6 Por Sofia

Arquiteta e ceramista portuense abraçou a ocupação do Escaravelho entre 2021 e 2022. A sua integração neste projeto surge, não só como alternativa temporária de habitação, mas, principalmente, como voz ativa na formulação de dinâmicas coletivas à comunidade jovem que reside no Porto. Este movimento atua sobre e com os territórios abandonados e inutilizados da cidade como espaço efémero necessário e possível de integrar o quotidiano dos cidadãos. Metamorfose arquitetónica, onde o abandono se transforma em casa passageira através da atuação e vivência em coletivo.

Fig. 5.32, 5.33

Presenças, utilizações e vivências, projeto *Escaravelho*, Porto (2022)

Fig. 5.34

Adaptações na utilização de uma habitação alvo de ocupação, projeto *Escaravelho,* Porto (2022)

5.2.7 Por Beatriz

Natural de Torres Vedras, reside no Porto há 5 anos. Habita há um ano a ocupação do "Escaravelho" e defende a criação de alternativas dignas para solucionar a problemática do acesso à habitação por parte dos jovens através da reutilização de espaços inutilizados e abandonados na cidade. A união em coletivo capacita o empoderamento das potencialidades de cada indivíduo, num registo de troca e aprendizagem entre todos. O Escaravelho é um pequeno passo nessa direção.

5.34





5.35 e 5.36

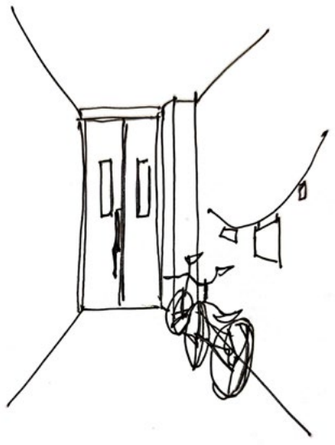


Fig. 5.55 e 5.36

Presenças, utilizações e vivências, projeto *Escaravelho*, Porto (2022)



5.3 A CIDADE NO TEMPO

A narrativa da presente dissertação constituí um ensaio em torno da correlação espaço-tempo, no modo como ambos os campos se afetam e se deixam testemunhar no contexto da urbanidade. O fator temporal e as potencialidades que as sobreposições de utilização e dinamização do território acarretam à constituição heterogénea e multiforme da paisagem citadina, vêem-se determinantes na gestação dos vazios urbanos (os aclamados "não-vazios"), personagem protagonista da cidade invisível. São estes lugares que surgem da dicotómica dinamização da morte e vida da cidade, fruto de processos que fomentam a sobreprodução, utilização e qualificação, em oposição a espaços em perda e abandono, palco e mote para a sua análise através da ação de por eles caminhar e de neles viver.

A temporalidade, variável que, primeiramente, enquadra o passar de um intervalo de duração na arquitetura, é agora tema sobre o passar do tempo que possibilita o movimento e o reconhecimento dessa mesma arquitetura. Esta dupla acessão vem caracterizar tanto o objeto em estudo como a própria metodologia e narrativa de aproximação à rede (in)visível da freguesia do Bonfim. O ato de atravessar o território, isto é, caminhar por entre o universo da "vida entre edifícios" (Gehl, 2017) permite um reconhecimento corpóreo sobre os limites da urbanidade em análise. Esta indagação *in situ* permite não só deambular por entre as fronteiras do "exosqueleto urbano", como outorga o testemunho tanto da materialidade das arquiteturas e dos elementos que integram o imaginário do ocaso urbano, assim como as vivências e presenças efémeras que nesses cenários ocorrem.

O contacto com as vidas que pontuam informalmente as invisibilidades percorridas preconizam os sujeitos, os diálogos, as interações e os fenómenos socias que decorrem fruto deste enquadramento. São estas estórias entre o efémero e o perene que perfazem e humanizam a realidade presente nestes intervalos de espaço e tempo – lugares inutilizados e abandonados por uns e, utilizados, vividos e apropriados por outros. É esta evidência que planeja ser retratada sob a forma de análise desta rede de territórios, elementos, sujeitos e sistemas de encontros. Metamorfose onde a própria morte urbana se vê incapaz de sucumbir com a sua finitude através da pluralidade de formas relatadas (observadas/testemunhadas) de reabitar a vida entre a morte da cidade.

Do mesmo modo que, os testemunhos anteriormente analisados persistem em territórios abandonados, onde as ruínas contemporâneas desocupadas pelos sujeitos que, legal e governamentalmente, obtém direito e usufruto da sua (in) utilização, também verdade o será afirmar que a amostra explorada é apenas uma pequena porção do infinito universo de invisibilidades que jazem nas cidades da atualidade. As ruínas do presente são, por si só, um elemento transitório da paisagem citadina na qual a arquitetura se define como ruína em potência. Representação máxima da incompatibilidade do usufruto e imprevisibilidade da vida humana com os recursos arquitetónicos existentes.

O espaço e a construção edificada e projetada no tempo presente formula e estrutura os territórios das cidades no futuro. O arquiteto do presente projeta, por conseguinte, não só o tempo de vida de um lugar que corresponde à intenção enunciativa da sua construção, como a sua desconstrução e ruína futura. A arquitetura desenha tanto a vida como as intermitências da sua própria finitude.

É neste seguimento, que o atelier de arquitetura dinamarquês *Superflex* em cocriação com o biólogo Alex Jordan, do Instituto de Comportamento Animal Max Planck, Alemanha, ensaiam a criação de estruturas cuja finalidade serão a sua vivência e ocupação como ruína. A instalação arquitetónica *Dive-In,* realizada pelo mesmo atelier, pretende edificar-se em cidades costeiras sob a forma de um cinema *drive-in* a que se propõe mutar, vagarosamente, em metamorfose como infraestrutura projetada para a sua potencial apropriação por organismos marinhos aquando no futuro, o nível do mar subir. Neste processo, a inevitabilidade da ruína arquitetónica, inicialmente de usufruto humano, é desenhada nas suas variações e adequações ao longo do tempo numa simbiose do espaço corresponde a um lugar atemporal de cooperação interespécies.

Posteriormente, e da mesma autoria, a série de esculturas *As Close As We Get* vigora como forma de arte humana e potencial casa para vida marinha no contexto onde as arquiteturas se tornarão testemunhos da vida humana em ruínas subaquáticas. Por este motivo, torna-se relevante a integração das futuras apropriações animais como consideração das suas necessidades e desejos para a formulação do próprio desenho inicial de projeto. Esta proposta vem desafiar a perceção da arquitetura como resposta didática para além da perceção temporal presente em potencial cooperação com ocupações que extravasam o universo humano na atualidade.

Idem, o trabalho desenvolvido pretende frisar, a partir da análise e contacto direto com a realidade arquitetónica potenciada entre abandonos e apropriações, a ação do arquiteto como sujeito que desenha não só a primeira vida e utilização de um espaço por si projetado, como as intermitências da sua morte. É a acessão das vivências do espaço como organismo que, ciclicamente, se transforma em conformidade com os desígnios dos seres que nele atuam que testemunhamos a coautoria e relevância da interação humana na constante formulação e redesenho da arquitetura. A liberdade e direito de viver e fazer cidade.



Fig. 5.37

Dive-In instalação edificada no deserto X, Vale Coachella, (2019)

5.37

qrfy.com/p/8ThgbOYbtV

https://studio.youtube.com/channel/UCezq-1phah9rt72JGzNXasA

Plataforma virtual criada como suporte para apresentar vídeos e sons captados nos projetos acima apresentados (“Ocupação do Escaravelho” e “Horta da Bananeira”), como forma de aproximação à realidade experimentada nestes lugares entre a vida e morte da arquitetura.



CAPÍTULO

6

REFLEXÕES FINAIS

O DIREITO À CIDADE

A partir da obra de Henri Lefèbvre ´*O Direito à Cidade*´

O Direito à Cidade extrapola a emancipação individual para aceder aos recursos urbanos. Lê-se, acima de tudo, um direito coletivo ao se edificar através de um exercício de redesenho mútuo do processo de urbanização pelo poder coletivo. Esta reflexão, proposta por Henri Lefebvre, pretende lograr a transformação, adaptação e consciencialização do domínio da organização e estruturação do quotidiano das populações, no modo como influencia e se torna ação consequente e observável na cidade. O território atinge o domínio simbólico, social e político de espelhar o enquadramento dos indivíduos na sociedade através da sua organização corpórea no espaço. Assim sendo, e considerando a inerente representação do corpo social na urbanidade, reclama-se o seu lugar tanto na coletividade política como no espaço da cidade. Sobre esta proposta David Harvey define o direito à cidade como "(...) é muito mais que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos: é o direito de mudar a si mesmos por mudar a cidade. É, sobretudo, um direito coletivo, ao invés de individual, pois esta transformação inevitavelmente depende do exercício de um poder coletivo para dar nova forma ao processo de urbanização. O direito a fazer e refazer as nossas cidades e nós mesmos é, como quero argumentar, um dos mais preciosos, e ainda assim mais negligenciados, dos nossos direitos humanos."

Esta liberdade coletiva de "fazer e refazer a cidade" pela ação de nela habitar e com ela, inevitavelmente, cocriar a rede de territórios do urbano é mote do presente ato retrospetivo, momento que almeja concluir as temáticas abordadas nos anteriores episódicos capítulos. A análise da obra de Henri Lefebvre dá continuidade e finaliza a proposta inicial levantada pelo estudo de ´*Morte e Vida das Grandes Cidades Americanas*`, da autoria de Jane Jacobs. Obra mote para o desenrolar da presente dissertação.

Na sua criação, Jacobs concretiza uma forte crítica aos moldes de pensamento sobre o planeamento urbano e às políticas de urbanismo vigentes na maioria das cidades americanas na década de 60. Para a autora, a vida saudável na urbanidade depende da relação que a comunidade estabelece com o território através da sensação de segurança, mobilidade (dando-se primazia ao transeunte do que ao automóvel) e sentimento de pertença que a mesma consegue estabelecer com o lugar. A dinâmica que a população estabelece com o espaço-público, como forma e possibilidade dos indivíduos "desenharem e redesenharem a cidade", atribuí relevância à liberdade e flexibilidade na atuação dos espaços da cidade pelos seus habitantes.

Fig. 6.1
Buscar água à fonte
(Bonfim, Porto)

O direito de pertencer e cocriar coletivamente a cidade proposto por Lefebvre é, em Jacobs, um indício libertário e de prosperidade no âmbito dos processos que fomentam a vida da cidade. Por oposição, o mal planeamento, a insegurança, a violência e o abandono são descritos pela própria como sendo fatores que promovem a morte das dinâmicas da urbe, perante a dificuldade simbiótica que expõem na associação da comunidade com o território.

Contudo, e, tendo em consideração o abandono como foco através da análise dos "não-vazios" urbanos no caso em estudo da freguesia do Bonfim, onde se exploram os lugares em perda, fruto da inutilização e abandono, através da possibilidade de transpor o seu carácter, evidentemente, fragmentado, improdutivo e inseguro. São estas invisibilidades urbanas que resistem e perfazem, também elas, a paisagem da cidade e a vivência das populações. Tornam-se objeto em estudo através das suas dinâmicas, dos seus intervenientes e dos seus elementos próprios que compõem os fenómenos da vida nas intermitências da sua morte.

6.1 EM SUMA

Num gesto sinóptico de cariz conclusivo expressa-se a dicotomia de fenómenos que proliferam a vida e a morte da cidade na reciprocidade que a temporalidade, aliada à intervenção e interação humana, atribuí sob os seus variados formatos no território urbano através da ação de percorrer e viver os espaços que os formalizam. Provindo do âmbito disciplinar da arquitetura e do urbanismo, *A Morte e Vida da Cidade - Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonfim,* incide numa ação mútua, tanto pela abordagem de conceitos, temáticas e discursos teóricos variados, como pela sua problematização através do estudo da especificidade de um contexto real no domínio da cidade. Posto isto, esta narrativa almeja gerar um percurso que cruze vários enquadramentos conceptuais através da abordagem e relação da obra e discurso de vários autores com uma aproximação à realidade explorada em campo na contemporaneidade. Com um olhar simultâneo entre a análise teórica/objetiva e participativa/integrativa/sensorial pretende revelar-se um contributo académico através da compreensão individual das aprendizagens operativas adquiridas com a experiência da urbanidade da cidade do Porto.

MOMENTO 1:
A Cidade Invisível

Tendo em consideração a multiplicidade de vivências que o espaço da cidade atribuí aos seus habitantes, também a arquitetura se apresenta sobre variados formatos de vivências na sua gestação como campo material e abstrato. Primeiramente, elaboraram-se "*As 7 Vidas da Arquitetura*", momento multiplamente episódico que contextualiza a vida e a morte da arquitetura enquanto espaço, também ele orgânico e metamórfico, através da inconstância e volubilidade da rede citadina.

Neste seguimento, introduziu-se uma das suas acessões de existência arquitetónica: o abandono, circunstância estrutural para o desenrolar do presente trabalho. É através do estudo desta temática no espaço da cidade sob os seus variados formatos, desde o elemento da ruína, assim como os baldios e terrenos vacantes, até outro tipo de molde, fruto do abandonar no território urbano, que se evocou o objeto de estudo sobre o qual a presente indagação se dedicou: as invisibilidades e abandonos urbanos na freguesia do Bonfim, na cidade do Porto.

MOMENTO 2:
Walkscapes

Este segundo instante, teve como cerne a metodologia e os modelos de ação desencadeados de forma a identificar, analisar, documentar, viver e participar nos lugares enunciados no anterior capítulo, nomeadamente, através da proeza de caminhar em meio urbano. Refletiu-se através do estudo de várias obras e momentos históricos, particularmente, com a obra ´*Walkscapes*` (que intitula o capítulo em questão) bem como o reconhecimento do dadaísmo, surrealismo e situacionismo como movimentos que amplamente desenvolveram a problematização do ato de caminhar, deambular e percorrer a urbe.

O estudo dos percursos erráticos enunciados por Careri vem inspirar as expedições urbanas efetuadas ao longo do Bonfim. Explorações estruturadas em 7 percursos caminhados através do espaço público da freguesia que, por atravessarem e penetrarem a unicidade das dinâmicas da urbanidade deste contexto, permitem tanto reconhecer os abandonos presentes no observável limite da esfera público-privado, como os elementos, intervenientes, personagens e fenómenos que caracterizam e formulam o universo destes lugares -"não-vazios". A partir destas expedições "lançaram-se" uma série de narrativas e testemunhos escritos das deambulações e peripécias sucedidas, assim como cartografias, apontamentos, desenhos, sons, vídeos e diálogos que auxiliaram o mapeamento da vivência das invisibilidades urbanas.

Reconhece-se, geograficamente, os lugares alvo de abandono e as diferentes tipologias e múltiplos estágios arquitetónicos sobre o qual tal fenómeno ocorre, como linguagem amplamente difundida na rede de territórios da cidade do Porto. O caminhar denota-se ação que se desenrola duplamente no tempo pelo movimento que, inequivocamente, implica pelo modo como se eleva a ferramenta que permite conhecer, *in situ*, o terreno e as cicatrizes que a temporalidade delimita na urbanidade.

MOMENTO 3:
Lugares e Não-lugares

Neste momento, ensaiou-se sobre os elementos documentados e elaborados na análise do trabalho desenvolvido em campo. Desenvolveu-se, primeiramente, um mapeamento dos percursos e dos lugares que cruzam e perfazem o imaginário das invisibilidades abandonadas na freguesia do Bonfim.

Posto isto, seguiu-se uma ação de reconhecimento dos intervenientes que compõem estes "não-vazios", ação de aproximação e humanização em prol do entendimento das dinâmicas destes lugares numa tentativa de visibilizar o que, até então, seriam fenómenos abstratos, enigmáticos e pouco explanados. Formalizou-se a categorização dos "*7 testemunhos do abandono*" arquitetónico, elementos que, para além de vestígios do obsoleto presentes no urbano, são também eles protagonistas filiados da vida nos interstícios da sua finitude.

A prática destes espaços paradigmáticos e o reconhecimento dos elementos que o formalizam dignificam, por conseguinte, a acessão destes territórios a lugares passíveis de estabelecer uma relação identitária com o sítio: antónimo do entendimento de um "não-lugar", conceito desenvolvido por Marc Augé (terminologia e temática que relaciona e introduz o capítulo em questão). Com efeito, vislumbraram-se a pluralidade dos constituintes que integram a vivacidade dos fenómenos que compõem o que, genericamente, se define (controversamente) como processos que proliferam a morte da arquitetura.

MOMENTO 4:
Intermitências da Morte

Relativamente ao último capítulo do desenvolvimento da presente dissertação, planeou-se a especificação do estudo da particularidade, das situações observadas anteriormente, nos testemunhos dos abandonos urbanos, particularmente, sobre aqueles que implicam a interação humana através da dinamização, apropriação e reocupação dos "não-vazios" da cidade.

O momento 4 denota-se eixo conclusivo que almeja definir e concluir um discurso que se iniciou desde a sua acessão abstrata e generalista, até à sua vagarosa metamorfose (culminante com o desfecho do presente trabalho) numa abordagem prática, participativa e em confronto com a realidade experimentada com a singularidade das situações, dinâmicas e indivíduos com os quais os anteriores percursos urbanos se cruzaram.

Neste seguimento, as expedições urbanas e as aproximações efetuadas anteriormente, intersetam-se neste ponto com o desenvolvimento de 2 projetos assentes nos lugares e cenários descobertos no capítulo 3 : a "Reocupação do Escaravelho" e a "Horta da Bananeira". Ensaiou-se, em ambos estes projetos, uma ação direta e participativa, onde foi possível experimentar e observar as dinâmicas erguidas em coletividade que persistem nos lugares em perda e resistência na freguesia do Bonfim. É através do diálogo e consideração da unicidade das narrativas dos indivíduos que habitam estes projetos entre as intermitências da morte urbana que é possível testemunhar as estórias entre o efémero e o perene na cidade do Porto. Arremata-se com a voz e o testemunho dos rostos que habitam os interstícios da vida na urbanidade.

6.2 ENTRE O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO (Aplicabilidades)

´Morte e Vida da Cidade - Intermitências na Urbanidade: percursos pelo Bonfim´ não pretende ser um desígnio que cessa com o findar do plano académico de estudos. Antes, a articulação deste universo de aproximações, referências, conhecimentos, relações e dinâmicas sucede como gesto estruturado em reflexões presentes que intenciona fomentar futuras posições e orientações através de um olhar incessante no modo de pensar a arquitetura.

Com efeito, o reconhecimento da temporalidade na urbanidade através do tempo que o movimento impele surge como foco individual e etéreo para um plano coletivo e objetivo na sua praticabilidade. Expressão última, clímax de um percurso pedagógico, mas também ideia atemporal, consequência, projeto e aprendizagem para a posterioridade.

O exercício de captar e relacionar os lugares, intervenientes, dinâmicas e sujeitos que perfazem a rede urbana do Bonfim distingue-se, simultaneamente, pelo cariz pedagógico constante que permite ao arquiteto reconhecer no sítio a materialização da sociedade através da aproximação a uma amostra da cidade. Reflexão e ação participativa por parte do mesmo num gesto de cocriação e assimilação de fenómenos que coabitam as intermitências da finitude da arquitetura.

Tal como o território da cidade subsiste por entre a vida e a morte dos lugares, também o presente trabalho procura um horizonte de desafios e correlações futuras que transgridam o seu presente fim: eternizando-se como vida e memória coletiva futura de um tempo e lugar que padece nos interstícios da sua imortalidade.

"A minha alma é fraca de mais
Para ter sequer a força do seu
Próprio enthusiasmo. Sou feito
De ruínas do inacabado, e é uma paisagem
De desistências a que definiria o meu ser."

(Fernando Pessoa)



CAPÍTULO

7

SUM:
FONTES DE INFORMAÇÃO, IMAGEM E OUTROS

A partir da obra de David Eagleman *´Sum: Forthy tales from the afterlife´*

Sum, predicado que batiza o título da presente obra em análise a partir da qual se desenrolam 40 pequenas estórias que ensaiam uma variedade de possibilidades de vidas pós-morte. Reflexão que provoca a noção tradicional do ocaso numa exploração de um novo imaginário da vida terrena através da especulação da sua corporeidade na eternidade. Este ensaio divaga sobre a ideia do que somos através das possibilidades que o autor, inventivamente, nos apresenta como alternativa do que poderemos ser num tempo infinito entre o presente e o perpétuo futuro.

Da mesma forma que, *´As Cidades Invisíveis`* nascem da construção de um conjunto de narrativas que exploram a diversidade de espaços urbanos navegados por Marco Polo e imaginados por Calvino, também em *´Sum`*, Eagleman concebe uma diversidade de cenários que albergam a temporalidade. Estórias no limite do real e inverosímil entre a vida e a morte. Lugares onde a finitude se impossibilita tal como sucede na vivência do espaço da cidade. A arquitetura potencia a vida e é, ela própria, presença e vida em potência.

Fig. 7.1
Intermitências do abandono
(Bonfim, Porto)

7.1 FONTES DE INFORMAÇÃO

Referências Bibliográficas

ALLAN POE, E. (2014) **Todos os Contos.** Lisboa: Temas e Debates.

AUGÉ, M. (2016) **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade.** Lisboa: Livraria Letra Livre.

BAUDELAIRE, C. (1985) **As Flores do mal.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BAUDELAIRE, C. (2006) **A Invenção da Modernidade.** Lisboa: Relógio D´Água Editores.

BELO, D; ABREU, J. (2020) **Viagem Maior**. Lisboa: Museu da Paisagem.

BENJAMIN, W. (1983) **Charles Baudelaire: A Lyric Poet in the Era of High Capitalism.** 2ª ed. London: Verso Editions.

BRETON, A. (1996) **Poisson Soluble.** Paris: Gallimard

CALVINO, I. (2015) **As Cidades Invisíveis.** Alfragide: Publicações Dom Quixote.

CARERI, F. (2013) **Walkscapes: o Caminhar como Prática Estética.** Barcelona: Editora Gustavo Gili.

CASTELO BRANCO, C. (1985) **As Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado.** Porto: Lello Editores.

CULLEN, G. (2018) **Paisagem Urbana.** Lisboa: Edições 70.

DE BRITO e SILVA, G. (2014) **Portugal em Ruínas**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

DE SOLÀ-MORALES, I. (1995) **Territorios.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

DELEUZE, G. (2000) **Diferença e Repetição.** Lisboa: Relógio D´Água Editores.

DOMINGUES, Á. (2021) **Paisagens Transgénicas.** Lisboa: Museu da Paisagem.

DONOSO, P. (ed.) (2016) **Gordon Matta-Clark: Experience Becomes the Object.** Barcelona: Ediciones Polígrafa.

EAGLEMAN, D. (2009) **Sum: Forty Tales from the Afterlives.** Edinburgh: Canongate Books.

FARTO, A. (2014) **Entropy.** Paris: Éditions Gallimard.

GEHL, J. (2017) **A Vida entre Edifícios.** Lisboa: Livraria Tigre de Papel.

HALL, E. (1986) **A Dimensão Oculta.** Lisboa: Relógio D´Água.

JACOBS, J. (2011) **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.

JOKILEHTO, J. (2017) **A History of Architectural Conservation.** Abingdon: Routledge.

KLEE, P. (1953) **Pedagogical Sketchbook.** New York: Frederick A. Praeger Publishers.

LEFÈBVRE, H. (2008) **Elements of Rhythmanalysis: An Introduction to the Understanding of Rhythmsin / Rhythmanalysis. Space, Time and Everdyday Life.** Londres: Continuum

LEFÈBVRE, H. (2011) **O Direito à Cidade.** São Paulo: Centauro Editora.

LOOS, A. (2019) **Ornament and Crime.** Milton Keynes: Penguin.

LYNCH, K. (2017) **A Imagem da Cidade.** Lisboa: Edições 70.

MONTEYS, X. (2000) **Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

PESSOA, F. (2014) **Livro do Desassossego.** Lisboa: Assírio & Alvim.

PLATÃO. (1997) **A República.** São Paulo: Nova Cultural.

QUATREMÈRE DE QUINCY, A, C. (2017) **Dictionnaire Historique d´Architecture.** Paris: Hachette Livre BNF.

RUSKIN, J. (1901) **The Works of John Ruskin.** Londres: G. Allen.

RUSKIN, J. (1889) **The Seven Lamps of Architecture.** Londres: G. Allen.

SARAMAGO, J. (2014) **Intermitências da Morte.** Porto: Fundação José Saramago e Porto Editora.

SIZA, Á. (2017) **Imaginar a Evidência.** Lisboa: Edições 70.

STAVRIDES, S. (2021) **Espaço Comum: a Cidade como Obra Coletiva.** Lisboa: Orfeu Negro.

TANIZAKI, V. (2001) **In Praise of Shadows.** London: Vintage.

TONINO, G. (1999) **Abandoned Places.** 1ª ed. Montreal: Guernica Editions.

VIOLLET-LE-DUC, E. E. & WHITEHEAD, K. (1990) **The Foundations of Architecture: Selections from the Dictionnaire Raisonne.** Nova Iorque: George Braziller.

VIOLLET-LE-DUC, E. E. (2011) **Lectures on Architecture.** Nova Iorque: Dover Publications.

VITRÚVIO. (2006) **Tratado de Arquitectura.** Paris: IST

WASSILY, K. (2017) **Do Espiritual na Arte.** Alfragide: Publicações Dom Quixote.

WONG, L. (2016) **Adaptive Reuse: Extending the Lives of Buildings.** Basel: Birkhäuser Verlag GmbH.

ZUMTHOR, P. (2006) **Atmosferas.** Lisboa: Editorial Gustavo Gili.

Publicações e Artigos

Jordan, A.,Wegner, A. & SUPERFLEX. (2021) ´**Fish Architecture – A framework to create Interspecies Spaces**´, BCS Learning and Development Ltd

Brito-Henriques, E. & Morgado, P. (2017). ´**A methodology for identification and analysis of city shrinkage effects in urban morphology and landscape.**`In 3rd International Scientific Conference Geobalcanica 2017

Brito-Henriques, E., Morgado, P. & Cruz, D. (2018). ´**Morfologia da cidade perfurada: padrões espaciais de ruínas e terrenos vacantes em cidades portuguesas.**` Finisterra -Revista Portuguesa de Geografia 53(108)

Brito-Henriques, E., Cavaco, C. & Labastida, M. (eds.) (2019). ´**Ruínas e Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações.** `Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Bogalheiro, M., Babo, I., Sousa Cardoso, J. (2021) ´**Expressões Visuais Disruptivas no Espaço Público**´, Universidade Lusófona do Porto – CICANT.

Bogalheiro, M. (2021) ´**A Natureza Tectónica das Imagens`,** Universidade Lusófona do Porto – CICANT.

Oliveira, M. M. (2018). ´**A partir de Hubert Robert: da ruína como campo indeciso**.` Comunicação ao 2º Seminário Intermédio NoVOID, Universidade do Minho, Guimarães.

Oliveira, I., Labastida, M. & Pereira, R. (2018). ´**Los (no)vacíos de la ciudad perforada: propuestas alternativas para edificios y solares abandonados en Guimarães y Vizela, Portugal.**` Saragoça: Prensas de la Universidad.

Sarmento, J. & Pereira, R. (2019). ´**Apropriações e Usos de Ruínas e Espaços Vazios. Experiências em Guimarães e Vizela.**` Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).

Stoner, J. (2016) ´**The Nine Lives of Buildings**`, John Wiley & Sons Ltd.

Trabalhos Académicos

Lopes Delgado, N. (2021), ´**Desenhar a noite. Porto: uma leitura crítica dos territórios da noite urbana**`, Mestrado Integrado Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Silvestre, M. (2021), ´**De(s)desejo: Cartografias da prostituição no espaço urbano do Porto**`, Mestrado Integrado Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Lopes Regadas, M.S. (2021), ´**Habitar a Rua: O efémero - Apropriações de outros espaços do esquecimento**`, Mestrado Integrado Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Nadou Darmon, C.M. (2020), ´**Habitar a Água, Os Lavadouros Públicos do Porto: uma experiência das mulheres na cidade moderna**`, Mestrado Integrado Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Fani Alessandri Carlos, A. (2017), ´**Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**´, Mestrado Integrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Mesquita, M. (2015), ´**Das redes da invisibilidade na equação contemporânea do território De Processo, projecto, obra e serviço público de água no Porto no entre séculos XIX/XX: - uma investigação/acção na perspectiva do ser arquitecto e da emergência das transdisciplinaridades em Arquitectura, hoje.**`, Doutoramento em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Filmes

TARKOVSKY, A. (1979). **Stalker.** Janus Films. (2h 43m)

Recursos Online

A Habitação Hoje! : **Levantamentos de Terrenos e Edifícios devolutos no Porto.** 2022. Disponível em: < https://www.habitacaohoje.org/levantamento-devolutos >. Consultado a: 20/04/2023.

NOVOID: **Ruínas e Terrenos Vagos nas Cidades Portuguesas.** 2018. Disponível em: <https://novoid2016.wixsite.com/novoid>. Consultado a: 10/07/2023.

FONTES ICONOGRÁFICAS:

Lista de Figuras e Créditos de Imagem

Todas as figuras sem créditos atribuídos são da autoria da própria

Fig. 2.2 e 2.3
Estudo e desenhos do projeto *Pavilhão Philips*

(https://www.archdaily.com.br/br/01-110968/classicos-da-arquitetura-pavilhao-philips-expo-58-slash-le-corbusier-e-iannis-xenakis/517d38cbb3fc4bdd3a000007-classicos-da-arquitetura-pavilhao-philips-expo-58-slash-le-corbusier-e-iannis-xenakis-estudos)

Fig. 2.4
Processo de Construção da obra *Pavilhão Philips*

(https://www.archdaily.com.br/br/01-110968/classicos-da-arquitetura-pavilhao-philips-expo-58-slash-le-corbusier-e-iannis-xenakis)

Fig. 2.5
Maqueta da estrutura do projeto *Pavilhão Philips*

(http://madc-texts.blogspot.com/2015/01/la-tecnica-oportuna.html)

Fig. 2.6
Maqueta do projeto *Endless House* da autoria de Frederick Kiesler (1958)

(https://www.nytimes.com/2015/08/28/arts/design/review-endless-house-expands-the-definition-of-home.html)

Fig. 2.7
Processo de construção da *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto,* Álvaro Siza

(https://www.monadebooks.com/archive/petertesta)

Fig. 2.8
Esquisso da *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto,* da autoria de Álvaro Siza

(https://noticias.up.pt/ineditos-de-alvaro-siza-na-abertura-da-fundacao-marques-da-silva/)

Fig. 2.9
Fachada da Igreja Santa Maria degli Angeli e dei Martiri

(https://numpostal.com/roma/)

Fig. 2.11
Projeto da fachada de La Madeleine da autoria de Viollet le Duc

(https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Eugene-Emmanuel-Viollet-le-Duc/270468/A-fachada-da-La-Madeleine-de-Vézelay-(caneta-e-tinta-sobre-papel).html)

Fig. 2.12 e 2.13
Ruínas da praça do Antigo Mercado de Varsóvia após a destruição da II Guerra Mundial (1944)

(https://notesfrompoland.com/2020/08/01/norman-davies-a-defence-of-the-warsaw-uprising-in-eight-theses/)

Fig. 2.14
Extensão do Museu Militar de Dresden, pelo arquiteto Daniel Libeskind (2011)

(https://www.modlar.com/photos/9925/bundeswehr-military-history-museum/)

Fig. 2.15
Bunker 599, pelo atelier RAAAF

(https://www.ignant.com/2013/12/13/bunker-599/)

Fig. 2.16
Livraria Selexyz, em Maastricht (2017)

Crédito: Größe dieser Vorschau
(https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Maastricht_Dominicanenkerk_BW_2017-08-19_12-35-54.jpg)

Fig. 2.17
Praça ressultante da adaptação dos fragmentos da ruína da Igreja Madre em Salemi, Itália, pelo arquiteto Álvaro Siza e Roberto Collovà

Crédito :Orazio Saluci
(https://divisare.com/projects/99505-alvaro-siza-vieira-roberto-collova-orazio-saluci-piazza-alicia-e-ricostruzione-della-chiesa-madre)

Fig. 2.18
Instalação *Wall Drawing 51* do artista Sol LeWitt, primeiramente exibida em 1970, em Turim, Itália (Museu de Turim e na Galeria de Sperone)

(https://massmoca.org/event/walldrawing51/)

Fig. 2.19
Reinterpretação de uma habitação em Bunny Lane (NJ, EUA), por Adam Kalkin, em 2015.

Crédito: Peter Aaron
(https://www.adamkalkin.com)

Fig. 2.20 e 2.21
Splitting por Gordon Matta-Clark, em 1974 (NJ, EUA)

(https://whitney.org/collection/works/43341)

Fig. 2.22
The End of the Industrial Era, projeto de Vhils (2021)

(https://vhils.com)

Fig. 2.23
Pórtico de Otávio, Roma, Itália.

(https://artsandculture.google.com/entity/m09f679?hl=pt)

Fig. 2.24
Ruínas da aldeia de Vilarinho das Furnas submersa desde 1971

Crédito: Joaquim Gomes 2022
(https://ominho.pt/ja-se-ve-metade-da-antiga-aldeia-de-vilarinho-da-furna-no-geres/)

Fig. 2.26
Ruína do Castelo de Moritzburg em Halle, Alemanha (1950)

(https://www.kunstmuseum-moritzburg.de/en/museum-exhibitions/moritzburg-castle/#collapseBox-7174)
(https://archello.com/project/museum-of-art-moritzburg)

Fig. 2.28
Bombardeamento atómico, Japão (1945)

(https://ahf.nuclearmuseum.org/ahf/history/debate-over-bomb-annotated-bibliography/)

Fig. 2.29
Implosão da Torre 5 no bairro do Aleixo, Porto (2011)

(https://shop14920.etjrdc.org/category?name=bairro%20aleixo%20porto)

Fig. 2.30
Demolição do bairro do 2º Torrão, Almada (2023)

(https://osetubalense.com/local/almada/2023/04/20/moradores-do-2-o-torrao-pedem-no-parlamento-ajuda-no-processo-de-realojamento/)

Fig. 2.31
Complexo Shinto Shrine de Ise Jingu em Mie Prefecture, Japão

(https://jref.com/articles/ise-grand-shrine-ise-jingu.556/)

Fig. 2.32
Residência de um antigo comandante da SS, em Kamp Westerbork, convertida num memorial do Holocausto pelo atelier Oving Architecten (2015)

(https://www.dezeen.com/2015/10/06/oving-architecten-concentration-camp-house-glass-memorial-holocaust-holland/)

Fig. 2.33
Tribute in Light Over Liberty Island ,projeção de luz por Julian LaVerdiere e Paul Myoda, Nova Iorque (2001)

(https://www.artspace.com/julian_laverdiere_and_paul_myoda/tribute_in_light_over_liberty_island)

Fig. 2.34 e 2.35
Instalação de Edoardo Tresoldi. Interpretação em arame à escala real da basílica cristã situada nas proximidades da Igreja de Santa Maria di Siponto, Itália (2016)

Crédito: Blind Eye Factory
(https://www.edoardotresoldi.com/works/basilica-di-siponto/)

Fig. 2.36
Home Within Home, instalação por Do Ho Suh, Museu de Arte Contemporânea de Seoul, Coreia do Sul (2014)

(https://www.phaidon.com/agenda/art/articles/2013/november/19/do-suh-ho-creates-life-sized-models-of-his-homes/)

Fig. 2.37
Intervenção arquitetónica no Museu Hedmark em Hamar, Noruega, pelo arquiteto Sverre Fehn (1988)

(https://www.architecturenorway.no/stories/photo-stories/binet-hamar-09/)

Fig. 2.38
Colapso do Campanário de São Marcos, Veneza, Itália (1902)

(https://fotosiconicas.blogspot.com/2018/07/colapso-en-venecia-en-la-actualidad-de.html)

Fig. 2.39
Capricho arquitetónico com obelisco, oléo sobre tela de Hubert Robert, França (1768)

(https://www.meisterdrucke.pt/artista/Hubert-Robert.html)

Fig. 2.40
Templo em ruínas, óleo sobre tela de Hubert Robert, França (1770-1780)

(https://artsandculture.google.com/asset/temple-in-ruins-hubert-robert/DQFqDGCYiNHHuw)

Fig. 2.41
Frontíspicio: Ruínas imaginárias com uma estátua de Minerva, gravura de Giovanni Battista Piranesi *(1778)*

(https://www.artsy.net/artwork/giovanni-battista-piranesi-fantasy-of-ruins-with-the-statue-of-minerva-the-frontispiece-for-the-vedute-di-roma)

Fig. 2.42
The Jealous Wall, ruína construída na propriedade Belvedere por Robert Rochfort, em Mullingar, Irlanda (1760)

(https://www.flickr.com/photos/conryan/3546438805)

Fig. 3.2
Pegadas de Australopithecus afarensis, Laetoli, Tanzânia

Crédito: Raffaello Pellizzon
(https://forbes.com.br/outros_destaques/2016/12/pegadas-de-hominideos-de-36-milhoes-de-anos-foram-descobertas-na-tanzania/)

Fig. 3.3
Gravura rupestre, Bedolina, Val Camonica (cerca de 10.000 a.c.)

(https://www.ccsp.it/web/VALCAMONICA/parchi%20valcamonica%20IT.html)

Fig. 3.4
Frame do filme *Stalker*, Andrei Tarkovsky, 1979 (2h42m)

(https://www.filmin.pt/filme/stalker?origin=searcher&origin-type=primary)

Fig. 3.5
DADA, *´Excursions & Visites´* Manifesto (1921)

(https://walkingart.interartive.org/2018/12/hbm-walking)

Fig. 3.6
Excursão Dada a Saint-Julien-le-Pauvre, Paris (14 de April 1921)

(https://walkingart.interartive.org/2018/12/hbm-walking)

Fig. 3.7
Poisson Soluble, Manifesto Surrealista (1924)

(https://www.finarte.it/auction/books-autographs-prints-rome-2023-03-09/andr-breton-manifeste-du-surralisme-poisson-soluble-87094?lang=en)

Fig. 3.8
La Guide Psychogéographique de Paris, de Guy Debord (1957)

(https://www.researchgate.net/figure/Guy-Debord-Guide-psychogeographique-de-Paris-discours-sur-les-passions-de-lamour_fig25_355796808)

Fig. 3.10
Representação simbólica da Nova Babilónia, Constant *(1969)*

(https://books.openedition.org/editionscnrs/4295

Fig. 3.11
Richard Long, *A Line Made by Walking (1967)*

(https://publicdelivery.org/richard-long-line-made-by-walking/)

Fig. 3.12
Secant, Carl Andre (1977)

(https://artedeximena.wordpress.com/arte-contemporaneo/8-0-arte-pop-arte-minimal-y-arte-conceptual/arte-minimal/cg-secante-1977-carl-andre-0087/)

Fig. 3.13
Robert Smithson, *Monuments of Passaic* (1967)

(https://www.researchgate.net/figure/Figuras-1-y-2-Imagenes-del-libro-de-Robert-Smithson-Monuments-of-Passaic-1967-12-y-24_fig1_314810991)

Fig. 2.36
Home Within Home, instalação por Do Ho Suh, Museu de Arte Contemporânea de Seoul, Coreia do Sul (2014)

(https://www.phaidon.com/agenda/art/articles/2013/november/19/do-suh-ho-creates-life-sized-models-of-his-homes/)

Fig. 2.37
Intervenção arquitetónica no Museu Hedmark em Hamar, Noruega, pelo arquiteto Sverre Fehn (1988)

(https://www.architecturenorway.no/stories/photo-stories/binet-hamar-09/)

Fig. 2.38
Colapso do Campanário de São Marcos, Veneza, Itália (1902)

(https://fotosiconicas.blogspot.com/2018/07/colapso-en-venecia-en-la-actualidad-de.html)

Fig. 2.39
Capricho arquitetónico com obelisco, oléo sobre tela de Hubert Robert, França (1768)

(https://www.meisterdrucke.pt/artista/Hubert-Robert.html)

Fig. 2.40
Templo em ruínas, óleo sobre tela de Hubert Robert, França (1770-1780)

(https://artsandculture.google.com/asset/temple-in-ruins-hubert-robert/DQFqDGCYiNHHuw)

Fig. 5.3
Dinâmicas e vivências de ocupação, no projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)

Arquivo fotográfico da "Ocupação Escaravelho"
Crédito: Sofia Borges

Fig. 5.4
Dinâmicas e vivências de ocupação, Recolha de água nas imdeiações do projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)

Arquivo fotográfico da "Ocupação Escaravelho"
Crédito: Sofia Borges

Fig. 5.7
Dinâmicas e vivências de ocupação, projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)

Arquivo fotográfico da "Ocupação Escaravelho"
Crédito: Sofia Borges

Fig. 5.8
Dinâmicas e vivências de ocupação, Recolha de água nas imdeiações do projeto *O Escaravelho,* Porto (2022)

Arquivo fotográfico da "Ocupação Escaravelho"
Crédito: Sofia Borges

Fig. 5.12, 5.13, 5.14, 5.15, 5.16
Dinâmicas e vivências de ocupação: trabalhar a terra e organização das unidades hortícolas, projeto "Horta das Fontaínhas", Porto (2022)

Crédito: Ana Rego
(https://www.jornalmapa.pt/2022/05/27/horta-bananeira-fontainhas/)

Fig. 5.23
Presenças e utilizações numa habitação ocupada: projeto *Escaravelho*, Porto (2022)

Arquivo fotográfico da "Ocupação Escaravelho"
Crédito: Sofia Borges

Fig. 5.26, 5.29, 5.30, 5.31, 5.32, 5.33 e 5.36
Adaptações na utilização de uma habitação alvo de ocupação, projeto *Escaravelho,* Porto (2022)

Arquivo fotográfico da "Ocupação Escaravelho"
Crédito: Sofia Borges

Fig. 5.37
Dive-In instalação edificada no deserto X, Vale Coachella, (2019)

(https://superflex.net/works/dive-in)